A Saga Magister-Auctor

Uma ideia perigosa

Babitha Chakma

Delung Huáng

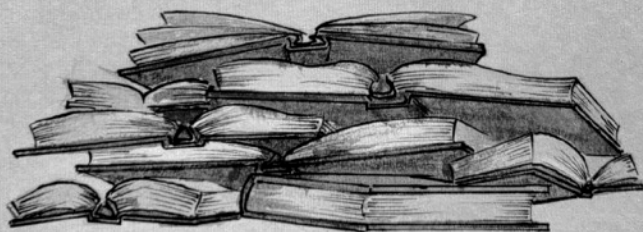
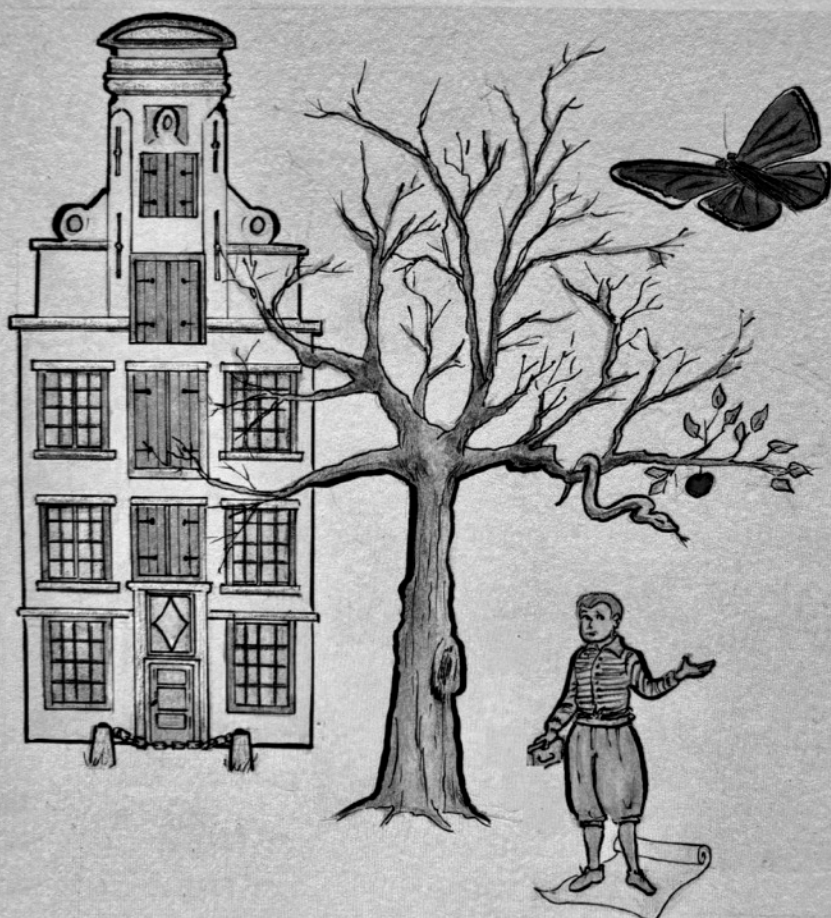
Versão 2.11

Título: *A saga Magister-Auctor. 02. Uma ideia perigosa*
Co-autores: Babitha Chakma e Delun Huáng
E-livro realizado em Pages em *Charter 14*
Título original: *De Magister-Auctor Saga. Een gevaarlijke gedachte*

Os autores agradecem o apoio de Zita Couro, estudiosa da língua portuguesa como ela era falada no 120.º hectano que gentilmente procedeu à revisão do texto.

A Saga Magister-Auctor

Uma ideia perigosa

Bablitha Chakma

Delung Huáng

Para Manuel,
Sebastião e Olívia

Viagem a Frankfurt

O barco parou outra vez. Sente-se o calor da fim de tarde primaveril e os passageiros preferem ficar a bordo, para apanhar a aparente frescura da superfície da água. No caminho de sirga poeirento, os condutores dos cavalos parecem estar a negociar com o dono da casa de cambio. O barqueiro anunciou há pouco aos passageiros que muito provavelmente haverá uma noite de atraso. John deitou a cabeça ao colo de Henriette e adormeceu. O irmão dois anos mais velho olha em seu redor, levanta-se e caminha para o outro lado do barco. Tenta ganhar a atenção do pai que está a ler uma edição de *Acta Eruditorum* ao ar livre, aproveitando a luz do fim do dia.

"Quando é que vamos continuar a viagem, pai?" pergunta o rapaz mais uma vez. Pieter levanta a cabeça, guarda o periódico na bolsa, tira o pince-nez e olha para o filho. "O barqueiro não sabe ao certo, pelo que também não nos consegue dizer nada de concreto. Temos que esperar que os cavalos descansam", responde.

Pai e filho levantam-se para se juntarem novamente a John e Henriette na cabine. Pieter ouve um co-passageiro observar que este atraso deve ser o trabalho dos malditos hereges que se amontoam na cidade de Frankfurt: "Fazem tudo para complicar os negócios com os católicos. Temos mas de os enviar todos para a fogueira." Pieter suspira. O edito de Luís XIV que remete as liberdades religiosas na França novamente para o período anterior ao edito de Nantes só tem 5 anos. Mas

o retrocesso foi de 80 anos. O medo empurrou Huguenotes e outras famílias de cristãos reformados para os países mais a Norte. Alguns anos antes do anúncio deste beligerante edito de Luís, o seu primo, o Sacro Imperador Romano Leopoldo I, tinha renegociado com a edilidade de Frankfurt a constituição da cidade. O burgo-destino de Pieter e a sua família dispõe agora do seu próprio conselho de burgueses. Atualmente a cidade floresce, porque acolhe dentro das suas muralhas de braços abertos artesãos e comerciantes competentes e muitos intelectuais. Mas isto poderá mudar. Ao que parece, a população maioritariamente católica do vale do Reno está zangada ou preocupada e anseia pela contra-reforma. Infelizmente, comentários como o do companheiro de viagem, aborrecido devido ao atraso, são cada vez mais frequentes, mesmo entre os colegas de Pieter na *Artistenfacultät* da *Universitas studii Coloniensis*. Os hereges têm a culpa de tudo. Pieter tem na ponta da língua observar que aos cavalos é-lhes indiferente receber feno católico ou reformado. E que também não se preocupam em saber qual é o modo mais correcto para venerar o deus dos cavalos que cuida deles. Mas depois de fitar com mais atenção o adepto de fogueiras contém-se do que seria claramente entendido como um reparo provocador. Ao invés, diz em tom meio-alto ao filho: “É provável que quando terás a minha idade e viajarás de barco, já não ficarás entregue à labuta de cavalos. Acabo de ler em *Acta Eruditorum* que Papin desenhou uma proposta para um barco com um engenho movido à vapor.” Ouvindo Pieter, o viajante maldisposto afirma: “uma invenção Papista para torcer o

pescoço desses hereges de condutores de cavalos? Que boa notícia.” Pieter pisca discretamente o olho a Henriette. Ambos mostram um sorriso triste. Não é possível fazer desaparecer a ignorância por magia. Como muitos outros, e apesar da informação disponível, o homem não sabe que Denis Papin é um eminente físico e ainda menos que, sendo calvinista, este preferiu sair da França para se instalar num local menos ameaçador. Pergunta-se quanto tempo durará até *Acta Eruditorum* ficar suspeita, também em Köln. Os Jesuítas defendem o *Journal des Sçavans* como sendo mais credível. Já se começa a sentir a formação de dois grupos, mesmo entre académicos. Por um lado há quem só considere o *Journal*, e por outro há quem não se limite ao *Journal* e à *Acta*, mas também leia o *Philosophical Transactions of the Royal Society*, vindo da Inglaterra.

Como sempre acontece, quando os seus pensamentos derivam para a Companhia de Jesus, Pieter toma consciência dos seus sentimentos contraditórios. Como académico aprecia grandemente a capacidade intelectual dos seus interlocutores que pertencem à Companhia, mas, como mestre, tem a dolorosa clarividência de como a Companhia é usada pela Igreja para, em nome da fé, semear a discórdia entre sábios e ignorantes.

Ainda há pouco tempo chegou-lhe uma história perturbadora: o arquipélago vulcânico dos Açores sofreu um forte sismo na Ilha Terceira, no passado mês de abril. Dez dias depois, o estado de pânico era geral, devido a boatos que a ilha seria agora engolida pelas ondas. Os boatos teriam sido postos a

circular por dois padres, um franciscano e um jesuíta. Imediatamente houve procissões de penitência e autoflagelação maciça para implorar a piedade de Deus. E 'miraculosamente' a ilha não se afundou. Por muito que tente, Pieter não consegue ver em que este comportamento difere daquilo que a Igreja considera se-rem rituais pagãos de povos primitivos. Como que é possível que quem domine a escola e está intitulado para levar ao conhecimento, leve as pessoas antes ao sofrimento.

Pieter senta-se ao lado de Henriette, puxa o seu filho de 14 anos contra ele e olha para John que continua a dormir.

"A *diligence* não teria sido melhor opção?" pergunta ela.

"A viagem teria sido talvez um pouco mais curta, mas tenho a certeza que para a saúde dos rapazes a viagem de barco é melhor. E a *diligence* é também bem mais cara."

"A estrada continua realmente tão má para a percorrer de carroça? Pensava que se tinha uniformizado a largura dos eixos das carroças para que as trilhas que formam serem mais regulares."

Pieter sorri para Henriette: "Estás a pensar na oferta de Claudius?"

Ela acena com a cabeça. "Ele propôs ficar em Frankfurt o mesmo tempo que nós e manifestou que ficaria encantado se decidíssemos acompanhá-lo no regresso na sua *Berline* da qual assegura que é confortável."

"Podemos ver com ele. Claudius poderá certamente dizer-nos mais acerca do estado das estradas. Quero sobretudo evitar que os rapazes sofram uma lesão nas costas. E também seria

bom termos alguma informação sobre a segurança.” Inclinando-se mais para a Henriette, sussurra-lhe no ouvido: “Imagina que circulam pequenos grupos atiçados por conversas do género do nosso viajante ali. Não sabemos com que velocidade circulam as notícias acerca do nosso muito bom amigo, cada vez mais *persona non grata* no mundo católico romano…”

Claudius interrompe as suas tentativas de leitura, agora que, nesta parte da estrada, a carruagem se agita e baloiça bastante. Ele deixa fluir os pensamentos acerca da visita de amigos que se avizinha. Está muito entusiasmado com a ideia de finalmente conhecer Wolfgang pessoalmente, depois de tantos anos de correspondência.
Faz agora 27 anos que conheceu o então jovem Pieter. Claudius lembra-se perfeitamente do vivaz e inteligente adolescen-te com discurso de adulto, que argumentava acerca da tarefa dos mestres de crianças, que devia consistir em propagar conhecimento e ciência. Numa assentada falava também das lamentáveis condições de vida de quem vive no campo. Enfurecia-se facilmente com a constatação que servos e empregadas dos patrícios da cidade não sabiam ler, devido à escola que, paradoxalmente, tinha como finalidade de lhes proporcionar esta habilidade. Lembra-se também com alegria o modo como apresentou Pieter a Henriette. E recorda como percebeu rapidamente que Pieter tinha recebido a sua riqueza intelectual de Wolfgang. O pai de Pieter, agora com sessenta anos, olhando para trás, revela uma vida interessante, da qual um dos pontos altos foi certamente os anos passados em

Amsterdão. Claudius sente crescer a sua ânsia de chegar ao momento em que finalmente ouvirá Wolfgang falar ao vivo acerca de Comenius.
Claudius e Wolfgang mantêm a sua produtiva e regular correspondência graças à cada vez melhor organizada família Tassis que alarga pouco a pouco o seu serviço de entrega de cartas. A família vive na *Belgium Regia* e tem uma rede de postos de relevo em toda a Europa, devido a uma eficaz diplomacia. Falando de diplomacia; numa das suas últimas cartas, Wolfgang escreve bastante acerca de Pieter Paul Rubens, antes na sua qualidade de diplomata do que de pintor. O pai de Wolfgang parecia estar razoavelmente bem informado da vida de Rubens. Naquele período muito atribulado da história dos Países Baixos e com a criação da *Belgium Regia,* a *Belgium Fœderatum* encolheu de dezassete para sete províncias. Foi então que Rubens, enquanto pintor da corte, de diferentes cortes europeias tinha desenvolvido uma rede de contactos invejável. Tornou-se particularmente eficaz como negociador, entre casas reais e ducais tradicionalmente de difícil conciliação. Rubens ganhou o estatuto de patrício influente. Teve um imenso proveito financeiro que resultou da contra-reforma o que não deixa de ser algo irónico, quando sabemos que o pai de Rubens era calvinista. Fugiu da cidade de Antuérpia para escapar à vingança do duque de Alva, depois do *Beeldenstorm*, como ficou conhecida a destruição iconoclasta que varreu os Países Baixos em 1566. Ou seja, pensa Claudius, o diplomata não deixa de continuar a ficar assombrado pelo muito enriquecido artista. Será que Rubens

tinha a consciência de quantos sábios a instituição que iniciou a contra-reforma colocou na fogueira ou mandava calar, em nome da interpretação que tinha de Deus?Que sentimento religioso e de Deus terá tido este exuberante pintor que com igual facilidade colocava em cena episódios da mitologia grega e romana como episódios bíblicos? Ou seria neste caso melhor falar de um sentimento espiritual? Continua uma questão aberta para o *bispo in partibus infidelium*: como é que cada um vive a sua espiritualidade na sua intimidade interna. Será o sentir de Deus uma experiência ou uma imposição? Com o passar dos anos apercebeu-se que é difícil, senão impossível, debater esta questão com os seus colegas bispos, sem chegar perigosamente perto do ponto em que seria acusado de heresia. Só uma vez abordou o assunto com Benedetto Odescalchi, já depois de ter sido eleito Papa Innocentius XI. Foi quando este papa conseguiu que a Igreja condenasse a escravatura, alguns anos antes da sua morte. Regressando agora de Roma, onde entretanto Pietro Ottoboni foi incumbido de dirigir a igreja sob o nome de Alexandre VIII, as dúvidas de Claudius voltam a crescer. Percebeu bem as manobras políticas por trás dessa eleição e vê com desagrado e tristeza como este papa de imediato mostrou não passar de um traficante de influências com a firme intenção de suspender ou fazer desaparecer o trabalho do seu antecessor…

Claudius não se questiona unicamente no plano da religião. Graças aos laços de amizade que mantém com arquivistas em Roma e Fiorenze, conseguiu consultar um exemplar do recém impresso *De Motu Antiquiora* de Galileu, ou *scripta mea*, com o

qual o autor se referia a esta obra. Fascina-o que o cientista trabalhou o texto deste documento durante quase toda a vida. Identificam-se facilmente as sucessivas dúvidas e reformulações do sábio. Então não podem as dúvidas em relação à natureza das coisas e à natureza do movimento justificar as dúvidas acerca da natureza do ser humano e da sua espiritualidade? O que mais incomoda Claudius é aquilo ao que se refere como raciocínio circular, com o qual os altos dignitários da Instituição Eclesiástica calaram o velho Galileu enquanto o próprio sábio continuava a tentar perceber como Aristoteles teria pensado se tivesse vivido no tempo de Galileu. Ri-se tristemente para si próprio ao constatar que a posição dogmática dos inquisidores teria condenado o próprio Aristoteles por ter evoluído no seu pensamento enquanto eles decidiram congelar como verdades eternas as primeiras hipóteses do filósofo, marcadas pelo tempo.

A carruagem pára de repente e faz Claudius sobressair dos seus pensamentos. Ouve o cocheiro descer do seu lugar. Olha para fora e decide também esticar as pernas. Um pouco mais à frente, vê outras duas carruagens. Uma *caleche* de dois varais muito parecida com a sua própria *Berline* e que vem do lado oposto está parada. Na sua direção de marcha encontra-se uma carruagem meio-deitada. Aparenta ter a '*flèche*' danificada devido aos profundos sulcos na zona de passagem. Um dos cocheiros foi procurar ajuda na aldeia próxima. Não se pode fazer mais, senão esperar pela chegada de quem ajuda a elevar e desviar a carruagem danificada. Bispo Claudius Cardinalis encarrega o cocheiro de solicitar hospitalidade para a noite no pequeno castelo à entrada da aldeia. Será impossível alcançar

hoje a abadia onde ele tenciona descansar alguns dias antes de continuar a viagem até Frankfurt.

***

Passaram entretanto três semanas. Pieter, Henriette e os seus dois filhos instalaram-se na ampla mansão de Wolfgang e Hildegarde. Os rapazes fazem longas caminhadas com o avô que lhes conta episódios da história da cidade. Visitam a tipografia que está a preparar a edição de alguns dos textos de Wolfgang. John fica, mais do que o irmão, encantado com todo o processo da manufactura de um livro. Naquele dia, mal chegam à casa, ele pede a permissão para se retirar na biblioteca pessoal do avô. Quando, alguns dias depois, Hildegarde, como se tornou hábito, o procura porque não reagiu ao gongo para o almoço, ela encontra-o concentrado sobre a versão Latino-Alemã da obra de Comenius *Orbis Sensualium Pictus.* O rapaz desgostoso por ter que interromper a sua leitura acerca dos ofícios, entre *alfaiate* e *sapateiro,* resiste um pouco. Mas o anúncio que uma nova visita os espera deixa-o também curioso.
Quando Hildegarde e John entram na sala de jantar, a família já está sentada a mesa. Como é de costume, Wolfgang ocupa o lugar na cabeceira da mesa. À sua direita não está Pieter, como habitualmente. Uma personagem alta, vestida de modestas roupas de clérigo, está sentada entre pai e filho. Frente ao visitante, à esquerda de Wolfgang, ficou um lugar aberto, ao lado de Henriette. Hildegarde dá sinal para John se sentar ao lado da sua mãe, frente ao convidado. O homem sorri para

John e diz: “Olá John. Obviamente, eu sei quase tudo acerca de ti, mas talvez tu não te lembras de mim. Só tinhas três anos, quando deixei Köln por um longo período.”
John examina o homem com o olhar. “Contudo… a sua cara, a sua voz…” Olha primeiro para a mãe e depois para o pai e exclama: “Claro, o senhor deve ser Claudius, a minha mãe e o meu pai anunciaram-nos que nos iríamos encontrar aqui!”
Hildegarde tossica para pedir silêncio. Solicita-se a Claudius para fazer a oração. Depois de, como ele diz com algum humor, “ter tratado dessa mera formalidade com Deus”, parte o pão e partilha-o com os demais comensais. É servido um prato de caldo com carne, no qual se pode ensopar o pão. Hildegarde anuncia que nos próximos dias irão provar as *papas peruanorum*. Desde que Carolus Clusius as plantou no seu jardim botânico aqui em Frankfurt, há mais ou menos cem anos, o tubérculo tornou-se bastante popular na região. Só o *tupinambo*, que alguns dão o nome de alcachofra-de-jerusalém é ainda mais popular, provavelmente porque o sabor lembra o da alcachofra.
“O teu pai conta-me que te fechas agora na biblioteca do teu avô”, observa Claudius, olhando para John. “Queres te tornar monge?”
“Não, penso que não. Mas fascina-me saber como eram as coisas antigamente e também como o mundo é hoje. O meu avô deu me *Orbis Sensualium Pictus* para ler. Conhece o livro?”
Claudius dá uma gargalhada. “Wolfgang e Pieter… *quondam educator semper educator*! Continuam a usar consequentemente a vossa didática das línguas, também na própria família.” Dirige-

se novamente para John: “Conheço muitas das obras do autor de *Orbis,* e os teus pais e os teus avôs também. Sabes que o teu avô Wolfgang conheceu o autor pessoalmente?”
“É verdade, Wolfgang, senhor, avô?” pergunta John um pouco atrapalhado.
“Sim, rapaz, é verdade. Um dia destes puxo pela memória e conto algumas coisas. O que pensas Hildegarde?”
“Desde que saibas o que contas ao rapaz e o que é melhor guardar para ti.”
“Oiço aqui uma referência a um ou outro segredo?” pergunta Claudius.
Wolfgang abana a cabeça. “Só lembranças da nossa juventude e dos tempos agitados, quando nos encontrávamos na *Huis der hoofden*[1].”
“Quando é que esteve em Amsterdão, avô?” pergunta John.
“Foi há 55 anos, rapaz. Fui lá viver com os meus pais, o tio e a tia do teu pai, até fazer 17 anos. Depois viajei e voltei. O teu pai nasceu lá. Viemos para Frankfurt alguns anos depois.”
“E como foste parar em Amsterdão?” pergunta Claudius.
“É uma longa história. Uma história que começa em Köthen, onde nasci.”
“Köthen, um dos sítios onde Wolfgang Ratke trabalhou”, acrescenta Pieter. “Köthen, 55 léguas prussianas a oeste de Leszno.”
A cara de Claudius mostra que não está bem a compreender.
“Ian Amos passou dois momentos da sua vida em Leszno. Nas duas vezes instalou-se depois em *Belgium Fœderatum*.”

---

[1] literalmente “Casa das Cabeças“

“E Wolfgang Ratke e Ian Amos influenciaram-me de modos complementares, quando, em jovem, escolhi desenvolver a minha profissão de magister”, termina Wolfgang.

Wolfgang

Köthen

"Wolfgang, acompanhas-me? Quero dar um passeio pelo lado do rio."
"Sim pai!" O rapazito de cinco anos coloca o seu pequeno punho na grande mão do pai e juntos descem a rua. Dirigem-se para o *Ziethe*, bordado de relva e arbustos. Estamos na primavera e o rapaz encanta-se a correr atrás das borboletas. O seu pai capta a sua atenção, sempre que um dos insetos coloridos pousa numa flor. Enfiam algo parecido com uma longa língua dentro de cada flor. Será só muitos anos depois, mesmo antes de deixar Amsterdão, que Wolfgang poderá ler em *Metamorphosis naturalis* as observações de Johannes Goedaert para quem a observação e o estudo de borboletas e outros insetos foi obra de toda uma vida.

Hoje, pai e filho querem despedir-se da cidade. Wolfgang nasceu cá no 21 de junho de 1630. O pai, então com 22 anos, tinha começado o seu trabalho como mestre, na *Escola Latina* onde continua a dar gramática de Latim e de Uberdeutch. Fiel ao seu mestre Ratke falecido há pouco, ele é conhecido por dar as aulas de gramática na lingua vernácula. Não pode imaginar que, nessa mesma altura, Ian Amos Comenius termina em Leszno a escrita de *Janua Linguarum*.
No início da próxima semana, a família vai deixar Köthen. O pai de Wolfgang foi convidado para um cargo de professor no recente iniciado *Athenaeum Illustre* de Amsterdão. O salário é

significativamente melhor daquilo que ganha em Köthen. Os pais de Wolfgang estão também convencidos que os seus três filhos terão vantagem em crescer na República que tem uma reputação de tolerância relativo à religião e ao trabalho científico. A viagem está planeada. Irão de carroça até o embarcamento no rio Elbe, a duas léguas prussianas. Depois espera-lhes uma descida de rio relativamente longa, até Hamburgo. Lá continuarão de barco de vela, até o *Zuiderzee*, sem terem que entrar verdadeiramente no *Mare Germanicum*. Poderão viajar sempre com terra à vista, entre o continente e as ilhas. Só o próprio *Zuiderzee* tem fama de ser mais agitado. Mas asseguraram a Wolfgang que nos meses de verão a travessia costuma ser bastante tranquila.
Os riscos da viagem não pesam contra os riscos de continuar a viver nesta zona atribulada. Ainda há poucos anos, a população de Maagdenburg foi quase completamente assassinada. As armadas da Liga Católica e as das instáveis alianças dos Príncipes e Senhores da União Evangélica são constante fonte de sofrimento para toda a população do Império Alemão. É cada vez mais claro que os conflitos entre Romanos, Luteranos e Calvinistas são pouco a pouco transformados em conflitos políticos entre Casas Reais rivais todas elas com a intenção de "*reconquistar propriedades anteriormente perdidas*".

Os pais de Wolfgang nunca opinaram muito, quando se fala da guerra e das alianças. Já é por si só um perigo que na pequena comunidade de Köthen todos conhecem bastante bem a tendência religiosa de cada um. E ninguém se esquece

que há só pouco mais de uma geração, Clement VIII mandou Giordano Bruno para a fogueira por heresia. O mesmo Clement VIII que primeiro proibiu uma nova bebida, tirada de um bago importada do país do Mouros, para mais tarde a autorizar. Quem já tomava a bebida apontou grandes vantagens, em comparação com a ingestão de cerveja, hidromel ou vinho. O *kahve* ou *caffee*, desde há muito conhecido pelos Turcos, parece antes aguçar do que anuviar a mente. É pelo menos a opinião dos monges que gostam tomar a bebida para ficar acordado durante mais tempo. Então, o papa mudou de ideias, abençoou agora a bebida e considerou que seria incorrecto só os infieis terem o prazer de a saborear. O pai de Wolfgang não conseguiu evitar de pensar que o Santo Padre não era infalível, pelo menos no que toca ao *kahve*. Ou talvez as informações que recebeu do Céu relativo ao assunto eram pouco claras.

O que verdadeiramente ocupa a mente do antigo discípulo de Wolfgang Ratke, tem a ver com o acesso universal ao saber e ao conhecimento. Latim, Grego e Hebraico são importantes, mas não será mesmo a altura em chamar à atenção que é preciso escrever e publicar nas línguas vernáculas? Na última carta, para tratar das formalidades finais relativas ao seu posto no *Athenaeum Illustre*, Gerardus Vossius fala do *cercle Conrart*, iniciado há alguns anos na França, pelo calvinista Valentin Conrart. Este círculo será em breve reconhecido por Richelieu, sob o nome de *Académie Française* em prol da defesa da língua francesa. O pai de Wolfgang reage com entusiasmo: apesar das disputas religiosas, escreve ao seu novo diretor, estes homens

mostram a sua sabedoria em dedicar uma instituição à sua língua materna. Será que isso também será possível para o *Hoogdeutch* e o *Niederdeutch*? Espera bem que sim. Beneficiará a escola e os jovens com vontade de aprender mas que só falam a língua vernácula. Muito há para fazer. Afinal, continua a ser regra não dar a devida atenção às crianças do povo para as providenciar com saber. Instrui-se estas crianças para alguma moralidade, à martelada, através da recitação de textos edificantes previamente escolhidos. Ainda hoje, não é considerado grave que um mestre-escola de aldeia só sabe ler mas não escrever, ou que sabe ler e escrever mas não ensinar a fazer contas. Muitos mestres-escolas não pertencem ao clero, mas por si só isso não é uma vantagem. Porque, quem pertence ao clero teve pelo menos ele próprio alguma instrução, mesmo se não relativo à ciência de ensinar, a didática. Disso, normalmente ninguém fala.

O pai de Wolfgang pude constatar um quadro geral triste e doloroso do ensino para o povo de empregadas, servos, pastores e pequenos fazendeiros, para não falar de servos e semi-escravos. No Sacro Império Romano-Germânico, cheio de conflitos, certamente as escolas não são prioridade para os aldeãos. As armadas e os soldados, que constantemente circulam em pequenas bandas, tornam inseguras regiões inteiras. Com a excepção de um cerco prolongado, Köthen foi poupado até agora. De clérigos errantes e refugiados, o pai de Wolfgang tem ouvido histórias e relatos deprimentes e horrorosos acerca da destruição geral em curso.

No Reino Francês a situação pode estar um pouco melhor, mas

não muito. Em muitas cidades, ordens religiosas, às vezes o episcopado, criam por própria iniciativa escolas que não estão abertas para todos. Mestres de crianças independentes, que nem sempre anunciam claramente o que sabem, abrem aulas assim que podem. Aparentemente existem sobretudo pequenas escolas, frequentemente identificadas como ABC-escolas onde não se instrui mais do que as letras em alguns textos edificantes. Como no Sacro Império, a Escola Latina, a *escuela de la gramatica*, no Reino Espanhol, ou o *Grammar School* entre os ingleses não se destinam a qualquer um. Há pouco o pai de Wolfgang ouviu de um membro dos Irmãos Morávios que um padre jansenista tenciona criar uma escola onde a gramática será ensinada em francês, pelo que se sabe, na abadia de Port-Royal-des-Champs.
Ainda que os reformados gostem de pintar um retrato da *Belgium Fœderatum* como de uma florescente sociedade moderna e tolerante, o pai de Wolfgang sabe que a diferença entre as classes, como em toda a Europa, também aqui continua a ser determinante. Nas aldeias e nas pequenas cidades que possuem escolas, ser mestre-escola é frequentemente uma atividade complementar de pequena remuneração para um funcionário da igreja, pela qual não se exige nenhuma formação específica. E quando, de vez em quando, se procura alguém de fora, aparecem aventureiros que nunca foram mestre-escola e que fazem outros trabalhos. A verba que uma edilidade inscreve para o salário anual do mestre-escola não passa de uma esmola. O que significa um salário anual de 50 florins pago pela cidade de Utrecht a um

mestre-escola? Em comparação, Vossius, pelo seu trabalho no Athenaeum, ganha 2500 florins além da livre habitação. O seu próprio salário será, logo no primeiro ano, de 950 florins. Não, para as crianças das classes inferiores não há preceptores, mas também não há mestres-escolas formados em condições. São cirurgião-barbeiros, tamanqueiros, pintores, encadernadores, mensageiros, que têm como segunda ocupação o leve trabalho de mestre-escola, para o qual não se exige grande força muscular.

A República dos Sete Países Baixos Reunidos é atualmente quase por completo Reformada, o que não tem como consequência que a igreja tenha menos influência sobre a escola. Bem pelo contrário, diga-se de passagem. Rapidamente a Igreja Reformada tem um controlo firme sobre todas as funções públicas, também as do mestre-escola. Igreja e Estado continuam uno. Repetem-se as consequências nefastas para as classes populares, exatamente como antes com os Católicos Romanos. Os *township* maiores ocupam-se cada vez mais das primeiras classes da Escola Latina. O interesse foca-se no grupo relativamente pequeno de rapazes de 10 até 15 anos que recebem ensino na escola pública e na universidade ambas conduzidas pela igreja. São sobretudo filhos de burgueses e patrícios. Wolfgang sabe que as *Athenaea* como a *Athenaeum Illustre* onde irá trabalhar não estão abertas para todos. Vossius alerta também pelas tensões que existem entre os diferentes reformados na própria República. Sob influência de Erasmo que sempre se manteve católico, os *Remonstranten* desenvolveram uma visão mais liberal sobre o cristianismo na

qual amor, liberdade e tolerância ocupam o papel central. Os *Contraremonstranten* manipulam os pouco escolarizados *kleyne luyden*[1] abusivamente recorrendo à doutrina da predestinação de Calvino. Os *Remonstranten* entre os quais se encontram os regentes, só muito lentamente conseguem curar feridas. E continua a haver muita pólvora no barril.
O pai de Wolfgang tem a certeza que o problema é mais fundo e que tem a ver com o desejo das Casas Reais de manter o povo por baixo do seu absoluto controlo, seja qual for a religião. Para quem tem poder e propriedade, liberdade e tolerância são dois gumes da mesma faca. E esta faca é lhes perigosa. Escolas abertas com todo o conhecimento e saber para todos… Não. Quem detém muita propriedade ou quem procura o poder absoluto, estremece com esta ideia. É uma ideia perigosa. Portanto, a tolerância relativa só se pode aplicar a sujeitos previamente escolhidos. O resto é pobre e não tem os estudos como destino. Logo é necessário ter um controlo preciso sobre o que é ensinado. Na primeira escola, na escola da aldeia, ler é importante, escrever nem por isso. Ler na própria língua dá acesso a partes do catecismo, e muito talvez, à bíblia traduzida. A autoconsciência dos seus próprios pecados deve ser preocupação central de cada um, para que seja possível lembrar a juventude o mais cedo que possível que o ser humano por si escolhe sempre o mal e que só através da fé poderá ser abençoado. Eis que a mesma mensagem continua, pensa o pai de Wolfgang um pouco resignado enquanto voltam para casa.

[1] literalmente "a gente pequena"

E mesmo assim, aquele estranho reinado de *Belgium Fœderatum* é incontestavelmente mais tolerante do que os circundantes. Por isso, os pais de Wolfgang continuam a pensar que a solução menos má é de emigrar para Amsterdão.

Amsterdão

Faz quase cinco anos que a família Magister vive em Amsterdão. O jovem Wolfgang acaba de fazer dez anos e já lê e escreve razoavelmente bem. O seu pai ofereceu-lhe a versão em Uberdeutch de *Janua Linguarum Reserata* assim que Wolfgang começou a ler. Da família De Geer, com quem estabeleceu rapidamente contatos, sabe que se prepara uma *Belgica Versione* com o título *Ontsloote Deure der Taalen*. Já reservou um exemplar. Esta obra volumosa de Ian Amos Comenius contem toda a informação recente sobre tudo o que se sabe acerca do ser humano e do mundo, desde o momento da Criação.

Nos últimos cinco anos o pai de Wolfgang estabeleceu muitos contatos no mundo académico da República. Mantém correspondência com colegas de *Escolas Illustres* em outras cidades das Províncias. Em Amsterdão relaciona-se com membros da burguesia rica e instruída que continua a gostar de referir a si própria como *patrícios*. O calvinista Louis De Geer, originário de Liège, foi muito prestável para ajudar a estabelecer estes contatos. Este comerciante instalou-se em Amsterdão pouco antes da família de Wolfgang, onde comprou no Keizersgracht a *Huis der Hoofden* com todo o recheio. As atividades lucrativas de De Geer envolvem sobretudo a venda

de armas. Mesmo assim, a sua casa é lugar de encontro de um grupo muito diverso e erudito de pessoas, frequentemente originárias de regiões das quais os soberanos travam guerras entre eles.

Segundo Louis De Geer o *Janua Linguarum Reserata* já existe em seis línguas diferentes. E pelo que sabe, trabalha-se neste momento na tradução em mais seis línguas, entre as quais o Árabe. A obra foi editada pela primeira vez em Leszno em 1633. Agora, seis anos mais tarde, é, a seguir à Bíblia, o livro mais impresso e vendido no mundo cristão.

Foi também naquele ano que na *Athenaeum* todos souberam que, no final, Galileu sempre foi condenado pela Igreja Católica porque se considerou que o seu trabalho científico está em oposição com a ciência Aristotélica e com a Bíblia. Contudo, a este respeito *Contraremonstranten* e *Remonstranten* continuam também a defender o modelo Ptolomaico como único correto, sobretudo após a nova versão matematicamente do modelo, que Tycho Brahe produziu. Isto não impediu Vossius de convidar Galileu para ocupar uma cadeira de professor convidado na *Athenaeum*. Galileu declinou o convite por considerar que era demasiado velho para empreender uma viagem tão longa até Amsterdão. Neste caso, a esperada discussão não teria reforçado a clivagem entre *Remonstranten* e *Contraremonstranten*. Pelo contrário. Tanto já tinha aprendido o pai de Wolfgang, observando o *Estatuder*[1] Frederick van Nassau. Este mantém uma posição aparentemente neutra, embora simpatize com os *Remonstranten* devido à sua atitude tolerante em relação aos

---

[1] Tradução proposta para “Stadhouder”, título oficial do Rei eleito pelos Estados-Gerais.

heterodoxos. Já bastam as querelas acerca das teses de Descartes, o que não impede que, como outros, o filósofo possa falar livremente.

Entretanto morreu há coisa de um mês o pintor antuérpiano Rubens. Ele é conhecido pela representação exuberante de cenas mitológicas mas também de cenas bíblicas que embelezam tantas igrejas da Europa Católica. Aqui, na República, fala-se mais de Rembrandt van Rijn, agora com 34 anos, ainda que receba duras críticas. O pai de Wolfgang leva regularmente os seus filhos consigo para visitar ateliers de pintores. Não só de Van Rijn, mas também de outros pintores que se devem contentar com rendimentos mais modestos. O pai de Wolfgang compra de vez em quando paisagens e naturezas-mortas, mais para agradar ao pintor. Adquiriu assim umas obras de Art van der Neert, mas também de Anthonie Verstraeten, pouco antes do seu falecimento. Wolfgang ainda se lembra de, em criança, visitar o atelier de Barend Avercamp. Aí tinha estado em grande admiração perante as pinturas que contam histórias, obra do seu já falecido surdo tio, Hendrick Avercamp. O seu pai explicou que Hendrick tinha a capacidade de entreter os seus 'ouvintes' com o pincel em vez de com palavras.

Em Amsterdão, como nas outras cidades das Províncias Soberanas continua a dar-se pouca importância às escolas para as classes populares. Em *Stad en Lande* e em *Friesland* circulam versões adaptadas do abecedário *het Haneboek*. Em todos os

outros estados continua-se a utilizar os *hornbook*[1]. *Utrecht* e *Gelderland* consideram a hipótese de adaptar ao seu contexto o *Haneboek*, recorrendo ao modelo das Províncias mais a norte. Na escola fala-se a língua vernácula, o que facilita a leitura, mas afasta as crianças da língua da ciência.

O dilema não existe unicamente na República Reformada. Professores convidados no *Athenaeum* abordam as *Petites Écoles de Port-Royal*. A intenção da escola parece ser de combinar excelência intelectual com redobrados cuidados com a língua francesa. Os professores atraídos fazem portanto conscientemente uma rotura com o sistema de ensino jesuíta, o mais popular na Europa Católica que se baseia no latim. Mas seja qual for o sistema de ensino, aprender a ler, e ainda mais aprender a escrever, continua a ser um privilégio sobretudo reservado aos mais abastecidos habitantes das cidades. Reporta-se que tanto na França como na Espanha os mais abastados juntam-se assim à nobreza e ao clero. Quase todos os filhos da nobreza e da burguesia abastada sabem ler, a maioria também sabe escrever. Isto não é o caso dos pequenos comerciantes, dos artesãos e dos graduados mais baixos nos exércitos. Aqui, por norma só 1 em 2, frequentemente só 1 em 3 sabe ler. De escrever, nem sequer falamos.

As notícias que chegam da Inglaterra não diferem muito. Durante o reinado de Isabel I e depois de João I toda a classe superior teve acesso à escolarização, mas o resto deixa muito a desejar. A capacidade de escrita limita-se frequentemente à

---

[1] Pequenas pranchas revestidas com uma folha de papel no qual constam o abecedário e eventualmente os dez mandamentos impressos, protegido por uma película de corno.

assinatura por baixo de um texto lido. No county de Essex, 7 em cada 10 *yeomen* assinam, mas só 3 em cada 10 *husbandmen* sabem o fazer. Não se pode dizer que se erradica a ignorância entre o povo. As línguas clássicas continuam a ser um filtro importante para o que é ou não acessível. Isto funciona em dois sentidos. Alguns filósofos da natureza, que optaram por escrever na língua vernácula, convertem-se para a escrita em latim, assim que desejam entrar em diálogo além da fronteira do seu próprio idioma.

Preocupações que não são as preocupações da nobreza e de quem se refere a si próprio como patrício. A família de Wolfgang viu com algum espanto como Maria de Medici foi majestaticamente recebida em Amsterdão. No *Athenaeum Illustre* sabia-se muito bem que se tratava sobretudo dum ato de diplomacia. A rainha-mãe estava à procura de apoio exterior, agora que o homem de confiança do seu filho a tinha banido da França. O facto de integrar a República nas visitas significava o reconhecimento de um aliado Reformado e não Católico. Podia ser interpretado como uma provocação dirigida ao Cardeal Richelieu reinando em nome do Rei.
Aparentemente, Maria de Medici não conhecia ou não tinha confiança nas deslocações de barcaça puxada por cavalos. Apesar de ser uma das formas comum de se deslocar na República e nos grandes rios do Sacro Império, ela chegou de carroça. Talvez terá sido para que a entrada tenha um aspecto mais clássico e festivo, para manter a aparência real em alta?
A mãe-rainha francesa visitou a Casa da India Oriental, onde lhe foi oferecida uma mesa de arroz Indiana. De uma

assentada mostrou-se como a República está bem de finanças, graças a toda a atividade comercial da *Companhia Unida das Índias Orientais*. Uma forma não muito subtil para informar os eventuais espiões que a República veio para ficar, assim se conta entre os burgueses abastados de Amsterdão…
Uma outra história que corre nas ruas é que tinha chegado aos ouvidos da católica Maria de Medici que o milagroso rosário do jesuíta Franciscus Xaverius estaria em Amsterdão. Francisco morreu uns cem anos antes no Oriente, durante o seu trabalho de missionário. Depois da sua morte, os jesuítas levaram o rosário para Salvador, no Brasil. Durante uma das suas incursões aí, Piet Hein capturou os jesuítas, trouxe-os para Amsterdão e com eles o rosário. Mas no fim da história o rosário chegou às mãos de Albert Coenraad Burgh, que tem entre outras funções, a de curador do *Athenaeum*. Burgh que antigamente era conhecido como *Remonstrant*, mas que se tornou cada vez mais católico romano, visitou enquanto edil da cidade de Amsterdão um dos jesuítas capturados por Piet Hein. Durante uma dessas visitas o rosário tornou-se a sua propriedade, talvez em troca da libertação do tal jesuíta. O rosário é entretanto da Maria de Medici e faz agora dois anos que a este respeito a pergunta está nos lábios de todos. Será que Albert Burgh o vendeu, ou será que o ofereceu? Seja como for, há no *Athenaeum* um debate aceso acerca de símbolos religiosos, riqueza, fé, espiritualidade…
E já que falamos de pobreza e riqueza. A família Magister passa bem e pude contar com uma tranquila e estável integração, devido ao trabalho de professor superior do pai.

Mas grande parte da população de Amsterdão tem a vida bem mais complicada. As constantes ameaças de guerra resultantes das brigas e intrigas entre casas reais, servidas com molho religioso, pesa sobre os rendimentos de cada um. As epidemias de peste que regularmente reaparecem, de que resulta que muitas famílias perdem em pouco tempo mão de obra, logo rendimento, são uma preocupação complementar.
O que abriu os olhos do pai de Wolfgang contrariando a sua conceição que em geral a República era habitada por pessoas sóbrias e sensatas, foi o grande rebuliço em torno da mania das tulipas, no ano em que chegaram. Estupefacto viu que, em 1635, um único bolbo de tulipa podia custar mais do que o seu ainda assim generoso salário anual. De repente muitas pessoas não revelavam sequer uma sombra de sensatez. Já havia muito que os produtores tinham o hábito de vender os bolbos antes de os colher. Mas agora, intermediários que não cultivavam nada, compravam e vendiam os bolbos sucessivamente. Eram atraídos pelos grandes lucros potenciais deste chamado negócio de vento, tornado ilegal, já em 1610, que consiste em vender o que ainda não existe. Não era difícil encontrar quem se queria enriquecer depressa e sem outro esforço do que de providenciar encontros *ad hoc* para negociar, somente com números num papel. Entretanto, havia também o que simplesmente podemos identificar como roubo, quando mercadoria sem valor era vendida a compradores ingénuos. E se no fim da história muitos ficaram mais pobre do que antes do pico de vendas, houve mesmo assim comerciantes que conseguiram acordos mútuos para não perderam tudo.

Enquanto nos panfletos e na rua ainda se dá alguma atenção à crise dos bolbos de plantas decorativas, entra silenciosamente e desde algum tempo, a partir da *Belgium Regia*, não um bolbo mas um tubérculo. Conta-se que tripulações se tinham apercebido que quando comem o *xipotatl* que a população Oeste-indiana as fez conhecer, durante a longa travessia do Oceano Occidental, diminuem muito o risco de escorbuto. Pouco a pouco a *patata*, como se passou a pronunciar o nome, alastra. Na *Belgium Regia* já é plantada em muitas hortas de abadia. É o caso na zona de Nieuwpoort há mais de dez anos. Bem que em Amsterdão ainda não se come, os viajantes trazem a notícia que em cidades pequenas como Leiden ou Groningen com escassez de comida, a *patata* é bem acolhida.

De Köthen e de Frankfurt chegam notícias com intervalos regulares. Em Köthen ainda vivem um tio-avô e uma tia-avó de Wolfgang. Estes não falam da incerteza política mas mantêm a família ao par das atividades da *Fruchtbringende Gesellschaft*. Apesar de Wolfgang Ratke se ter tornado impossível neste círculo, ainda se sente a sua influência quanto à promoção da língua vernácula e de tornar acessíveis as línguas nas quais se escreve conhecimento e saber. Faz bem saber que Príncipe Ludovico I de Anhalt-Köthen continua a dedicar mais do seu tempo a este círculo e à promoção de projetos pacificadores do que a alianças estratégicas e jogos de guerra. Recentemente iniciou contatos com a família Tassis para criar um posto permanente em Köthen.
De Frankfurt as notícias também são boas. O tio-avô de Wolfgang é dono de uma tipografia e escreve que se consegue

fazer bom lucro com a impressão de almanaques. Frankfurt continua a ser uma feira de livros importante que atrai os sábios e estudiosos para aí publicar o seu trabalho. Existem muitas oportunidades de negócio. Apesar de haver fricções entre Luteranos e Calvinistas, como em Amsterdão as existem entre *Remonstranten* e *Contraremonstranten*, parece haver uma solução à vista. Fala-se muito de Hanau como zona de imigrantes abastados, para onde cada vez mais Calvinistas vão morar.

A mãe de Wolfgang não ficou sem fazer nada. Ela contata discretamente Anna Maria Van Schurman. Com 29 anos, esta jovem tinha acabado de ser aceite na universidade de Utrecht, devido ao apoio de Voetius. Contudo ela é obrigada a se esconder atrás de um biombo para que os seus colegas masculinos a não possam ver. Segundo a própria ela obteve o favor, depois de ter apresentado uma argumentação em latim acerca da aptidão da mente feminina para as ciências e as letras. Um favor, não um direito…

O que Wolfgang só iria compreender quinze anos mais tarde, é que a admiração que o seu pai tinha para Wolfgang Ratke e depois para Ian Amos Comenius, não lhe facilitou a vida, nem como mestre de crianças, nem como professor superior. Esta admiração tinha uma razão de ser. Depois de um difícil arranque na escola, ele foi, com dez anos, admitido como aluno já um pouco mais velho nas aulas das turmas organizadas por Ratke em Köthen, entre 1619 e 1622. De repente, aprender parecia-lhe tão mais fácil.

Wolfgang Ratke partia do princípio que um bom mestre de crianças tem que saber de cada um dos pupilos quais são os seus talentos, para os manter tranquilamente a trabalhar. Para tal, o trabalho deve também ser suficientemente agradável. Assim o aluno tem prazer naquilo que faz. Depois, é necessário averiguar com frequência se o aluno entende o que está a ler. Bom trabalho é louvado. Quando apresenta mau trabalho, o aluno é repreendido, mas não de modo a perder o amor pelo seu mestre. No que toca ao pai de Wolfgang, este amor nunca foi abalado, uma vez que, ainda em criança, já tinha decidido que, caso tivesse um filho mais tarde, este teria o nome de Wolfgang. Entretanto dedica toda a sua vida como mestre dos outros, certificando-se que os outros tem prazer no que fazem na escola e no que aprendem, mesmo nos seus colégios no *Athenaeum*.

Contudo, Ratke focava mais na arte ou ciência do ensinar, na didática, do que na arte ou ciência de aprender, a matética de que fala Comenius. Em 1619 Ratke e Comenius, que ainda vivia na Boémia, nunca tinham ouvido falar um do outro. E de qualquer forma, a preocupação de Comenius para a matética teria provavelmente escapado a Ratke. O que ele tinha em comum com o homem da Boémia, foi a preocupação pelo ensino das línguas, baseado na leitura de palavras e expressões com sentido e que os alunos pudessem perceber. Ambos consideravam que era na língua vernácula que crianças mais novas deviam fazer os primeiros passos na filosofia da natureza e humana. A escola organizada em *Uberdeutch*, como em qualquer outra língua, consideravam, serve para tratar e

aprender as artes e as ciências. Além disso, considerava Ratke, usando uma mesma língua padrão em todo o Império Alemão, e havendo um único governo, seria mais fácil introduzir pacificamente uma única religião.
Mas Ratke sofreu muita oposição. Em Maagdenburg havia quem dizia que Ratke não se limitava a querer reorganizar a escola, mas o que tinha em mente era uma reforma espiritual mundial. Apesar do interesse de e para o *Fruchtbringende Gesellshaft*, criado em 1617 sob os auspícios de vários príncipes, os conservadores consideraram que ainda não era o tempo para pensar no *Uberdeutch* sequer como língua literária muito menos cientifica. Os calvinistas acusaram entretanto Ratke ser Luterano. Ele foi condenado a uma pena de oito meses de prisão e Ludovico I deixou de se interessar pela inovação no ensino na escola.

Hoje o pai Magister tem acesso ao trabalho de Comenius. Louis De Geer acaba de lhe mostrar alguns textos que recebeu do mestre vindo da Inglaterra e que mais tarde serão incorporados na *Opera Didactica Magna*. É reconfortante receber de diferentes lados a confirmação que não está sozinho com as suas ideias relativas à matética. Além de ver a confirmação nos textos de Comenius, também a sente por parte de Etienne de Courcelles de quem se tornou rapidamente amigo. Etienne é, desde 1634 irmão dos *Remonstranten* em Amsterdão. Apesar de ser uma pessoa muito culta, de Courcelles tem dificuldades para encontrar uma ocupação bem remunerada. Por necessidade despende horas a rever provas na tipografia de Johannes Blaauw. Os dois homens passam muito tempo juntos e Etienne

de Courcelles é visita regular na casa dos Magister. Das conversas que têm, o pai de Wolfgang parece deduzir que existe uma certa convergência de opinião entre *Remonstranten* en *Contraremonstranten* no que diz respeito à escolástica, tanto no estudo das sete artes liberais, como nas ciências que estão a nascer. Por experiência própria ele considera que a diferença reside em que os *Remonstranten* recorrem na sua argumentação frequentemente ao que Descartes sistematizou como dúvida metodológica. Para os *Contrademonstranten* isto é impossível, pelo que lhe parece por razões dogmáticas. Quando aborda esse pensamento com De Courcelles, este lembra uma afirmação do próprio pai Magister: '*quem duvida prova que pensa, quem repete prova que outra pessoa pensou*'. Diz que continua a considerar uma bela síntese acerca da arte da argumentação.

Algures entre Köln en Aachen nasce o segundo filho de um Senhor local da pequena nobreza. Ninguém pode prever se o primogénito irá morrer da peste ou de outra desgraça natural. Também ainda é cedo para saber se o pequeno Claus irá sobreviver aos primeiros anos de vida.
Claus tem dois anos e Wolfgang doze, quando René Descartes e Ian Amos Comenius se encontram. Dois homens preparam este encontro. Há Abraham Heidanus, amigo de Comenius e professor superior em Leiden, com grande simpatia para Descartes. E há Adriaan Heereboord, amigo de Descartes. Este aloja Ian Amos na sua casa, quando ele volta de Londres onde desistiu de se instalar por tempo mais prolongado em Londres. Por um lado, a sua segunda mulher Dorothea não quer viver na Inglaterra e por outro, pela análise que faz do clima

político. O pacífico padre de *Unitas Fratrum*, os Irmãos Boémios que encontram inspiração em Jan Hus, prefere se manter afastado dos seus radicais amigos ingleses. De resto, outras propostas o esperam. Louis e Laurens De Geer querem que ele vá para a Suécia, Richelieu convida-o para trabalhar na França e de Massachussets, no Novo Mundo vem um convite para assumir a direção do Harvard College. Mas de momento ele está de visita em Leiden onde Heidanus e Heereboord convencem os dois pensadores para um tête-à-tête.
René Descartes e Ian Amos Comenius encontram-se em *Kasteel Endegeest* que Descartes alugou como residência. Pelo que sabemos, ambos ouviram o outro com calma e consideração. De seguida, cada um interrogou o outro. Dos poucos comentários que chegam aos dois amigos, estes compreendem que os dois homens estão completamente de acordo naquilo que divergem por completo. A divergência completa tem a ver com a tese de base. Enquanto Descartes separa filosofia e teologia, Comenius considera a filosofia como um elemento da pansofia.
Ao pai Magister chega também um relato acerca do encontro. Daquilo que ele ouve e lê, considera que os dois pensadores têm algumas ideias convergentes acerca de certas consequências da condição humana, entre outros o seu carater universal e a capacidade de pensar por si próprio, mesmo havendo pontos de partida diferentes. Ele tem quase a certeza que algumas declarações de Descartes devem ter encantado Comenius. Os dois viajaram muito. As viagens fazem dizer Descartes que todos que têm sentimentos que desviam muito

dos nossos não são só por isso bárbaros ou selvagens. Pelo contrário, alguns têm tanto, e talvez mais, razão do que nós próprios. Dessa constatação, Descartes deduz que não é possível retomar opinião alheia sem mais, mas que todos têm obrigação de se conduzir a si próprio. Talvez Comenius quer uma presença mais intrincada do sentimento e do raciocínio nesta auto-condução do que entende que o filósofo está disposto a fazer.

O pai Magister pensa que enquanto Descartes fala dos primeiros filósofos que ponderam que as perfeitas leis da natureza lhes são externas, convencidos que só são mestre dos seus próprios pensamentos e portanto pouca afeição sentem para outras coisas, Comenius talvez considere que a apreciação das perfeitas leis da natureza faz parte da procura em perceber a condição humana.

Então não é para Descartes a única liberdade humana a do desenvolvimento consequente do seu próprio pensamento. E para a pôr em prática, não é a dúvida que importa, razão pela qual enviou para o mundo académico aquela expressão apreciada e difamada *cogito ergo sum*[1]? Esta expressão dividiu logo aqueles colegas, que talvez não desenvolveram consequentemente o seu próprio pensamento, em dois campos: os fervorosos adeptos e os satíricos oponentes. Dá para ver. E quando Comenius terá dito que *cogito ergo sum* lhe parece demasiado estreito na abordagem do ser humano, que a completa com *somnio ergo sum*[2], quer ele com isso dizer que

---

[1] Penso, raciocino, logo existo ou logo sou.

[2] Sonho, logo existo ou sou.

duvida, não acerca da pertinência da observação de Descartes mas acerca da sua completude?
Os dois pensadores talvez concordam com Aristoteles que do espírito só o Logos é eterno. Assim pode-se tornar claro que para ser, é necessário pensar, como diz Descartes. É preciso pensar, sentir e saber, completará provavelmente Comenius.
Já que o pai de Wolfgang tem consciência que nunca terá um contacto direto com Descartes e que talvez também nunca se encontrará com Comenius, anota estas ideias e junta-as aos papeis que mais tarde quer oferecer ao seu filho. Quem sabe, um dia as poderá usar.

Praeparationis iterum

Estamos em 1647. Wolfgang Magister tem 17 anos. Vai iniciar em breve a sua viagem de orientação. Decide para um *Iter Allemannicum* e um *Iter Gallicum*, com um pequeno salto para a *Confederação dos XIII Cantões*. Os correspondentes do pai vão albergá-lo nas diferentes escalas mais prolongadas. Já enviou alguns pertences pessoais para essas casas hospedeiras. Facilita o trato da bagagem entre escalas. A primeira paragem será Frankfurt, onde os primos prometeram disponibilizar um quarto. Faz agora já uma dezena de anos que as ligações entre as praças comerciais mais importantes melhoraram bastante. Cinicamente, a melhoria deve-se aos conflictos às vezes prolongados entre reis sedentos de terras que por isso enviam armadas de um lado para outro.
Pais e amigos insistem com Wolfgang de viajar em função das notícias acerca de atos de guerra. Assim poderá evitar campos

de batalha e cercos de cidade. No início da viagem, ele sabe que tem que evitar *Belgium Regia*, na posse dos Habsburgos espanhóis, enquanto o tratado de paz de quem todos falam mas ainda ninguém assinou não se torne realidade.

O mundo mudou um pouco nos anos que passaram desde que passeava com o pai em Amsterdão.
Os Países Baixos espanhóis tiveram, depois da morte de Fernando da Austria, primeiro Francisco de Melo como governador. Quando Fernando morreu, faz agora seis anos, o rei espanhol teve que adiar provisoriamente o seu desejo de fazer do seu filho bastardo, João II da Austria, o novo governador. A oposição da nobreza madrilena era demasiado forte. Entretanto, parte da nobreza portuguesa que se reuniu em torno da Casa de Bragança provocou o fim da união ibérica. Assim, o rei espanhol decidiu de colocar os nobres portugueses que se mantiveram fiel em lugares de confiança mas fora dos arredores madrilenos. No inicio do seu curto mandato, Francisco de Melo parecia conseguir resistir aos ataques da nobreza francesa nas batalhas travadas. Ganhou balanço para abrir o caminho para Paris. Provocou o pânico na capital francesa. Pouco depois foi derrotado pela armada do Duque de Enghien em Rocroi. O governador foi substituído em 1644 por Emanuel de Moura Cortereal, Marquês de Castel Rodrigo. É dele que todos falam hoje: até na própria República o Marquês é considerado o verdadeiro arquitecto das negociações de paz entre o Norte e o Sul dos Países Baixos.
Entretanto as Casas Reais francesa e espanhola continuam em guerra. Os governantes franceses têm os governantes da

República como aliados, não por serem bons amigos, mas porque todos estão em desavença com os Habsburgos espanhóis. Mesmo se as batalhas continuam a terem justificação religiosa, percebe-se cada vez mais que governantes católico-romanos e governantes reformados fazem mútuos acordos contra outros governantes católico-romanos e governantes reformados. No Sacro Império as alianças nunca são claras, mesmo se o Imperador continua fiel a Roma.

Na França muito mudou também: pouco depois da banida Maria de Medici falecer em Keulen, onde vivia numa casa oferecida pelo seu amigo Pieter Paul Rubens, Richelieu morreu. Cardeal Mazarin segue. Quando morre Luís XIII, o seu filho só tem cinco anos. Na realidade, Cardeal Mazarin e Anna da Austria, mãe do delfim, são os verdadeiros governantes do Reino.

Na fronteira entre a República e *Belgium Regia* existe desacordo acerca de Antuérpia entre o Estatuder e os Estados-Gerais. Frederico Henrique de Oranje quer sitiar a cidade e reconquistá-la para a República. Até chega a celebrar um acordo secreto com um grupo de nobres para garantir a liberdade religiosa depois da queda da cidade. Mas a edilidade de Amsterdão procura evitar um porto concorrente dentro das fronteiras da República e opõe-se ao cerco. De qualquer forma, a própria cidade de Antuérpia consegue quebrá-lo.

Os líderes militares franceses aproveitam que o governador tem a atenção sobre a fronteira norte de *Belgium Regia* para se apropriar de Kortrijk, Sint-Winoksbergen, Veurne e Duinkerke

na fronteira sul. Os conflitos não são o único perigo no sul dos Países Baixos Espanhóis. Wolfgang é alertado pelo perigo das recorrentes epidemias da peste. Na região fustigada acredita-se que só a intervenção divina poderá terminar o sofrimento humano. Surgiu na zona costeira de Flandres uma irmandade de penitentes que assume a representação do caminho da cruz como a sua tarefa principal. Há dias obteve a aprovação eclesiástica sob o nome de Sodalidade do Salvador Crucificado. A irmandade conta com 116 membros e espera afastar a peste da região recorrendo a procissões de penitência. O Norte do continente europeu não é mais tranquilo. Durante uma das suas visitas a Amsterdão, Luis de Geer desaconselha o jovem Wolfgang de se aventurar muito a Norte. Sabe do que fala. O chanceler do reino Sueco, Axel Oxenstierna iniciou há dois anos uma guerra preventiva contra a Dinamarca tendo Louis de Geer e Elias Trip como fornecedores de armas. A razão pela qual Wolfgang quer subir não tanto para a Suécia, mas para Elbing, é que ele gostaria de se encontrar com Comenius. De Geer explica que de momento é pouco claro como vai evoluir a relação entre Suécia e Pomerânea. Novos conflitos podem surgir. Além disso, De Geer faz entender que Ian Amos poderá não estar mais na Pomerânea quando Wolfgang subir a Norte. Este quer, no fim da sua viagem, visitar a sua cidade natalícia de Köthen e continuar até Elbing. Assim, o jovem desiste por enquanto da ideia de ir além de Köthen.

O Novo Mundo está muito longe das intenções de viagem de Wolfgang, mas ele gosta de ouvir o que se conta nos meios da

Vereenigde Nederlandsche Geoctroyeerde Oostindische Compagnie, como oficialmente se chama a *Companhia Unida das Índias Orientais*. Abel Janszoon Tasman cartografa a costa de Nova Holanda ao serviço da Companhia. Por um lado existe a necessidade de verificar se Nova Holanda faz parte de *Terra Australis.* Conforme informações mais antigas é o continente austral que mantém o planeta em equilíbrio. Por outro lado procuram-se novas rotas que poderiam tornar mais célere as viagens de e para as novas regiões.
Numa das suas viagem, Tasman pensou ter feito a ligação com Isla de los Estados. Mas Brouwer provou agora que não. Trata se de uma terra ainda não conhecida dos cartógrafos da República. Deram-na o nome de Nieuw Zeeland, Nova Zelândia, sem saber como a população local se refere à sua própria terra. Tasman descobriu ao sul de Nova-Holanda outra ilha que batizou Van Diemensland. Assim, tem-se hoje quase a certeza que Nova Holanda não faz parte de Terra Australis. Ninguém sabe se também é o caso para Nieuw Zeeland.
Wolfgang adora aquelas histórias acerca das viagens cheias de aventuras nas terras longínquas. Gosta de falar com os amigos de quem os pais estão ligados à *Casa da Índia Oriental*. Por duas vezes falou também com um filho de capitão. O seu próprio pai e os professores do *Athenaeum* advertem contudo que as histórias escondem outras histórias. Até há pouco ele pensava que estes avisos decorriam do medo dos seus pais que ele próprio poderia sentir vontade de embarcar para o mar. Mas agora um dos seus amigos relatou também uma história completamente diferente. Verdade é que se tratava da

Geoctroyeerde West-Indische Compagnie, a Empresa Patenteada das Índias Ocidentais, mas o relato foi o suficiente para começar a ter dúvidas acerca dos objetivos nobres da exploração dos novos territórios. A história fala de Willem Kieft e vem de retornados de Nieuw-Nederland que não conseguiram mais aguentar as infâmias do governador Kieft e o modo como abafava a brutalidade dos soldados ao serviço dos exploradores. A história, já não tem nada a ver com a divulgação da fé ou com o comercio com a população local, ou mesmo com a vontade de melhorar as condições de vida desta população. Conta os massacres protagonizados por soldados deixados por sua conta, que chacinam ao seu belo prazer centenas de mulheres e crianças, como se fossem animais. Mandou-se de volta o governador beligerante para se explicar, mas ele naufragou durante o regresso. Contudo muitos acreditam que a história dos desanimados exploradores retornados é mesmo verdade. Do cruel Kieft, comerciante de Amsterdão, já se conheciam histórias mais antigas.
E mais histórias chegam agora aos ouvidos de Wolfgang, acerca do comercio com o que aqui se designa por Novo Mundo. Ele começa a suspeitar que se trata mais de comércio à custo do Novo Mundo. Ele faz imensas perguntas e consegue também consultar alguns livros de registro de embarque. Pouco a pouco percebe que uma grande parte do comercio dos barcos das Companhias, seja qual for, se baseia em roubo mal disfarçado. Em todos os reinos com frotas navais, existe quem têm hábito de atacar qualquer barco que viaja sob uma bandeira diferente da sua. Os bens capturados são

posteriormente vendidos no porto de desembarque, como se tratasse de uma comum transação comercial. Aprende também que a rede de feitorias de onde provém parte da riqueza da República não é muito mais do que uma rede de fortalezas que cercam terras habitadas pela população local ou ocupadas por outros reinos europeus. Tal como na Europa, a condução das guerras faz os aldeãos e os citadinos o joguete dos detentores de poder e de soldados. As próprias feitorias são potenciais conquistas ou objectos de troca entre Casas Reais. Como aconteceu ainda há pouco na costa oeste-africana. Depois de acordos e tratados bilaterais após conflitos, regiões inteiras são trocadas e fronteiras são redesenhadas. Na Europa, já mais habituados aos jogos de poder da nobreza, vereadores, guildas e ofícios ainda conseguem forçá-la a conceder determinadas liberdades às cidades. No Novo Mundo, tudo é feito à revelia da população local. Além disso, as trocas incluem a transferência de direitos comerciais, ou seja, no que diz respeito ao Novo Mundo, as guildas e os ofícios passam a ter interesses congruentes com os da nobreza reinante. E não se trata só do comércio de bens. Os livros de registo de embarque mencionam frequentemente o transporte de homens e mulheres que foram comprados ou capturados para servirem de mão de obra sem pagamento. Os comerciantes reformados da República participam neste negócio. E mesmo antes de sair para Frankfurt, chega uma informação que provoca calefrios ao Wolfgang mas que já não consegue verificar. Laurens, filho de Louis de Geer, que financia o trabalho de Comenius, teria ele próprio interesse no comércio de escravos. Wolfgang não

consegue compreender a ética de alguém que está interessado num sistema escolar mais evoluído e ao mesmo tempo considera seres humanos como mercadoria. Qual é o sistema escolar que uma pessoa deste género pretende? E para quem?

Existem outras preocupações no domínio das escolas. Tornou-se claro que o mundo académico e a ele associado, o mundo espiritual e da igreja, se posicionam perante Descartes como o pai de Wolfgang tinha previsto. Aliás, para o prever não era preciso ser astrónomo-astrólogo.
Voetius, Rector Magnificus da Universidade de Utrecht não deixa dúvidas e ataca qualquer nova filosofia. Descartes está errado. Galileu e Copernicus nem sabem de que falam. Voetius que leciona, entre outras disciplinas, teologia dogmática e se pronuncia contra o que ele considera as ideias desviantes dos *Remonstranten*, é hoje, certamente um oponente de relevo de Descartes.
No mesmo ano em que Voetius termina a sua função de Rector Magnificus em Utrecht, em Amsterdão Etienne de Courcelles é finalmente reconhecido como merece. Em 1645 torna-se professor superior no *Seminário dos Remonstranten*. Ele, pelo contrário, faz transparecer claramente a sua admiração para Descartes. O pai de Wolfgang fica feliz que o seu companheiro de tertúlias finalmente obteve a função que compadece com a sua erudição. Porém, no que toca ao seu próprio trabalho, considera que o *Athenaeum Illustre* estagnou. Não se consegue desfazer da ideia que poucos colegas tomam claramente posição. De vez em quando fala disso com o tio de Frankfurt de quem os filhos vão receber o seu filho. A correspondência

tornou-se mais intensa nos últimos tempos. Também já auscultou algumas vezes a mulher e os dois outros filhos. Será que pode pensar em procurar uma ocupação condizendo com os seus interesses em Frankfurt, agora que poderá aí chegar ao fim um conflito que parecia eterno?

De Amsterdão para Frankfurt

Chegou o momento. Wolfgang reuniu todos os documentos necessários para uma viagem segura de Amsterdão para Frankfurt. Também dispõe das credenciais úteis para ser ajudado por diplomatas ou representantes da República, tanto no Império Romano-Germânico como em Paris. Amanhã sai de Amsterdão, mesmo agora que Estatuder Frederico Henrique morreu e se deixa substituir por Guilherme II de Oranje. Parece que o Estatuder da república federada continua a preferir a lógica dinástica. Nem todos estão muito empolgados com a ideia, certamente os grandes comerciantes de Amsterdão não estão. A história mostrou demasiadas vezes que interesses pessoais e de família arriscam suplantar rapidamente os interesses das províncias federadas e das cidades.

Wolfgang sai para Gorinchem, alternando barcaça com diligence. Vê com os próprios olhos como estão a ser cavados os canais que pouco a pouco ligam rios e cidades das províncias no sul da República. O que o choca é de ver as circunstâncias de trabalho: centenas de homens amontoados, todos com picareta ou pá na mão dobram-se quase ombro-a-ombro sobre terra e cascalho. Não consegue imaginar que

alguém se voluntaria para este tipo de trabalho. Sonha com homens mecânicos que poderiam substituir estes corpos curvos e quebrados de quem faz o duro trabalho.
A primeira paragem é Utrecht a aproximadamente 10 léguas holandesas de Amsterdão. Wolfgang fica hospedado em casa de um correspondente do seu pai que trabalha na Universidade. Tem a oportunidade de visitar o jardim botânico depois de assistir a uma aula de Regius, por convite do seu hospedeiro. Na palestra a qual Wolfgang assiste, o filósofo e médico pondera que poderá existir uma ligação orgânica entre corpo e espírito. Especula que o coração não é mais do que uma bomba que faz circular o sangue em todo o corpo. Por fim aborda a ideia de heliocentrismo de Copérnico.
O jovem sente-se um pouco envergonhado, quando é apresentado a Regius como o filho promissor da família Magister do *Athenaeum Illustre* de Amsterdão. Regius aproveita para contar alguns pormenores da visita de Comenius a Descartes, alguns anos atrás. O que o filósofo conta corresponde àquilo que ouviu o seu pai contar.
Na sequência da palestra de Regius, Wolfgang explica ao seu hospedeiro que gostava muito de visitar o *Smeetoren*, onde desde há alguns anos está instalado o observatório. Obtém a autorização para a visita na última noite da estadia de Wolfgang. É uma noite sem nuvens quando o conservador Aert Janszoon lhes dá acesso à plataforma. Regius interveio junto ao seu colega que guarda os visualizadores de lentes. Com os dois instrumentos que levam observam algumas das estrelas mais brilhantes. Logo que Júpiter aparece, procuram visualizar

os *mundi iovialis*. Claro que o interesse decorre daquilo ouviram acerca da condenação de Galileu pela Igreja Romana. Não só o italiano, conta o hospedeiro de Wolfgang, mas também Simon Marius, de Nuremburgo, já tinha apontamentos dos novos mundos de Jupiter, aos quais deu os nomes de Io, Europa, Ganymedes e Callisto. Entretanto Galileu observou a deslocação destes mundos em torno de Jupiter, o que lhe constituiu prova que a Terra não é o centro do universo. Pareceu-lhe um importante ponto em favor da hipótese de Copérnico, o qual defendia que os planetas se movem em torno do sol e que mundos mais pequenos se movem em torno dos planetas. Depois de muito agradecer ao anfitrião com quem pôde ver e ouvir tanto em tão pouco tempo, Wolfgang continua a viagem. Depois de mais dez léguas holandesas, chega a Gorinchem. Passa a noite numa estalagem, antes de ocupar o seu lugar no barco fluvial que subira o Merwe e depois o Waal até Rijnstrangen.

Quando embarca, o contramestre avisa que não sabe exatamente quanto tempo irão levar para percorrer a distância de 20 léguas holandesas. Dependerá não tanto da corrente mas como se viaja rio acima sobretudo da força do vento. Wolfgang apercebe-o rapidamente. Em dois dias não percorrem mais do que 4 léguas, porque o vento é demasiado fraco e o barco tem que ancorar várias vezes, para não ser levado novamente rio abaixo. Contudo, prefere ficar a bordo, em vez de fazer o resto da viagem a pé. Encontrou um companheiro de viagem com quem é bom falar. Heinrich é natural de Köln e está de regresso. Logo na primeira paragem

forçada, os dois sentem-se na relva na margem e partilham o pão e a fruta que trouxeram. Wolfgang conta das suas conversas em Utrecht e Heinrich mostra particular interesse no que ouviu acerca de Descartes. Explica que a Reforma quase não se apoderou da população de Köln que na grande maioria se manteve católica-romana. Entre os letrados e mais cultos concidadãos, que pertencem sobretudo ao clero, certamente Descartes não é popular. Ele é referido como um cristão romano com derivações perigosas. É sabido que nas suas *Meditationes de prima philosophia* opôs-se à transubstanciação. Segundo os dogmáticos isto significa um ataque direto à própria eucaristia. Descartes procurou, como em toda a sua obra, separar a fé da ciência. Mas quem mantém a filosofia de Aristóteles como pilar para toda a ciência, descarta o raciocínio de Descartes como puro absurdo. Heinrich confidencia a Wolfgang que algumas das discussões na Universidade de Köln parecem mais brigas de albergue do que debate. Descartes é simplesmente difamado. Segundo Heinrich ele é especialmente insultado por quem não o leu. Ouviu um professor de teologia dogmática declarar que não era necessário ler Descartes para saber que ele estava errado. Wolfgang aproveita para dizer que, na República, Descartes é sobretudo atacado pelos *Contraremonstranten*. O calvinista Voetius teria mesmo assegurado que Descartes era simplesmente o exemplo de um perigoso ateísta. Um argumento deste tipo só pode vir de quem não leu Descartes ou não consegue seguir o seu raciocínio. Wolfgang aborda as diferenças entre Descartes e Comenius quando se trata de

filosofia e teologia. Aqui tens dois pensadores, diz ele, que sabem que não são compatíveis, se criticam mutuamente, mas que não rebaixam o outro. O que lhe parece a abordagem correta, do ponto de vista científico. Heinrich interroga-se se dúvida e dogma são compatíveis. Wolfgang promete pensar no assunto. Entretanto fica entusiasmado por-que o novo amigo convida-o a conhecer Köln quando lá chegarão.
À tardinha do segundo dia de viagem, o contramestre diz que quer aproveitar do vento que se levanta para percorrer mais umas léguas. Ambos regressam a bordo. Heinrich pergunta Wolfgang se a viagem para Frankfurt é de ordem familiar ou comercial. Wolfgang explica que está a fazer uma espécie de viagem de orientação. Quer seguir os passos do pai e ser mestre de crianças, talvez professor superior. Fala da preocupação familiar acerca da escola e da escolarização das crianças do campo e dos filhos dos servos. Encara a viagem como uma de observação, para tentar perceber como é tratada a escolarização de crianças que não provêm de famílias abastadas.
"Uma espécie de peregrinação?" pergunta Heinrich.
"Sim…", hesita Wolfgang, "mas sem objetivo religioso. Talvez mais para aprender como podemos nos ajudar a nós e aos outros para aprendermos mais."
"E já sabes onde queres ir?"
"De Frankfurt quero ir para a região dos Alpes. Gostava de visitar alguns locais na *Confederação dos XIII Cantões* e passar um pouco de tempo em Basileia."
"Então sempre alguma busca acerca da reforma não-luterana?"

“Também. Quero perceber melhor em que é que os diferentes reformadores que se afastaram da igreja romana diferem entre si. Penso em Jan Hus, Lutero, Zwingli e Calvino. Os Calvinistas hoje não apreciam muito a *Unitas Fratrum,* a comunidade que segue Jan Hub. Provavelmente esta União Fraterna não lhes é suficientemente dogmática.”
“Deves saber que este tipo de viagem já foi feito por muitos outros e que se desenha uma espécie de rota modelo.”
“Sim, sim, desde Erasmo que Veneza parece uma Utopia, ou talvez tenho que dizer uma Naitopia, um sim-lugar. Mas eu estou à procura de lugares onde o pensamento e a palavra são livres, como o que se conta relativo à Confederação. Quero ver e ouvir por mim próprio, como também quero ver e ouvir por mim próprio como a escola se afigura efetivamente em zonas de influência católico-romana. É-me dito que as Pequenas Escolas sempre são pobres. Por outro lado fala-se em Amsterdão de *Port-Royal* e de uma *Petite École* fora do normal. Quero ver. Pena que das escolas superiores Mouras de Al-Andalus não restam vestígios locais, porque isto me teria levado até Hispania. Dizem-me que em geral é difícil encontrar educadores que consideram saber e conhecimento como um bem universal para todos.”
“Não sei o que ouviste de Frankfurt, mas no que me toca, penso que nas próximas décadas Leizpig vai-se tornar um local mais interessante em relação à cultura e aos livros. Como deves saber, a contra-reforma muito raramente é tolerante.”
“Hmm. Diria que a falta de tolerância não é característica para a contra-reforma. Diria que é característica para qualquer um

com pensamento dogmático. Também em círculos de reformadores, como noutros quadros conceptuais filosóficos ou teológicos. Mas agradeço a dica. Vou tentar passar por Leipzig quando vou a Köthen."
Entretanto a escuridão é total e o barco ancora para a noite, mas como o vento lhes é favorável, amanhã devem chegar a Köln.

E sim, depois de mais um dia a subir o rio, vislumbram Köln. Heinrich assegura Wolfgang que os seus pais o irão acolher com prazer. Uma hora depois, os dois jovens sobem do cais em direção a Santa Catarina. Em frente à igreja atravessem a rua larga, entrando nas ruelas mais pequenas rumo à casa dos pais de Heinrich.
A livre cidade imperial de Köln, ou *Colonia Agrippina*, como muitos ainda a chamam, parece bem protegida. Apesar, ou por causa disso, explica Heinrich, Köln sofreu danos colaterais dos conflitos dos últimos trinta anos. A taxa mortal infantil é elevada, presumivelmente devido aos momentos de escassez de bens alimentares. A *Universitas Studii Coloniensis* ocupa um lugar importante na vida da cidade livre. Contudo não é de longe a escola superior mais conceituada do Império Germânico. A faculdade de Medicina é muito pressionada quanto às aulas de anatomia. A autorização de dissecção de corpos humanos não é fácil de obter e os professores não conseguem nem por sombras repetir cá o que Vesalius fazia há cem anos, tanto em Basileia como em Pádua. Sendo assim, o debate Vesalius *versus* Galenus reduz-se a estéreis e frequentemente erradas citações de livros. Quase nada é

baseada numa abordagem experimental ou na observação dela. Quando Wolfgang questiona a família de Heinrich acerca das diferentes correntes religiosas na Universidade, a resposta é que ela sempre se manteve fiel a Roma e que, por regra, professores superiores com simpatias Luteranas são convidados a deixar a universidade. A teologia tem obviamente a última palavra, o que influencia as outras faculdades. De modo geral é mantida uma atitude dogmática quanto ao saber. Os pais de Heinrich fazem prudentemente perceber que no Sacro Império Germânico, Saber e investigação avançam sobretudo nas regiões onde a discussão decorre de modo menos dogmático. Heidelberg conheceu a mesma desaceleração como Köln depois de lhe ter sido roubada a sua biblioteca, que seguiu para Roma. Leipzig e Rostock parecem atualmente locais mais interessantes para estudos. Mas para quanto tempo? Acerca das primeiras escolas, ou pequenas escolas, os seus anfitriões pouco sabem dizer.

No dia seguinte, Heinrich e Wolfgang caminham pela cidade. Wolfgang apercebe-se agora que está de facto numa zona católica. Heinrich apresenta-o Ludovicus, muito considerado mestre de aulas na *Escola Latina.* Ludovicus conta que as aulas dadas são baseadas na leitura de textos escolhidos e uma estrita interpretação dos mesmos. Considera que é a melhor maneira para assegurar que os jovens desenvolvem a atitude e o pensamento correto, necessário para serem acolhidos na universidade. A filosofia da natureza é um assunto parcamente abordada ao longo dos estudos.
Wolfgang apercebe-se rapidamente, mesmo durante a amigável conversa, que as suas perguntas acerca da

aprendizagem em língua vernácula são varridas por baixo da mesa com alguma arrogância. Ludovicus afirma ter lido alguns textos tanto de Descartes como de Comenius e aponta que a ordem da natureza e da organização humana seria demasiada perturbada, caso se siga o raciocínio de qualquer um dos dois homens na *Escola Latina*. Na pequena escola seria um desastre. Quando Wolfgang encaminha a conversa para o que ouviu da Petite École de Port-Royal, Ludovicus lembra que a direção daquela escola está nas mãos de Antoine Singlin de quem já há muito se pensa que ele se afastou do caminho traçado pela igreja. Claro que a sua simples vida de padre é de louvar e admirar, mas não se pode esquecer que ele continua teimosamente o trabalho de Hauranne, anterior abade de Saint-Cyran que foi em tempos preso por Richelieu. E esta prisão foi certamente justificável, considera Ludovicus, visto as observações heréticas de Hauranne a respeito aos jesuítas. Além das origens dos protagonistas de Port-Royal serem pouco claras, segundo Ludovicus, é preciso também perceber o significado do erro. Se utilizarmos a língua vernácula para debater o que foi escrito na erudita língua latina, podem surgir muito rapidamente todo tipo de equívocos. Todos os tradutores de Koiné e Hebraico para Latim sabem-no muito bem. Imagina então o que acontece quando se começa a traduzir livros, ou pior, a Sagrada Bíblia, para qualquer língua vernácula, volátil por natureza e por isso gramaticalmente mal construída. Só pode abrir mão à heresia, termina Ludovicus. Wolfgang tenta contrapor este argumento e lembra que uma obra como *Janua Linguarum Reserata*, para a qual Richelieu

também tinha interesse, pode ser, pelo contrário, uma garantia pela correta interpretação da natureza das coisas, das pessoas e do trabalho divino. Compassivo, Ludovicus abana a cabeça. Novidades de curta duração, diz ele. Ainda por cima viram os valores estabelecidos de cabeça para baixo. Imaginemos um momento que pegamos assim nas línguas não só na Pequena Escola, mas também na *Escola Latina*. Significava que muito mais rapazes seguiam para a universidade e não só aqueles designados pela descendência ou escolhidos por Deus. Acabávamos por tropeçar nos letrados e cultos. As abadias tornavam-se demasiado pequenas para acolhê-los a todos. Então surge uma literacia que escapa a qualquer controlo. Não precisamos de mais erráticos, como aquele italiano Galileu, que forçam a Santa Sé a atos desagradáveis em defesa da fé purificada. Não, termina Ludovicus, mantenhamos as coisas simples. Deixemos que os filhos dos nobres que não estão destinados à herança do património da família possam usufruir da *Escola Latina* e da universidade para dispor de uma boa formação teológica. Eis o espírito do Concílio de Trento. E deixem usufruir de uma boa formação em Latim os poucos filhos de patrícios escolhidos por Deus, que se revelam estar à altura para se deixar iniciar nas letras e nas línguas por piedosos mestres bem formados.
Ludovicus convida Wolfgang para visitar uma sala de alunos. São jovens que estão a acabar o primeiro ano de *Escola Latina* e segundo o modelo jesuíta estudam a gramática latina. Numa das mesas, Claus, com dez anos, curva-se por cima da gramática latina que o seu pai lhe comprou na tipografia que

fornece a *Escola Latina*. Wolfgang solicita se pode espreitar o livro modelo. Constata que se trata de uma estampa clássica, sem nenhuma ilustração e na qual não se considera de modo algum a idade de quem irá utilizar o livro.
De regresso na família de acolhimento, Wolfgang aprende que, como mais alguns outros rapazes da turma, também Claus é uma dessas crianças da pequena nobreza que está mais ou menos confinado em preparar-se para uma ocupação no clero. Pensa acerca da arrogância da propriedade e do poder que leva a considerar as crianças não como seres pensantes, mas como instrumentos para gerir o nome da família. A vontade absoluta não é própria das casas reais. Apresenta-se como o elemento determinante com o qual todos os nobres asseguram o poder da família.
Três dias mais tarde, Wolfgang despede-se de Heinrich e a sua família. Tem uma viagem de 40 milhas no Reno pela frente, o que corresponde a 50 léguas holandesas. Sabe que só poderá utilizar a barcaça até *Köningswinter*. Com algum optimismo pensa poder estar em Frankfurt daqui a uma semana. Aceitou o convite do abade Franz Schaeffer na abadia de Heisterbach. Segundo o pai de Wolfgang, este abade é um modelo de brandura, simplicidade, humildade, filantropia e caridade. Enquanto segue Reno acima em direção a Köningswinter, Wolfgang pensa nisso e também nas palavras de Ludovicus. Tanto ele próprio como o pai desenvolveram a sua capacidade de raciocínio tanto na língua vernácula como em Latim. *Janua Linguarum Reserata* ajudou muito nisso. Claro que Wolfgang também sabe que muitos letrados e filósofos não tiveram esta

possibilidade. Muitos dos filósofos da natureza que hoje publicam foram nos seus primeiros anos iniciados por preceptores, verdadeiros magisters. E os poucos outros rapazes, segundo Ludovicus, escolhidos por Deus? Eles chegam à compreensão assim, sem escola? Apesar da Pequena Escola? Qual é o contraste? Trata-se de reforma religiosa? De reforma das classes? Ou trata-se da reforma de como mestres de aula e *lectores* se apropriam e passam conhecimento? As ordens Reformadas e Católico-romanas preocupam-se com a divulgação geral do conhecimento ou só se preocupam com a manutenção dos seus privilégios? E o que querem os Humanistas? Que todas as pessoas possam mais e melhor conhecer a natureza das coisas? Ou tem mais a ver com uma espécie de privilégio espiritual próprio, para chegar mais perto da Verdade? E o que é a Verdade? Ptolemeu é a Verdade? Segundo o colega de Regius, aquele do *Smeetoren*, o próprio Ptolemeu terá dito que ele não sabe o que é a realidade, mas que só procura dar uma descrição matemática daquilo que vemos. E se observamos mal a realidade? Os *mundi iovialis* deslocam-se em torno de Jupiter ou trata-se de uma realidade imaginada? Existe alguma relação entre realidade e verdade? As perguntas continuam a surgir e parece que a cabeça de Wolfgang fica tonta. Procura o bonito presente que um filho de rico armador lhe deu: um 'estilete' feito de *plumbago* envolto em madeira. O seu amigo tinha retomado um carregamento de 'estiletes' deste tipo, que os ingleses chamam *lead pencil*, de um barco inglês capturado por piratas holandeses. Quando ouviu os planos de viagem de Wolfgang, ofereceu-lhe dois

destes ‘estiletes’ mais um *album amicorum*. Wolfgang ainda disse que estava à procura de conhecimento, mas que preferia ser ele a escrever as suas notas. Seria portanto antes um *personalis album*. Mesmo assim, o seu amigo fez-lhe uma bela abertura do album, e, verdade seja dita, algumas páginas estão entretanto reservadas para assinaturas e contactos. Aqui já deixaram rasto Regius, Ludovicus e as famílias que o hospedaram.

Wolfgang tira o seu *personalis album* da sacola. Em silêncio abençoa o conforto da barcaça que desliza sobre a água. Passa o resto da tarde a escrever cuidadosamente alguns dos seus pensamentos. Numa *diligence* seria impossível fazê-lo…

Avista-se *Köningswinter* e com isso também o cais terminal da sua tranquila viagem na água. Na estalagem perto do cais, que também serve de local de paragem para os serviços Tassis, informam-no que pode seguir para Koblenz ou para Mainz. Pelo que se sabe, existe uma ligação regular por barco de Mainz para Frankfurt. Apesar da viagem de diligence não ser muito barata, ele decide que irá percorrer as 22 milhas do Reno até Mainz por terra. As 6 milhas restantes até Frankfurt serão novamente de barco. Daqui a dia e meio poderá seguir viagem.

Depois de se assegurar de um lugar na *diligence*, caminha para a abadia de Heisterbach, a pouco mais de meia milha. Quando chega ao portão pede para ser recebido pelo abade Franz. Pouco tempo depois, o abade e o jovem sentem-se de mãos dadas junto a uma pequena mesa. O abade conta a Wolfgang a sua ligação com a região do Reno. Também fala da sua visita a

Georgenthal, uns anos antes de ter sido ordenado abade de Heisterbach. Naquela época ouviu falar de Ratke quando lhe interessava estudar como tornar eficaz o ensino das línguas. Nunca se encontrou pessoalmente com Ratke, mas começou um pouco por acaso uma correspondência com o pai de Wolfgang. Este tinha enviado uma carta com perguntas acerca da Ordem dos Cistercienses. Schaeffer encarregou-se da resposta. Estava intrigado pelo elegante uso do Latim e surpreendido que o seu jovem correspondente só tinha quinze anos. Depois do seu regresso para Renânia, o monge, mais tarde ordenado abade teve o maior prazer em continuar a correspondência, mesmo depois da família Magister se instalar em Amsterdão. Abade Franz elogia Wolfgang pelo seu domínio do *Hollandtsch*, mas também do *Niederdeutsch* e do Latim. O jovem conta que talvez resulte do modo como aprendeu essas línguas, e também o Inglês, recorrendo a diferentes traduções do *Janua Linguarium* de Comenius. O *Hollandtsch* aprendeu naturalmente, quando era rapazito. Wolfgang fica surpreendido que o abade está bastante bem informado acerca das tentativas de Comenius para reformar a escola. O abade sorri e explica que embora considere Comenius um errante teológico, ele presta um grande serviço para a escolarização dos filhos dos iletrados.

A abertura mostrada pelo abade deixa o jovem tentado para lhe fazer uma pergunta atrevida. Ele quer saber como uma pessoa tão humana, filantrópica e cheia de brandura pode ser abade de uma abadia de uma ordem com uma história de cruzados, inquisição e sangrentas combates contra dissidentes.

Depois de pensar um pouco, o abade responde que uma ordem é uma fraternidade, mas também uma organização com uma história. Não deverá ser novidade para Wolfgang que a regra de *Citeaux* ou *Cistercium* foi uma tentativa de pôr a limpo a vida espiritual nas abadias que não respeitavam a *regra de Benedito*. Infelizmente, procurar a pureza não é tarefa fácil. Convencer os outros dos benefícios de uma vida pura, simples e piedosa ganha rapidamente contornos de intolerância quando o outro não reage como queremos. Até onde vai a paciência enquanto se espera que outros ganhem a compreensão das coisas que o próprio considera ter? Não é isso o drama do ser humano? Não são os mestres fracos vítimas da sua própria impaciência e falta de conhecimento? É difícil comparar a época de hoje com o período no qual Robert de Molesme com alguns monges criou a ordem. Parece um padrão recorrente. Com regularidade aparecem monges e padres que se perguntam, talvez devido a severas dietas que promovem visões, se a igreja não se tornou opulenta demais. A exibição de riqueza é um ponto sensível. Outro ponto sensível é que existiram e existem líderes de igreja que impõem regras que de seguida outros ignoram. São mensagens confusas. Também há os puristas piedosos que querem propagar o seu próprio juramento de pobreza e simplicidade. Eventualmente com a violência. Alguns receberam um teto da própria igreja romana, outros ela baniu. Mas todos espalham fervorosamente a sua verdade. A sua própria verdade, não a realidade. A propagação fervorosa vira-se facilmente, demasiado facilmente, violência. Atualmente temos uma grande

esperança que a destruição e os massacres que fustigam já dezenas de anos a nossa região possam chegar ao fim. Infelizmente, e mais uma vez, este fim tem a ver com falta de dinheiro ou de soldados de quem promove a guerra e não devido a um ganho de consciência acerca da inútil destruição que os próprios homens provocaram. “Pois bem,” diz ele. “Como abade da ordem da qual observaste que era intolerante, só tentei nestes anos todos que as paróquias da nossa região continuassem a contar com verdadeiros monges. Consegui-o razoavelmente. Para o fazer, precisei mais de boa vontade do que de armas. Não enviei monges arrogantes, mas monges compreensivos e abertos para o diálogo. Uns eram pessoas simples, pobres coitados, antes de se tornar monge, outros, não,” termina.

“Mas o clero na liderança provém muitas vezes da nobreza mundana, não é verdade?” pergunta Wolfgang.

“Da nobreza ou de famílias abastadas, sim. Acontece muito. Famílias que não querem que os seus filhos e filhas fiquem desapossados e que vêem na regra do celibato uma maneira para não esmigalhar o património familiar.”

“É esperado desses filhos e filhas, forçados a entrar no clero, que aceitam a promessa de pobreza, castidade e simplicidade?”

“Fazes perguntas difíceis, meu filho. Não se trata só de posse. Também se trata de influência. As famílias ganham influência sobre Príncipes e Reis reinantes cada vez que um dos seus filhos no clero se torna consultor ou secretário.”

“Mas o desejo de posse e aumento de território é algo que a nobreza e o alto clero têm em comum?

“Podes colocar a questão nesses termos sim. Não é sempre fácil. Mesmo aqui na nossa abadia, que não se preocupa com aumento de território, existe um sentido de posse. E para manter as nossas terras, a abadia conta com aldeões mas também com os conversos. Eles têm menos obrigações espirituais mas têm funções importantes para o bem-estar da comunidade.”
Na mesma noite, depois desta longa conversa, Wolfgang despede-se do abade.

Na manhã seguinte, Wolfgang cede ao seu impulso para assistir à *prima*. Fica comovido com o canto gregoriano. Depois caminha pelas terras da abadia, procurando quem aí trabalha, para curtas conversas. Ele encontra até um operário flamengo, de Antuérpia. Descobrem que não é muito difícil de se perceber mutuamente, ele com o *Hollandtsch* de Amsterdão, o outro com o *Vlaams* com sabor de Antuérpia. Partilham pão e água e colhem alguma fruta do pomar. Pouco antes do sol estar no seu ponto mais alto, Wolfgang desce o caminho até à pequena cidade. Perto da estalagem onde comprou passagem na *diligence*, ele espera pelos outros viajantes e pela viatura. O próximo destino é Koblenz a 10 léguas prussianas, onde chegam à noite, um pouco antes de escurecer completamente. Depois de uma noite no albergue onde se troca os cavalos, tem só um curto momento para se sentar no local onde o Mosela conflui com o Reno.
Com muito abanar e baloiçar chega a Mainz, onde decide dormir outra vez no albergue onde param. Antes de se deitar pergunta pelo cais do *marktschip*, o barco que faz a ligação

regular com Frankfurt. Asseguram-lhe que poderá seguir viagem desde que chegue a tempo ao local de embarque.
O barco sai ao amanhecer. Wolfgang encontra um lugar para se sentar entre outros viajantes e um grande pacote de bens embrulhado num tecido de linho. Observa durante algum tempo os condutores de cavalos que acompanham com jeito os animais pelo caminho de sirga. Depois encolhe os joelhos e abre o *personalis album* para o atualizar. Não o pude fazer nos últimos dois dias. Uma *diligence* abana demasiado para poder sequer pensar em escrever e ontem à noite o cansaço desencorajava escrever à luz da lamparina.
Depois de ter anotado o resumo da conversa com o abade Franz Schaeffer ainda faz um curto apontamento acerca de Mainz. A cidade parece muito danificada devido a muitos anos de conflitos. Philipp von Schönberg acaba de ser empossado como arcebispo. Ouviu a notícia no albergue, onde iniciou conversa com Martin Scharff, um jovem mestre-escola. Este contou que já se começou a reerguer os pequenos edifícios escolares. Circula uma notícia persistente que se pensa construir espaços em número suficiente para conseguir enviar todas as crianças da cidade para a pequena escola. Wolfgang, que explicou o que pretende com a sua viagem, pergunta ao mestre-escola se ele o pode informar por carta acerca do desenvolvimento do plano escolar.
À tardinha, Wolfgang chega ao *Fahrtor,* porta e cais de desembarque. Caminha pelas ruas da cidade em direção à casa dos primos, ansioso para se encontrar com eles.

Querido pai, querida mãe, queridos irmãos,

O tempo passa depressa. Já faz seis meses que estou a viver em casa do primo Leopold e da sua encantadora esposa Magda. O negócio de livros de Leopold corre bem. Como já vos contei numa carta anterior, ele aumentou bastante a capacidade da tipografia. Atualmente há seis tipógrafos a trabalhar para ele. Os livros vendem se bem. Magda e Leopold dedicam grande parte do seu tempo a satisfazer pedidos de livros concretos. Trocam correspondência com colegas, não só dentro das fronteiras do Império Germânico. Pode-se bem dizer que aqui se sente a brisa do vento, desde o Mar Mediterrâneo até Stockholm e desde Londres até Moskovia.

Espero que a minha carta de fevereiro vos tenha chegado. Ainda não recebi resposta. Mas recebi uma resposta à minha carta de dezembro, na qual reagiam à minha missiva anterior. Contaram-me que o tráfego de barcos no Reno não esteve interrompido durante o tempo das negociações, mas que de vez em quando há escaramuças junto às fronteiras territoriais ou nas casas de pedágio relativas ao direito de transporte de bens. Asseguraram-me que cartas não são bens e portanto chegam ao destino desde que, claro, nada de grave aconteça ao transportador. A missiva perdida tem talvez a ver com alguma guarnição francesa nas regiões fronteiriças.

Podem imaginar o alívio que se sente aqui, agora que a paz entre a República dos Países Baixos e o Reino de Espanha se concretizou. Existe uma grande esperança que o comércio de Belgium Fœderatum com o Novo Mundo irá beneficiar as relações

comerciais com as cidades livres banhadas pelo Reno e afluentes. Aqui em Frankfurt os tipógrafos mostram-se muito satisfeitos com o aumento da procura que já sentem. Leopold explicou-me que imprimir o trabalho de estudiosos que trabalham em universidades controlados por Roma acarreta muita insegurança. Não é raro um trabalho já impresso mas ainda não pago ser colocado no Index Librorum Prohibitorum*. A paz facilita a impressão de obras que, mesmo que proibidas pela igreja romana, não deixam de ser vendidas nas zonas livres de tais proibições. Tornou-se também mais simples enviar trabalhos não vendidos por estarem no* Index *para Leipzig ou Amsterdão. Contam-me que, naquelas cidades, há quem dá mais valor a estes livros, só porque foram proibidos. É de loucos, não é? Parece que se dá mais valor ao facto que a Igreja de Roma proibiu um livro, do que ao raciocínio formulado pelo autor que escreveu o livro. Seja.*

Entretanto considero-me preceptor residente dos dois filhos de Leopold e Magda. Johannes tem uma grande sede de conhecimento e quer saber tudo acerca de como funciona a natureza. Há uns dias, um pombo matou-se ao voar contra uma parede no pátio da casa. Com a autorização de Leopold dissecamos o animal. Deviam ter visto a pose Vesalius que o rapaz adaptou. Sob a minha orientação fez desenhos da sua observação da posição das vísceras. Agora procuro um coelho acabado de matar. Assim espero que ele consiga captar a diferença entre a morfologia de um animal que voa e um animal que se desloca em terra. Martin é um bom leitor. Fiquei muito contente de encontrar na loja de um colega de Leopold uma

versão em altogermânico central de Janua Linguarium. De resto não me faltam livros e textos, para preparar Johannes, tanto como Martin, para a academia.
Caros pais, a notícia que aqui corre é cada vez mais persistente. Em Münster os negociadores estão convencidos que haverá mais acordos de paz até ao fim do ano. Portanto, espero mais um pouco. Seja como for, prometi a Leopold ficar em Frankfurt até Johannes iniciar os estudos na academia. Como sabem, a minha intenção é de continuar para Basileia. E os nossos correspondentes da universidade aí avisaram que ainda existe uma certa tensão junto ao Lago de Constança. Informaram também que Johann Wettstein, burgomestre de Basileia, está em viagem diplomática em Münster. Sejamos optimistas.
Que Deus possa perdoar o homem que, sedento de posse e poder, utiliza de modo frívolo o Seu nome para justificar carnificina e conflitos mundanos. Com esta oração termino a minha missiva.

Wolfgang relê o que escreveu antes de dobrar e selar a carta. Como sempre, queria ter formulado algumas frases de outro modo. Continua a ter dúvidas se tem ou não que encorajar o seu pai a deixar Amsterdão e seguir para Frankfurt. Apesar de ser uma cidade livre com uma edilidade e população tolerante no que diz respeito à religião, continua a ser uma cidade relativamente pequena. Mainz seria a melhor opção para um professor superior. Frankfurt não é muito longe, a ligação de barco é diária e faz-se bem. A atividade florescente de editor, tipógrafo e afins pode facilmente dar uma imagem errada. Mas o ensino na região é dirigido pelos jesuítas e Wolfgang receia

que o seu pai não tenha hipóteses, nem sequer na *Escola Latina*.

Uns meses mais tarde confirma-se a notícia tão aguardada. O *Instrumentum Pacis Monasteriensis* confirma o fim dos conflitos e das guerras entre o Imperador do Império Alemão, o Rei da França e os seus aliados. Simultaneamente é assinado o *Instrumentum Pacis Osnabrugensis* o que significa o fim das hostilidades entre o Imperador e a Casa Real Sueca. Estes novos acordos reforçam a proteção tanto da República como da Confederação dos XIII Cantões contra as reivindicações dos Habsburgos. A Confederação pode a partir de agora considerar-se finalmente independente tanto do Império Germânico como de reivindicações do Rei de França.
Contudo, com esses acordos, os Príncipes, Duques e Senhores locais enfraquecem o poder do Imperador Germânico. O Império é composto por 350 estados independentes. Instala-se a Dieta Perpétua na qual estão representados o Rei da França e a Casa Real da Suécia.
Nos papéis inscreveu-se também a tolerância religiosa. O Calvinismo é agora aceite como uma das correntes religiosas. Leopold e Wolfgang têm sérias dúvidas em relação ao acordado. Afinal vai uma grande distância entre a tolerância prometida pelo Imperador aos príncipes luteranos e uma efetiva tolerância entre as diferentes comunidades religiosas numa mesma cidade. Na prática o acordo consiste em que cada governante de cada estado do Império Germânico poderá decretar qual das três correntes cristãs passa a ser a única oficialmente autorizada no seu território. A não ser que as

cidades livres consigam uma condução mais prudente e mais tolerante, haverá outra vez muitas famílias fiéis à sua própria interpretação da fé que irão mudar com todos os seu haveres de um local para outro. Leopold ironiza que as *schuilkerken*[1] como as dos *Remonstranten* em Amsterdão têm o futuro garantido. Aquelas soluções de meia tigela que os príncipes acordaram são perigosas e mostram que a nobreza desconhece a realidade da população local que dizem governar. É fácil prever o resto: sem educação secular, a tolerância será difícil de se encontrar. Nisso os primos estão de acordo.
Apesar de considerar positivo o reconhecimento *de jure* da República e da Confederação dos XIII Cantões, não podem deixar de ser muito críticos em relação aos dois acordos. Mais uma vez, os Senhores não deixaram de resolver de forma bem explicita quem entre eles poderá exigir os impostos de que cidades, cidadãos e lavradores, que, em muitos casos, se vêm mais uma vez perante novas fronteiras. A Casa Real francesa domina agora Pinerolo e os três arcebispados Metz, Toul e Verdun. A Alsácia passa a ser propriedade dos Habsburgos Austríacos com exceção de Estrasburgo e Mulhouse. A Casa Real Sueca por sua vez arroga-se o domínio de territórios no Norte do Império Alemão e confirma assim o poder de ataque do falecido Rei Gustavo Adolfo.

O Inverno aproxima-se. Wolfgang acorda com Leopold que irá continuar a sua viagem assim que a primavera se anuncia. Fica mais tempo em Frankfurt do que tinha pensado

[1] literalmente igrejas abrigadas. São casas de habitação que abrigam uma igreja mais ou menos clandestina.

inicialmente. E mesmo que o mercado da cidade e o comércio do primo continuem a ser ótimos locais para construir a sua rede de contactos, Wolfgang quer continuar até Basileia, a mais ou menos 60 milhas Renanas. Terá que fazer a maior parte do percurso por *diligence*. O correspondente de Basileia indicou-lhe o caminho a tomar que lhe permite pernoitar regularmente na margem do rio. Realisticamente tem que prever dez a doze dias de carroça. Mesmo que os acordos de paz irão fazer crescer o tráfego do rio, são demasiado recentes para já contar com ligações de barco regulares nos locais onde eclusas se impõem, mas nem sempre são operacionais, ou nem sequer já existem. Implicaria certamente caminhadas a pé, entre diferentes locais de embarque, sem ter a certeza que no rio acima se encontrará o barco para continuar a viagem. Ouvindo os Senhores que assinaram *Instrumentum Pacis Monasteriensis* tudo mudará depressa. Com o acordo obtiveram direitos de água e podem por isso construir casas de pedágio nos troços de rio que possuem. Esta garantia deverá encorajar a implementação de infra-estruturas para que o Reno Superior seja mais navegável. Será portanto uma viagem de *diligence* até Basileia com início em Mainz. Até lá, Wolfgang tem a companhia de Johannes. O rapaz vai passar alguns dias na família de acolhimento que Martin Scharff providenciou e onde ficará enquanto frequenta as aulas no *Domus Universitatis* dirigido pelos jesuítas.
Poucos dias antes de partir, Wolfgang recebe uma longa carta de Amsterdão:

Caro Wolfgang,

Parece-nos que podemos encarar os próximos vinte anos com mais um pouco de serenidade. Os Reis e os príncipes deixaram de ter dinheiro para fazer a guerra e isto para já poupa vidas humanas. Seria bom se pudéssemos também controlar o pestis *com um acordo bilateral. Estamos felizes de ver que nas tuas missivas não falas de doenças e epidemias. Aqui é um pouco diferente. Regularmente avisam que o médico da peste com o seu bico de ave pode estar de volta. Tivemos a visita de quem nos contou como é a vida naquela parte de Amsterdão que a tua mãe e eu nunca frequentamos. As pessoas vivem quase como animais. Passam o inverno em cabanas e estábulos. Durante o verão vivem sobretudo ao ar livre. Naqueles bairros há regularmente pequenas epidemias. Mas não sentimos a mesma ansiedade como tivemos naquele ano que até o edil Laurens Reael foi ceifado pela peste negra. Tinhas só sete anos e estávamos com tanto medo que tu também poderias apanhar a doença, mesmo que nos tenham dito que se tratava da doença das almas pobres ou de quem as frequenta. O que me faz pensar que mesmo se fosse possível fazer um tratado com o* Pestis*, ele não seria assinado. Para assuntos relacionados com a vida dos pobres não se assinam tratados, também não na República. Isso já me ficou bem claro! O nosso interlocutor falou-nos das condições de vida de muitos artesãos. Ganham menos de um terço do nosso salário. Mas há muito pior. O marujo que trabalha duramente na captura do arenque não pode contar com mais 140 florins por ano e um pouco de arenque. O soldo anual do simples soldado por pouco não atinge os 100 florins. O que resta a essa gente senão roubar e trapacear. caso não lhes seja ensinado alguma moralidade. E se tiverem*

uma escolarização a sério, será que aceitariam estes salários de miséria? E a moralidade funciona, quando tudo tem que ser pago e o dinheiro não chega para comprar pão?

A nossa família desde sempre se contentou com uma vida mais modesta e com menos gastos do que muitos professores superiores e dignitários. Contudo, somos identificados como tendo um estilo de vida que a maioria dos Holandeses consideram exuberante. O nosso salário é atualmente um pouco mais do dobro daquilo que ganha um mestre na Escola Latina. Portanto, não podemos nos queixar, mesmo se a administração da cidade nos deu o estatuto de meio-capitalista, para calcular a cobrança de impostos. Mantemos o nosso hábito de nos alimentar com boas refeições pouco copiosas. Continuamos a variar entre muitos legumes, peixe, carne e fruta. E isso pode já parecer um luxo. A este respeito o nosso interlocutor deu-nos a triste imagem da mesa dos indivíduos pobres. Papas de farinha de centeio com água, pão de centeio e cerveja diluída. E muito de vez em quando um pouco de peixe seco, toucinho salgado ou um legume cultivado pelos próprios.

Wolfgang, o que mais nos fez estremecer, foram as notícias que pouco a pouco nos chegaram de como foi a guerra. Do nosso interlocutor aprendemos as coisas mais terríveis. Falou-nos dos comedores de cadáveres, nos últimos anos. Sim, ele ouviu dos luteranos do norte da República, que mantêm relações comerciais com Hamburgo, que naquela região, depois de não sei quantos cercos e pilhagens associados, os emaciados sobreviventes, em puro desespero, praticaram o consumo de carne humana. Como são terríveis estas histórias. Espero que o nosso querido mestre

Ian Amos, que continua na Pomerânea, não fique ainda mais perturbado.

E agora? Aqui, a guerra terminou, mas as preocupações não. O Estatuder procura com todos os meios manter a sua caríssima armada de mercenários. Os governantes de Staats-Vlaanderen, Staats-Brabant e Zeeland não dizem não ao desejo que tem de incorporar na República Antuérpia e Gent, mas, como já sabes, aqui em Holland ninguém quer portos e praças comerciais concorrentes dentro da República. Aqui, os comerciantes querem manter estas praças fora das fronteiras. Assim podem ser controladas com impostos e taxas para o uso das vias fluviais. Existem razões para tal. O comércio com India Oriental, mas também com India Occidental, privilegia cada vez mais os comerciantes aqui. A Vereenigde Nederlandsche Geoctroyeerde Oostindische Compagnie *e a* Geoctroyeerde West-Indische Compagnie[1] *dividiram entre elas a maior parte das rotas usadas anteriormente pelas embarcações portuguesas e espanholas. A Inglaterra protesta de modo barulhenta. Os comerciantes não querem mais outro foco de tensão, sobretudo agora que o comércio com a India Occidental e com America se tornou mais instável desde que a Casa dos Bragança se opôs aos Habsburgos. Isto porque esta casa reivindica o trono sobre o território Luso e as posses ultramarinas associadas, negligenciadas pelos Habsburgos, razão pela qual as companhias da república se apoderam das feitorias.*

Estamos hoje em condições para te confirmar que a Geoctroyeerde West-Indische Compagnie *comercializou*

---

[1] Companhias das Índias sediadas em Amsterdão.

escravos. A companhia retomou cidades e feitorias dos portugueses e operaram a partir da costa de Loango e de São Filipe de Benguela. Segundo um dos nossos informadores, não foi tanto a recente pressão dos comerciantes portugueses, mas o reduzido lucro que fez com que os comerciantes da República desinvestiram na Costa Africana Occidental. Beneficiou a Vereenigde Nederlandsche Geoctroyeerde Oostindische Compagnie *que, em troca, aumentou a sua influência na India Oriental. Sempre segundo o nosso informador, os novos governantes de Portugal concentram-se agora no Brasil. A importação de trabalhadores tornou-se também prioridade. Estes continuam a ser trazidos como escravos da África Occidental, mas agora por comerciantes portugueses.*

Esperamos que ainda recebes esta missiva antes de sair para Basileia. Se por acaso já tivesses iniciado a tua viagem, os teus primos farão certamente seguir a nossa carta. Mas lembro-te de te apresentar, logo que chegues a Basileia, em casa do nosso bom amigo que aceitou te acolher. Na última carta que recebemos, afirmou outra vez que está ansioso pela tua chegada. Vais encontrar nele um guia que te poderá apoiar nas tuas perguntas em torno da vivência de Deus e da natureza e no teu questionamento acerca de educação e ensino. Vais encontrar nele uma abertura pouco vulgar nestes tempos, nos quais não só toda a gente lambe feridas provocadas pelos muitos conflitos que destruíram a vida, a saúde ou a mente de muitos cidadãos e aldeãos em inúmeros locais, mas nos quais, apesar disso tudo, a intolerância já está novamente a manifestar-se.

Aguardamos com expetativa e alegria as tuas próximas missivas

nas quais nos entreténs com as tuas aprendizagens.

Depois de onze dias de sacudir e balançar, Wolfgang avista Basileia. A viagem foi longa, mas não muito complicada. Só uma noite não teve outra opção senão dormir ao relento com os três outros viajantes e o cocheiro. Nas últimas milhas, a paisagem mudou. Apesar de nunca ter deixado o vale do Reno, subiram bastante. Basileia fica 547 pés mais alto do que Mainz. E os picos nevados no horizonte testemunham de regiões muito mais altas. Aí encontram-se as passagens de montanha que levam os viajantes para o Ducado de Milão e a República de Veneza. Wolfgang deixa escapar um suspiro. Milano e Veneza. Tão perto e ao mesmo tempo tão longe. Mas como não sente nenhuma vocação de pintor, também não sente grande vontade de fazer a travessia mais complicada daquelas passagens. Só ver aquelas montanhas à distância, já lhe provoca comichão na barriga. Bologna ou Roma, sim, poderiam ser o destino de um mestre de aulas. Pode-se chegar a Bologna pelo mediterrâneo, indo até Genoa, para depois seguir para a planície do rio Po. Roma também se alcança de barco. Mas implicava descer o Rhône. Não. Ele vai-se manter fiel ao plano traçado. Ficará deste lado dos Alpes e depois de Basileia visitará Paris.

Wolfgang regista que a posição neutra que a maioria dos governantes dos cantões apresentaram durante as guerras entre Católico-romanos, Luteranos e Calvinistas, proporcionou a população para se providenciar de uma vida bastante estável. Muitos afirmam que, apesar de procurar que só houvesse uma religião oficial por cantão, continua a existir

uma tolerância bastante grande, pelo menos no seio de toda a família de religiões cristãs. Outros não são tão bem aceites. É particularmente claro em relação aos judeus, mais ainda do que em relação aos muçulmanos. Disso ele quer falar com o seu anfitrião Jacobus Schulthess.

“Encontraste tudo de que precisavas no teu quarto?” pergunta Jacobus.
Wolfgang refrescou-se da viagem e desfrutam agora juntos de um jantar frugal.
“Sim, fico-lhe muito grato, não só pelo modo como me recebe, mas também pelo modo como os meus pertences que o meu pai já tinha mandado anteriormente foram tratados.”
Wolfgang fixa os olhos azuis claros do seu anfitrião. Jacobus é um homem alto com o cabelo ligeiramente cinzento e uma cara muito expressiva, cheia de rugas, que facilmente se abrem num cativante e grande sorriso.
“Estou feliz de poder receber aqui o filho do meu velho amigo de Köthen. Ele encontra-se realmente tão bem como faz aparecer nas suas cartas?”
“Sim, só tem algumas apreensões relativamente à velhice que se aproxima. O pai sempre gostou de viver em Amsterdam, e também a minha mãe aprecia a vida lá. Mesmo assim, ele está a pensar em regressar para a região alemã.”
“Para Köthen?” admira-se Jacobus.
“Não, Köthen não. Fala muitas vezes de Frankfurt. O meu tio-avô já o sondou algumas vezes acerca da ideia.”
“Foi a razão pela qual ficaste tanto tempo aí”, diz Jacobus num tom ligeiramente interrogativo.

“Conscientemente não, mas sim, um pouco. Todas as pessoas aconselharam-me a continuar a minha viagem só depois das negociações de Münster terem terminados. Uma vez que o acordo de paz alargado se firmou pouco antes de começar o inverno, fiquei até a primavera, para a viagem para cá ser mais fácil. E deu para ganhar alguma experiência como preceptor residente dos filhos do meu primo.”

“E entretanto espreitaste o ambiente a pedido do teu pai?”

“O meu pai gostava de publicar os seus pensamentos e a sua experiência como mestre de aulas e professor superior. Sempre abordou o *studia humanitatis* seguindo as ideias de Ratke e Comenius. O meu tio-avô está disposto a editar e imprimir o seu trabalho. Assume o investimento. Em troca, o meu pai passaria a ser o preceptor de todos os netos do seu tio. O salário anual seria substancialmente menos do que ele ganha em Amsterdão no *Athenaeum*. Mas não tem que se preocupar com custos da gestão da casa.”

“E posso imaginar que na região de Frankfurt será difícil trabalhar como professor. Mesmo em Mainz…”

“Sim, tanto pelo meu primo, como por um jovem mestre de aulas que conheci em Mainz, percebi que será difícil. Os mestres de aula que não se pronunciam claramente Católico-romano são afastados.”

“Os tratados que agora foram assinados não abrem necessariamente portas para um melhor entendimento entre as diferentes correntes cristãs”, suspira Jacobus. “É veiculada esta ideia, mas no final de contas, cada governante decide qual é a igreja autorizada no território que governa. Logo, cada

corrente tenta ganhar mais força do que as outras. É incontestável que Roma tem mais meios do que qualquer outra corrente. Vê só o papel da Companhia de Jesus. Muitos dos membros são intelectuais de grande renome. Graças a eles muitas excelentes universidades, *athenaea* e *escolas latinas* conseguem manter-se completamente católico-romanas."

"Inicialmente pensava que isto era só o caso no Império Germânico. Aquele imenso território consiste num número desesperadamente grande de pequenos principados, príncipe-bispados, ducados e reinados. Todos eles têm que tomar em consi-deração as cidades livres. Mas bem vistas as coisas, o problema é mais geral. Mesmo em Amsterdão, na República que outros apontam como um exemplo de abertura, existem *schuilkerken*. Talvez era melhor o meu pai considerar se instalar em Basileia?" termina Wolfgang com um sorriso.

A cara de Jacobus transforma-se com o largo sorriso que de repente desenha. "Também aqui nem tudo é o que parece. Mas talvez coexistimos melhor entre correntes cristãs do que em *Belgium Fœderatum*. Pelo menos até hoje."

"Gostava de o ouvir a este sujeito. Afinal de contas, a história de Basileia não é sem importância, quando consideramos as disputas teológicas."

"Terei todo o prazer de te informar a este respeito. Observa em teu redor, também na minha biblioteca. Daqui a uma dezena de dias inicia-se um período em que os meus estudantes não precisam tanto de mim. Falaremos mais então."

Os dias passam a ter um padrão fixo. De manhã, Wolfgang está na cidade. Depois de ter sido apresentado e introduzido

por Jacobus, ele tem a oportunidade de seguir cursos e assistir às palestras que quer. Durante uma das suas caminhadas, consegue visitar uma escola para pobres. Mais uma vez constata o contraste gritante entre esta pequena escola e a oferta para as crianças das classes abastadas, com títulos, com dinheiro ou com uma combinação dos dois.
Após o almoço retira-se normalmente na rica biblioteca do seu anfitrião. Lê textos de Petrarca e Dante. Encontra versões anotadas de escritos da maioria dos reformadores com uma visão critica sobre a Igreja Romana. Relê com muito prazer *O elogia da Loucura* de Erasmo de Roterdão. Mergulha numa versão original de *Utopia* de Thomas Morus. Um conjunto de textos de François de La Mothe Le Vayer, entre os quais "*De la liberté et de la servitude*" e "*Discours sur l'histoire*" provocam o seu pensamento.

"Wolfgang, agora tenho todo o tempo disponível para ti. Gostaria de ouvir as tuas perguntas e depois também as tuas observações acerca da minha tentativa de formular uma ou outra resposta, se isto me for possível." Jacobus começa assim uma longa conversa, que é retomada a seguir aos pequenos almoços, nos dias que seguem.
"Procuro imaginar como se elabora um modelo de educação que, se não leva ao cosmopolitismo, pelo menos leva à tolerância. Em Erasmo encontro talvez uma relação entre o humanista e o cosmopolita. Mas não é o humanista simplesmente quem se ocupa do *studia humanitatis*?"
"Se estás a pensar em Petrarca, então, diria eu, podes considerar que humanista é quem trata do *studia humanitatis*.

Ele fala do humanista que não só estuda a língua, literatura e cultura Latina e Grego, mas também ensina acerca delas. Contudo, não utilizaria aqui o adverbio ‘simplesmente’. Petrarca trabalhava e escrevia há 300 anos. Ele vivia num tempo em que se tornou cada vez mais claro, para os letrados com mente inquiridora, que as traduções dos antigos filósofos para o Latim não eram, por norma, lidos ou colocados em contexto. Os mesmos letrados constatavam ainda que não só diferentes traduções levavam a diferentes interpretações, mas que a tradução em si era uma interpretação.”

“Um uso errado dos textos de outros. Quase como o escreve François de La Mothe Le Vayer …”.

“Ah! Já cavaste bem a minha biblioteca. Sim, talvez. Mas penso que entre os primeiros humanistas se tratava mais de uma reação decorrente da sua própria dúvida acerca da exatidão dum texto traduzido. Obviamente, também sabiam que Cicero utiliza o vocábulo *humanitas* para exprimir civilização, cultura e educação.”

“Esta maior atenção para os textos antigos e a forma como são interpretados tem a ver com o facto que naquela altura mais pessoas se iniciavam na leitura?”

“Não totalmente. Não te esqueças que estamos a falar de uma época na qual na Europa a tipografia e a prensa ainda é relativamente rara. O aumento do número de leitores está muito relacionado com a descida do preço do livro e isto só acontece bastante tempo depois da introdução da tipografia com letras móveis metálicas, como a empresa da tua família em Frankfurt. Por mim, tem mais a ver com a própria

curiosidade dos letrados, sempre que procuravam textos mais antigos, muitas vezes em versões traduzidas. E tem também a ver, penso eu, com as condições lamentáveis que prevaleciam em muitos lugares que se encarregavam também das cópias, como as bibliotecas de abadia. Como bem sabes o alto clero provinha e ainda provém frequentemente de famílias da nobreza. Muitas destas famílias têm tendência para desconsiderar as suas próprias regras que inventam para os outros e para si. Parece-me portanto relativamente pacífico que quem compara manuscritos de traduções e encontra irregularidades entre versões, irá atribuir essas diferenças a quem não é muito cuidadoso quando se trata de regras e acordos. Quanto a mim, eram autores que queriam tentar captar a exata ideia dos seus pares de antigamente."

"E os líderes da Igreja que tinham mais que fazer não se lembraram de pôr uma certa ordem nas coisas…"

"Não te esqueças que a nobreza e as casas reais governantes têm um controlo bastante grande sobre a Igreja, porque existem muitos laços familiares entre os governadores espirituais e os governadores seculares. A igreja por outro lado tem um grande poder de decisão sobre o poder secular. Tudo isso faz com que antes possamos considerar a Igreja de Roma um dos jogadores e não o árbitro, que afirma ser. Já há muito que é assim. Pensa na relação hostil que houve entre o Papa Pio V e a Rainha Isabel da Inglaterra, ela própria de trato difícil. E já muito antes, na altura em que Petrarca morre, a liderança da Igreja era pela segunda ou terceira vez na sua história tão infetada por simonia e interesses familiares, que em 1378 o caos se instalou

novamente. Príncipes e prelados em pé de guerra discordaram tanto que uns e outros elegeram Papas que trabalhavam um contra o outro. Como se duas casas reais reinantes exigissem cada uma o seu próprio Papa para assim conseguir privilégios seculares e espirituais. Reformadores não precisavam de mais do que isso para formular as suas críticas.

Separado dos letrados italianos que se interessavam no humanitas de Cícero, na Boémia estudava Jan Hus, nascido em 1370. Quinze anos depois da morte de Petrarca, doutorou-se em letras. Seis anos depois era *Rector Magnificus* da universidade de Praga.

Na altura da mudança de século, a liderança da Igreja tinha-se degradado tanto que cada um dos Papas negociava abertamente tramas e esquemas em torno de funções e favores. Ao mesmo tempo, floresceu mais do que nunca a corrupção e o comércio de indulgências e relíquias. Hus tinha traduzido as obras de Wycliff durante o seu tempo de estudante. Este opunha-se publicamente contra a figura de Papa com grande poder secular, que submete a si reis governantes. Refere-se a este tipo de Papa como o anticristo. Wycliff rejeita também a doutrina da transubstanciação, desencadeando a fúria dos dirigentes da igreja. Bem que Hus não subscreve a rejeição de Wycliff, ele não deixa de se pronunciar contra a simonia, a corrupção e o comércio de indulgências e relíquias."

"Portanto, Hus descrevia em alta voz o que toda a gente podia ver e sabia que era verdade."

"Sim, Hus apontava para a arrogância do poder dentro da

Igreja. Mas fê-lo no “pior momento” e foi morto. Durante quase toda a sua vida existiam sempre dois Papas. Cada um representava um bloco de poder. Cada bloco estava claramente associado a dois campos de casas reais inimigos, governando a Europa. Além disso, havia a discussão pública entre duas correntes em torno da própria condução da Igreja. Uns consideravam que o Papa e a Curia dispõem de todo o poder, outros que o concílio ecuménico se sobrepõe ao Papa. Durante o Concílio de Constança, o campo do concílio ecuménico ganhou vantagem, mas não durou muito. Pode-se dizer que com o Concílio de Trento, o Papa volta a ter o poder absoluto. A contra-reforma desejada pela totalidade da estrutura Católica-Romana servia de argumento.”

“Mas isto foi mais tarde. Porque é que Hus tinha que morrer?”

“Revés brutal, diria. Na altura em que Hus é condenado à morte, a comédia de dois Papas passou à comédia de três Papas. O terceiro Papa lançou de Bologna a anátema sobre Jan Hus. Ele torna-se a vítima de um complot papal por expressar o que toda a gente sabia.

O Sacro Imperador Germânico Sigismund tinha imposto o Concílio em Constança. Este ia demorar quatro anos. O Imperador providenciou a Hus um salvo-conduto para que pudesse explicar as suas teses. Logo que o antipapa chegou à Constança, fez aprisionar Hus. No ano seguinte ele foi interrogado e condenado. Ironicamente a condenação de Hus foi a única decisão dos arrogantes negociadores. ‘*Para já matamos aquele encrenqueiro e depois veremos*’ pareciam dizer. Sigismund nunca interveio, nem quando o Concílio decidiu

enviar Jan Hus para a fogueira."
"E os partidos em luta pelo poder mostraram com esta condenação um primeiro sinal de concordância."
"Poderias dizer que sim. O Concílio prolongou-se por mais três anos. Foi eleito uma espécie de Papa conciliador, mas o que de resto se concordou nunca foi implementado. Foi a razão pela qual novas vozes críticas rapidamente se deixaram ouvir em relação a uma liderança da igreja que não queria ver o seu poder diminuído."
"E Hus foi simplesmente queimado?"
"Sim. Houve uma tentativa de salvamento de 250 nobres da Boémia. Suplicaram ao imperador por escrito para salvar Hus. Mas nada conseguiram. Circula até a história que quando Hus foi conduzido para a fogueira, ele parou um momento e fixou os olhos de Sigismund que estava presente. Este terá logo corado. Mas o episódio da súplica foi a causa direta para a discórdia entre Imperador e nobreza Boémia até hoje."
"A obra de Comenius testemunha esta tensão entre o Imperador Germânico e a Boémia."
"Era inevitável. Como sabes, Comenius é bispo dos Irmãos Morávios. Esta Irmandade nasceu uns quarenta anos depois da morte de Hus. Retoma grande parte das suas teses e prega a pobreza e não violência. Hoje desapareceu a recusa de posse das suas propostas. Mas a Irmandade mostra pequenos sinais de cosmopolitismo que Jan Hus certamente não tinha, e duvido que o possamos considerar um humanista. Contudo, tal como os humanistas, defendeu o uso da língua vernácula na escrita e no pensamento, como Dante ou Petrarca fizeram

antes.”
“Mas tanto você como o meu pai consideram que Comenius é um humanista cristão.”
“Comenius é hoje. Hus foi há quase 300 anos. Penso que Comenius é cosmopolita apesar de si mesmo. Como muitos, na geração do teu pai e como muitos filósofos do tempo de Hus, Comenius é um viajante. Não necessariamente por ser o seu desejo. Como outros, muitas vezes é forçado pelas circunstâncias de se mudar para outro lugar.”
“Ele prega contra a violência de guerra.”
“Gostava de poder falar com ele a este sujeito. Certamente não é favorável à violência. Mas procura em todo lado apoio para o a causa Checa, também entre nobres. E entende certamente que este apoio implica violência com as armas.”
“É possível pretender a não violência e simultaneamente ver como energúmenos maltratam pessoas que lhe são queridas?”
“Isto é, claro, um velho problema ético. Oferecer a outra face não é a atitude natural para quem procura vingança e é difícil de manter por quem procura justiça e num mundo que garante a coexistência pacífica entre pessoas que pensam de modo diferente.”
“Como pretendia Erasmus?”
“Pelo que eu entendo, Erasmus era um cristão que pretendia a boa relação entre todos os cristãos. Ele explica essa sua pretensão com uma reflexão que lembra o cosmopolitismo. Não disse ele ‘*O Inglês é inimigo do Francês somente porque é Francês, o Britânico odeia o Escocês por ser Escocês; o Alemão enfrenta o Francês de faca apontada, o Espanhol vira-se tanto*

contra o primeiro como contra o segundo. Que depravação.' Diz-se que ele escreveu *Enchiridion Militis Christiani* tendo em mente um correspondente seu, o comerciante de armas Hans Poppenruyter. Erasmo aponta para rituais sem alma e quer contrapô-los com uma religião de quem se dirige diretamente a Deus. Foi quase de certeza este modo de pensar que o tornou popular entre reformadores. Ele considera o ser humano do ponto de vista cristão. O modo como o faz implica que ele identifica o que considera práticas eclesiásticas erradas. Ele também se pronuncia sobre a intervenção secular como prática da igreja, mas não se pronuncia acerca da religião em si."

"E foi, segundo o Jacobus, o que os reformadores fizeram?"

"Eu diria que existe uma considerável diferença na interpretação da relação entre o ser humano e Deus, quando ouvimos Erasmus ou Lutero. Os textos *De Libero Arbitrio* e *De Servo Arbitrio* parecem-me emblemáticos a este nível. Calvino irá retomar ideias de ambos. Para Erasmus a tese que a condição humana se define pelo conhecimento acerca de Deus e o conhecimento de si próprio. Mas concorda com Lutero que Deus define tudo: faça o que fizer, sempre é a vontade de Deus."

"Se me permite, gostava de elaborar um pequeno resumo de o que penso ter percebido daquilo que li e de me contou", começa Wolfgang, "entendo que a linha do tempo é aproximadamente a seguinte. Faz agora uns 300 anos, letrados estudam textos antigos que procuram interpretar no seu devido contexto: o tempo em que os autores que os podem ter escritos viviam. Refere-se a estes letrados como sendo os

humanistas.
Duas gerações mais tarde, Jan Hus diz em voz alta o que muitos pensam baixinho acerca da opulência arrogante dos líderes da Igreja que se mostram unha e carne com os líderes seculares. É por isso assassinado.
Quatro a cinco gerações mais tarde, Lutero torna público as suas teses. É claro que ele gosta do modo como Hus denunciou os abusos da liderança da Igreja e que também condena de modo resoluto o negócio de indulgências e imagens. Alguns anos mais tarde, em 1522, Zwingli anuncia por sua vez as suas teses. Condena indulgências, mercenários e a regra do celibato e considera que impor o jejum é uma regra humana, não uma regra divina. Há quem dizia que teria afirmado que menos jejum dava menos visões e menos visões dava menos misticismo. Entretanto Calvino estuda a língua grega para ler o Novo Testamento na sua língua original e a seguir trabalhar numa tradução ao seu ver correta. Em Basileia encontra Oecolampadius que já tinha trabalhado com Erasmo para uma nova edição em grego do Novo Testamento. Entre outras afirmações, Calvino diz que as Escrituras Sagradas são verdadeiras *por si mesmo* e que o homem não consegue alterar a vontade de Deus. Quando Calvino começou a atrair e reunir cada vez mais fieis, a Igreja organizou, faz agora uns cem anos, o Concílio de Trente. Entre as várias decisões, consta a norma que de aqui em diante é preciso ter estudado teologia para poder ser ordenado bispo. Esta decisão pode ser vista como uma nova tentativa para enfrentar a simonia e o nepotismo, mas também para passar a contar com mais bons

teólogos na própria instituição.”
“Este teu resumo das tensões no mundo cristão é aceitável”, sorri Jacobus. “Um outro fenómeno interessante é de ver como a palavra humanista origina outra palavra, que Montaigne usa nos seus ensaios: *inumano*. Montaigne caracteriza com esta palavra os jogos de Circo da antiga Roma e o modo bárbaro em como os Judeus foram deportados de Portugal.”
“Então poderias aqui deduzir que *humano* caracteriza o lado positivo do que somos e *inumano* o lado negativo?”
“É possível essa dedução, sim. Seja como for, os humanistas letrados são, regra geral, antes cosmopolitas e tendencialmente pacifistas. Alguns deles serviam o seu rei, príncipe ou imperador. Thomas Morus servia Henrique Tudor de Inglaterra e Erasmo serviu o Imperador Carlos Quinto. Neste último caso, talvez deixou rasto…”
“O que quer dizer?”
“Circula uma história que quando um numero considerável de dirigentes eclesiásticos solicitou o Imperador Carlos Quinto de pôr Lutero na fogueira, ele terá respondido que não queria corar como Sigismund.”

Depois da conversa acerca da religião e as tentativas de reforma, Wolfgang sonda Jacobus para uma conversa acerca da influência dos humanistas no ensino. Jacobus manifesta-se disponível.
“Pressuponho que irás conduzir a nossa conversa mais uma vez em direção a Comenius.”
Wolfgang mostra-se um pouco embaraçado. “Aparentemente é bastante óbvio que o meu pai e eu temos uma grande

admiração pelo Ian Amos, não é?"
"Não tem nada de grave de admirar alguém como Comenius. E não ficam sozinhos com esta admiração, certamente. Desde que se publicou a primeira edição de *Janua Linguarum Reserata* ele é louvado em meios muito variados. Bem vistas as coisas, trata-se de um instrumento de trabalho do nosso tempo. Sustenta o ensino das línguas que deixou de ser só o velho *trivium*, primeiro grupo das sete artes liberais."
"Os humanistas opunham-se de imediato à escolástica?"
"Pelo que entendo, os humanistas posicionaram-se principalmente contra o carater dogmático que frequentemente interliga com a escolástica. Para eles, tem tudo a ver com o conhecimento inadequado das línguas clássicas. Erasmo por exemplo vai acompanhar de perto a instalação do *Collegium trium linguarum* ou *College der Dry Tonghen* em Leuven. Este colégio por sua vez inspirou Guillaume Budé para instalar o que ficou conhecido como College Royal sob auspícios do Rei Francês. Em Oxford nasce o *Corpus Christi College* e em Londres criou-se alguns anos antes o *St Pauls College*. São escolas exclusivas com uma nova abordagem do estudo das línguas. Segue a nova abordagem das ciências. Cada vez mais o trabalho científico é orientado por observação própria e não pelo estudo dos antigos filósofos da natureza."
"Escolas exclusivas?"
"Sim. As declarações de princípio pronunciam-se contra a escolástica e constatam a falta de pensamento livre em geral. Mas as escolas propriamente ditas destinam-se claramente a uma população minoritária bem definida: rapazes de famílias

abastadas, muitas vezes da nobreza."
"Então, os humanistas não se preocupam com as escolas de aldeia e com as *Pequenas Escolas*?"
"É difícil fazer-nos uma imagem precisa. Sabemos que Erasmo argumenta que as crianças se têm que apropriar da virtude e da cultura num espírito de liberdade, desde a sua nascença. Não consigo perceber se ele fala de todas as crianças. Quando se opõe aos castigos corporais tem, isso sim, em mente o que acontece nas escolas. Ele explica que é muito mais fácil uma pessoa privar muitas outras da liberdade impondo medo, do que educar uma pessoa em liberdade. Também declara que o tirano oprime o povo recorrendo ao medo, enquanto o rei conduz o povo para a sua obrigação de ser amável, moderado e sábio. Parecem-me dicas para as classes dirigentes e a educação que essas classes devem providenciar aos seus filhos."
"Trata-se mais do modo como se ensina alguns e não tanto de quantos são excluídos da escolarização para o conhecimento?"
"Sim, é o que eu penso. São pessoas letradas e abastadas que se debruçam sobre o ensino para os filhos de quem é letrado e abastado. Rabelais por exemplo fala do dogmatismo religioso no ensino. Das suas palavras não consigo deduzir se, ao falar deste dogmatismo, também critica que, para muitos, a escola e o ensino não leva a conhecimento ou nem existe. Mas no espírito de seu tempo, talvez não se pode esperar mais clareza a este respeito."
"Mas os humanistas hoje têm mais atenção para a ciência do ensino das artes liberais, ou não? Não consideram o *studia humanitatis* um alargamento do *trivium*, mas também uma

abordagem mais experimental do conhecimento como um alargamento do *quadrivium*? E se for assim, então é útil para mais crianças do que só para as crianças de boas famílias?"

"Aqui volta a aparecer o admirador de Comenius. Ele é um humanista cristão, como era Erasmo. Entre parêntesis, Descartes é humanista e racional. Ele separa teologia de filosofia. Mas Comenius tem outra característica. Ele considera que crianças são seres com pensamento próprio que podem ser conduzidos no seu pensamento. E por isso o ensino tem que ser adaptado. Ele não fala só da ciência de ensinar mas também da ciência de aprender."

"E é mesmo assim? As crianças são, desde a tenra infância, seres com pensamento próprio?"

"Penso que aqui há um campo de pesquisa interessante. Talvez para ti, talvez para os teus filhos. Ouvi há pouco de um colega do *Westminster School* que ele conta entre os seus alunos um *King's Scholar* que ainda nos vai espantar, no que se refere a ciência do ensino e da educação. Perguntei pelo nome do rapaz."

"Vai-me avisar quando o souber? Provavelmente irei aprender com ele."

"Possivelmente. Mas penso que a tua preocupação da falta de acesso universal ao Conhecimento tem mais a ver com o modo como dirigentes e reinantes interpretam o mundo como um todo e não só a escola. A escola é uma ínfima parte de um todo bem maior."

"Temo que não consigo seguir o seu raciocínio por completo."

"Vê. Os seguidores de Hus, entre eles os Irmãos Morávios, tem

como divisa *Veritas Vincit*, a verdade vencerá. Mas o que é a verdade? Existe algo como a verdade vencedora? Para a escolástica ela existe. Mas assim também é para quem possui uma mente mais inquiridora? A verdade não consiste antes de uma combinação de dúvidas e tentativas de busca? O que é a verdade da natureza, o que é a verdade da ação humana? O que oiço nas palavras de Erasmo, quando fala das inimizadas entre Franceses e Ingleses, Alemães en Franceses, Espanhóis e habitantes de *Belgium Fœderatum*? Uma verdade ou uma constatação? Como é que um cosmopolita olha para a verdade da História? Para a evolução de tomadas de posição éticas e religiosas?"
"Fala do pensamento dogmático? Consegue-se falar com outros do seu próprio dogma de modo não dogmático?"
"Eu diria que sim, desde que não se dogmatiza a própria erudição. Posso te aconselhar de aprofundar algumas das tuas leituras de François de La Mothe le Vayer? Trato de uma introdução para ti para quando estiveres em Paris. Assim, talvez consegue te conceder um pouco do seu tempo."
Wolfgang sente se outra vez um pouco embaraçado. Poderá ele mesmo ter uma audição junta a uma pessoa tão importante. Para já dedica-se a ler com profundidade os textos disponíveis na biblioteca do seu anfitrião.

Umas semanas mais tarde Wolfgang decide iniciar a sua viagem para Paris. Ele terá um companheiro de viagem na pessoa de um colega de Jacobus que se irá apresentar como professor no *Collège Royal*. Vai-lhe facilitar a travessia da França. Apesar dos acordos de Münster, a França continua em

guerra com Espanha, provocando ainda uma certa agitação política. Sob o nome *La Fronde*, os membros do parlamento e de outras instituições governamentais reagem contra a carga fiscal que não deixou de aumentar nos últimos anos. Consideram que em França existe um percurso político inverso em comparação com os outros países. Parlamento e nobreza criticam arduamente a regência de Anna de Áustria, mãe do delfim Louis XIV. Quem possui bens, vê com desagrado como a taxação se agrava. Os impostos para os abastados não são de hoje, mas até agora os membros do parlamento, da alta burguesia de Paris e da nobreza em funções de governo sempre conseguiram esquivar-se. *La Fronde* consiste sobretudo em nobres e plebeus abastados que se revoltam agora que já não conseguem escapar à taxação.

O colega de Jacobus assegura Wolfgang que não foram registados sentimentos hostis em relação ao Collège Royal. Assim que o tempo o permite, Wolfgang deixa Basileia, para chegar a Paris pouco mais do que um mês depois.

Paris e Köthen

Wolfgang aproveita bem das cartas introdutórias com as quais chegou a Paris. Assiste a palestras, tanto na *Sorbonne* como no *Collège Royal*. Em todo lado sente-se a pressão dos jesuítas sobre o ensino superior na sequência do Concílio de Trento.

Fora dos espaços de aula, o assassínio do Rei Inglês é assunto obrigatório. Afinal, Carlos I tinha sido decapitado no dia 30 de janeiro de 1649, depois de ter sido culpado de alta traição.

Fala-se das mudanças que Oliver Cromwell está a introduzir no sistema de governo do território. Pergunta-se ao Wolfgang o que ele sabe do pretendente ao trono, Carlos II, que agora reside na República ou no Império Germânico. O tratado que Mazarin assinou com Cromwell teve como efeito colateral que Carlos II foi banido da França. Especula-se acerca do futuro da Inglaterra. Pode uma nação moderna ser governada como um Commonwealth? Trata-se de outra forma de absolutismo? Será Cromwell empossado Rei, depois de ter abolido a realeza? Ou vai o pretendente ao trono vingar o pai? O futuro dirá.

Uma carta vinda de Amsterdão confirma o que o pai de Wolfgang e os seus correspondentes já desconfiavam. Em quase todo *Belgium*, tanto *Fœderatum* como *Regia* a escola grande evolui para *Escola Latina* como porta de entrada para o *Athenaeum*, o *Collegium* ou a universidade. Os jesuítas têm um grande controlo sobre o currículo da *Escola Latina* na *Belgium Regia*, e fazem-se sentir também fortemente na *Belgium Fœderatum*. Não é uma tendência local. Wolfgang sabe que o mesmo acontece no Império Germânico. Confirma agora que também é assim na França.

O pai de Wolfgang tem outra notícia. Na Rússia, Alexis regulou legalmente a servidão. É talvez um pouco melhor do que a escravidão sem mercê. Mas dá uma boa imagem de como as classes dirigentes pensam acerca da prestação de serviços.

***

Monsieur Guy Patin

Tomo a liberdade de o escrever em relação a data da minha audiência junto a Monsieur François de La Mothe Le Vayer. Li o trabalho De la liberte e de la servitude de 1643 *que dedicou ao Cardeal Mazarin. Encontrei um exemplar na biblioteca do seu correspondente e amigo do meu pai Jacobus Schulthess que interveio para solicitar esta audiência. Enviei a carta de introdução para Monsieur François aquando a minha chegada a Paris. Comunicou-me que podia tratar dos pormenores do nosso encontro consigo.*

Com respeitoso agradecimento. Wolfgang Magister.

A reposta veio depressa. Guy Patin informa que François de La Mothe Le Vayer aguarda a sua nomeação como preceptor do Duque de Orleans, irmão do rei, ainda durante o mês de junho. Assim, convinha-lhe adiantar a data inicialmente prevista para agosto. Consegue libertar-se de duas horas para Wolfgang Magister na semana que vem. Guy Patin lembra que Monsieur de La Mothe Le Vayer tem agora sessenta anos. Gosta de ouvir elogios embora raramente elogie alguém. De resto, escreve, como Wolfgang certamente deve ter reparado durante as suas leituras, tem Monsieur de La Mothe Le Vayer o estado de espírito algo malicioso que também caracterizava Diágoras e Protágoras. Por fim deixa a sugestão para que Wolfgang estruture uma lista de perguntas e que a faz chegar na volta do correio. Irá certamente influenciar positivamente a visita.

Dias mais tarde, Wolfgang está sentado frente a frente com o famoso recém-nomeado preceptor de Philippe d'Anjou.

“Fiquei muito tocado, assim que li os seus textos em casa de Jacobus Schulthess. Posso chamá-lo de mestre, uma vez que foi o que se tornou para mim?”
“Pode-me dar o título que deseja dar, jovem. Não altera em nada a minha pessoa. O que leu foram os meus pensamentos em torno da liberdade e da servitude.”
“Você diz que a liberdade é o estado natural de todos os seres vivos. Animais morrem de tédio e desespero quando perdem a sua liberdade. E os homens pensam constantemente que vão recuperar a liberdade?”
“Não digo que o ser humano quer reconquistar a liberdade. Digo que o ser humano procura escapar à servitude. O homem fá-lo com mais determinação do que a maioria dos animais. É o que separa o humano dos animais e o coloca mais perto das inteligências superiores. Mas se daí decorre que o homem quer ficar livre, é uma grande questão. O homem escraviza-se facilmente a si próprio…”
“Liberdade é, portanto, um estado inatingível?”
“Inatingível, inatingível… Liberdade não é algo que se guarda na mão. As mãos não conseguem agarrar tudo e é claro que muitos preferem dirigir as mãos para o que é atingível.
“O corpo livre é o seu oposto?”
“O corpo livre tornou-se uma ilusão devido à lei do homem que inventou a guerra. Em vez de matar o inimigo, é-lhe oferecido a sua vida. O humano oferece a vida ao outro humano. Percebes? Não se trata de uma vontade divina mas de uma vontade humana.”
“E é isso que impossibilita o natural corpo livre original?”

"É de certeza a razão pela qual os primeiros filósofos do Oriente, de quem fala Diodorus, defendem a escrita de uma lei que descreve o correto uso dos servos."
"E se entendi bem, nenhuma liberdade de espírito consegue igualar isso."
"Oh! Entendeste assim? A liberdade de espírito não pode ser outra coisa senão o saber que, tanto da nossa atividade do corpo, como da atividade do espírito, só temos que prestar contas a nós próprios e a Deus. Da razão eterna recebemos um raio de luz que nos faz produto deste mundo. Temos disso ter a consciência quando inquirimos se é verdadeiramente livre quem se vangloria da sua liberdade."
"E a regra inconfundível de não fazer ao outro o que não quer que lhe seja feito a si, é o cerne da questão, afirma."
"Afirmo-o, sim. Os seguidores de Pythagoras simbolizavam a recusa de servitude não querendo ter um anel em qualquer dedo. O anel exerce pressão sobre o dedo. Uma regra exerce pressão."
"Mas a regra de não fazer ao outro o que não quer que lhe seja feito também o faz."
"Não inventei essa regra, jovem. Limito-me a constatar que não é seguida. Só constato que ela não é seguida quanto a liberdade do próprio. Existem imensas pessoas que entregam a sua liberdade por muito pouco. O desejo de ter uma pequena gratificação hoje faz-lhes desistir de qualquer desejo futuro. Muitos valorizam-se menos a si próprios do que valorizam os bens e o ouro que possuem. Muitos são escravos das suas paixões."

“Então afirma que, se a liberdade humana consiste na combinação entre a liberdade corporal e a liberdade espiritual, então ninguém é realmente livre.”
“Sim, é isso que digo. E por isso viro-me para a liberdade filosófica. Ela existe? Cofroes tinha as suas dúvidas. Se não as tivesse não teria deixar incluir no tratado de paz com os Romanos um artigo que estipula que filósofos não seriam brutalizados ou obrigados a adaptar as suas opiniões. Se houvesse liberdade de pensar, porque é que o para Leon muito profano Português solicita a Henrique III que no seu reino nenhuma outra divindade além do Sol seja adorado?”
“Mas a escola, a Scola valoriza o pensamento crítico, não?”
“Podemos interrogar-nos se a humanidade consegue alcançar efetivamente aquela liberdade de que se fala na escola, recorrendo à filosofia. Quanto a mim, parece-me mais saudável dizer que o Sábio completamente livre é mais um objetivo desejado do que concretizado.”
“E o desejo de poder é mais forte do que o desejo de liberdade. Afirma-o claramente, como mais nenhum o faz.”
“Sim, afirmo-o. Mas outros também o afirmam. A paixão pela liberdade como a dos animais desaparece perante o desejo pelo poder de quem está na Corte. Aí sacrificam os mais bonitos dias da sua vida porque acreditam que vão conquistar o poder com o qual um dia poderão concretizar todos os seus desejos. E ninguém quer aprender com a experiência do outro. Todos estão convencidos que a previdência lhes será mais favorável que aos seus iguais. É como com os barcos para a Índia. Uma viagem realizada com êxito faz sair cem barcos,

sem que se pense nos outros todos que naufragaram.”
Agora que está lançado, o interlocutor de Wolfgang fala dos cortesãos que imitam o rei no penteado e na pose, só para se manter na boa graça. Mesmo quando o rei muda algo por razões pessoais ou de saúde, como uma praga de piolhos, uma dor na nuca ou devido a uma malformação, muitos o imitam. Também observa como muitos cortesãos aceitam tranquilamente serem mal tratados. Querer ser como os grandes é uma espécie de escravatura auto-infligida.
Esta atitude dos cortesãos mostra simultaneamente o poder do Príncipe mas também do seu confidente espiritual. Se o Príncipe testemunha o seu amor pelas letras, todos vão querer ser sábio e procurar que os seus filhos estudem. Mas se servir um Soberano que mostra desdém pelas ciências, então toda a corte vai ser infetada pela barbaria.
“Os filósofos não são homens livres?” pergunta Wolfgang.
“Sê lógico no teu raciocínio. Se os filósofos, porque são filósofos devido à sua visão, se elevaram por cima de todas as coroas e se tornaram escravos da sua vaidade, como outros das suas paixões; se a servitude na Corte é diametralmente oposta à liberdade filosófica e mesmo assim atrai tantas pessoas, como tentamos explicar nos nossos textos, não podes senão concluir que ninguém é absolutamente livre.”

Instala-se um curto silêncio na sala.
“Mestre, gostava de o ouvir durante o resto do tempo que ainda me pode conceder acerca do seu pensamento em torno daquilo o que refere como *Sens Commun* e que entendo na língua flamenga como *algemeen gezond verstand*, o sentido

dado às coisas em concordância mútua geral."
"Deixo a tradução por tua conta. *Sens Commun* é um falso sentimento de generalidade. Considero que se engana muito quem toma *Sens Commun* como bom e considera as opiniões mais vulgares como as melhores. Como se o mais comum não fosse estar enganado com a sua opinião. Como se nada fosse tão estúpido como o pensamento não refletido da massa. Como se a estrada maior não fosse o trilho feito pelos animais."
"O *Sens Commun* impede o livre pensamento?"
"É mais complicado. É o que fez dizer Pitágoras aos seus discípulos que o agir do povo pode acabar com toda a disciplina. É o que ridicularizou Hipócrates e Demócrito porque formulavam hipóteses que a desafiava, como a ideia da pluralidade dos mundos. É o que fazia passar por loucos os maiores filósofos da antiguidade. Mas também nos tempos de hoje são raros, os grandes espíritos que não vejo difamados pelas mentes vulgares que consideram tolice tudo o que desvia do seu próprio *Sens Commun*."
"*Sens Commun* é a praga da ignorância?"
"Ignorância não é uma praga mas uma condição. Existem causas para a ignorância que não estão sob controlo do ignorante. Mas aqui trata-se dos ignorantes que utilizam o *Sens Commun* como único argumento. E estes, encontras em todo lado, tanto entre quem usa o hábito, como quem veste o uniforme, quem permanece em gabinetes dourados, como quem frequenta as feiras. Todas as profissões contam com esse tipo de pessoas de quem estamos a falar."
"Isto torna a vida dos letrados e cultos muito difícil."

“Frequentemente. Explica porque grandes pensadores preferem às vezes a solidão sobre a conversação civilizada, para não continuar a ser infetados pelo bafo do povo. É-se sempre atingido, fosse pela ignorância brutal, fosse pela doutrina perversa. Tanto faz se é o estucador que te torna branco ou o vendedor de carvão que te torna preto, a nódoa fica.”
“Contaram-me que o que eu considero como grandes mentes, o que não significa que você os considere da mesma forma, se retiraram em Port Royal, sem deixar de interagir com crianças, até dando-lhes aulas na *Petite École* que aí se iniciou.”
“Será provavelmente acertado que visites Port Royal para formar o teu espírito. Eu por mim, continuo impressionado com a arrogância e a audácia da mente humana de condenar tudo que lhe é novo ou incomum, como se fosse uma lei geral.”
“Opõe por isso ética e cosmopolitismo ao *Sens Commun*?”
“Não é uma oposição. É um pensamento que prende com a relatividade do *Sens Commun*. Por norma, o que se sabe de outros que também vivem na Europa? Para não falar dos que vivem na Ásia, África ou América. E o que fazer quando novas terras, que os geógrafos ainda não puseram no mapa, serão descobertas? Ou outros mundos, uma vez que alguns pretendem que eles existem?
Quem se deixa levar pelo seu *Sens Commun*, especulou acerca do pensamento de todos os povos, de todos os cosmopolitas? Não. É de uma arrogância insuportável de se declarar herauto do *Sens Commun*, quando só se conhece os pensamentos dos vizinhos mais próximos.

O desembarque na América fez-nos conhecer um povo com costumes e modos de fazer muito diferentes dos nossos. Não é só entre nós que qualquer um dos seus Sábios são considerados loucos. Não. Muitos entre eles deverão também nos ter considerado loucos. O nosso *Sens Commun* diz que os sonhos nos enganam, mas os povos da Nova Francia consideram-nos verdadeiros. Descrevem-nos as previsões maravilhosas que estes povos derivam dos sonhos. Por isso, eles continuam a dizer, também quando queremos impor um outro ponto de vista sobre as coisas, que cada povo é específico. Como então se pode falar de *Sens Commun* em geral?"
"E a ética?"
"Jovem, o nosso tempo está a chegar ao fim e outras ocupações me aguardam. Mas deixas-me ainda dizer isto: ética. É também, ou não é mais do que respeito pelos pais, amor pela pátria e por um certo objetivo que cada um se coloca a si próprio algures durante a sua vida? Considera com ceticismo estes três aspetos e então podemos falar de todo o resto.
Tenho mesmo ainda tempo para te fazer pensar no primeiro. Para muitos, um respeito de longo alcance pelos pais é o respeito pelo pai de todos. Não é difícil de perceber que o respeito pelos pais leva à defesa dos pais. Proteger os pais dava então, por assim dizer, um certo direito ético para ir até às últimas consequências. Assim é criado um argumento ético para matar todos que não respeitam o pai de todos."
"Se este pai de todos for o teu Deus e o dos teus vizinhos, então dispões de um argumento eticamente aceitável para

criar uma exceção à lei que, em nome do mesmo Deus, aceitaste. A lei '*Não matarás*'?"
"E agora, jovem, despedimo-nos."
"Mestre, deu-me com esta conversa muito mais do que pude oferecer com as minhas humildes perguntas. Estou-lhe muito grato. Posso o incluir no meu Liber Amicorum e futuramente tomar a liberdade de o escrever?"
François de La Mothe Le Vayer responde com um leve aceno de cabeça e estende a mão para o caderno de Wolfgang no qual inscreve o seu nome. Refere *La cour de Monsieur Philippe, Duc d'Orléans* como endereço.

Wolfgang está a preparar a saída para Köthen quando recebe de Amsterdão a notícia que a sua família parte por tempo indeterminado para Frankfurt. O pai de Wolfgang quer aproveitar a proposta do tio para publicar as suas memórias. O editor está sobretudo interessado nas memórias que envolvem Ratke e na experiência com *Remonstranten* e *Contraremonstranten* no *Athenaeum Illustre*. Ele e os seus filhos estão convictos que o livro venderá bem.
A família Magister mantém a casa em Amsterdão. Wolfgang pode ocupá-la se quiser voltar a Amsterdão depois de terminar a sua viagem, em vez de se juntar à família em Frankfurt. O jovem ainda não tomou uma decisão. Só sabe que, depois de Köthen, quer voltar para Amsterdão, para partilhar experiências com amigos que também partiram em viagem, na altura em que ele partiu.
De Utrecht chega a notícia bastante surpreendente que Descartes, de quem todos pensaram que tinha optado por uma

vida retirada, decide viajar para a Suécia, atendendo assim a um pedido da Rainha Sueca.
Antes de deixar a França em direção a Köthen, Wolfgang tem a oportunidade de visitar a *Petite École de Port-Royal* onde encontra Antoine Sanglin e mais alguns de *Les Solitaires*, os intelectuais que residem em Port-Royal. Este reduzido grupo decidiu ocupar parte do seu tempo para estar com as crianças que usufruem de aulas em francês na *Petite École*. Wolfgang considera encontrar aqui o mesmo princípio existente nas propostas de Comenius. Uma primeira escolarização feita na língua da criança facilita a compreensão. Os intelectuais jansenistas comungam dessa ideia que vai contra o *zeitgeist*, no qual os jesuítas se inscrevem. A Companhia de Jesus continua a argumentar que o latim tem que ser a língua de ensino, mesmo se as crianças não a compreendem. Wolfgang está agora convencido que Ludovicus, em Köln, não estava certo. Se pudesse ter visitado Port-Royal, talvez tinha chegado a outra conclusão. Ensino e ciência não podem ser abordados dogmaticamente. Durante as semanas que seguem tem tempo para pensar acerca da sua visita de Port Royal e relacioná-la com o que aprendeu com François de La Mothe Le Vayer.

***

Escrevemos o ano de 1650 e Wolfgang irá fazer vinte anos de aqui algumas semanas. Está há pouco tempo em Köthen quando lhe chega a notícia que Descartes faleceu no dia 11 de fevereiro em Estocolmo.
Entretanto Wolfgang inteira-se das complicações depois de

outra morte, a do Príncipe Ludovico de Anhalt-Köthen. O seu filho só tem doze anos e ficou sob tutela do irmão de Ludovico, Augusto de Anhalt-Plätzkau. Da família da mãe de Wolfgang, patrícios de Köthen, dois editores são membro do *Fruchtbringenden Gesellschaft*. A sociedade, de que também Augusto é membro, tornou-se gradualmente um sucesso e conta agora com membros em praticamente toda a parte reformada do Império Germânico. Há também cada vez mais sócios que não pertencem a uma linhagem da nobreza. Um orgulhoso Senhor formulou pouco antes da morte de Ludovico uma proposta para dividir a sociedade em dois: uma ordem nobre, com símbolos animais e outra, da sociedade civil de estudiosos com estampas de plantas como símbolo. Ludovico indignou-se com esta proposta e rejeitou-a. Mas agora depois da sua morte, a família de Wolfgang preocupa-se acerca do futuro da sociedade. Parece certo que os príncipes de Anhalt vão ter um papel menos preponderante. Apesar de todos estarem de acordo com a proposta de nomear Guilherme IV da Saxónia como sucessor de Ludovico na liderança da Gesellschaft, sabe-se que o centro de decisões passará a estar bem mais a Sul de Köthen.

De Leszno chega a notícia que um encontro com Comenius não será possível. Este partiu para Skalice e depois para Horní Považí. Aí participa num encontro com os Irmãos Morávios que naquela região formam um grupo considerável.
Wolfgang não tenciona deslocar-se tão a sudeste de Amsterdão. Além do mais, não está provido dos documentos de viagem necessários. Abandona a ideia de um encontro com

Ian Amos e decide ficar em casa da família da mãe até o fim do inverno para depois regressar a Amsterdão. Escreve os pais acerca das suas intenções. Irá habitar a casa dos pais e governá-lo o melhor que pode. Entretanto quer valorizar a experiência adquirido com séries de palestras no Athenaeum Illustre para quem se quer iniciar na profissão de mestre-escola ou mestre de aulas com uma sólida formação preliminar.

De regresso em Amsterdão

E assim, com 21 anos, Wolfgang ocupa a antiga casa dos pais em junho de 1651. Mal chega a Amsterdão, recebe por carta a confirmação das previsões da família de Köthen. A condução da *Fruchtbringenden Gesellschaft* passou para as mãos de Guilherme IV de Saxónia-Weimar que opta mais por um papel representativo do que de liderança. Apesar de ter dado corpo às ideias de Ratke, a sociedade ocupa-se atualmente mais com a gestão do seu património do que introduzindo elementos de renovação, sempre segundo a família.
Wolfgang tem pouco tempo para trocar impressões acerca disso. Iniciou uma série de palestras como professor convidado no *Athenaeum*. O resto do tempo passa com os amigos.

Meio ano antes do regresso de Wolfgang tinha falecido Guilherme II de Oranje. Wolfgang e os amigos discutem a decisão da grande reunião dos Estados-Gerais de não escolher um novo Estatuder. Parece ser uma boa decisão para a cidade de Amsterdão.
Na Inglaterra, Olivier Cromwell tem outros sonhos. Ele gostava

de elaborar com os Estados-Gerais uma espécie de copia moderna do que era Tordesilhas para Portugal e Espanha, um quarto de milénio atrás. As casas reais de Portugal e de Espanha dividiram então com a benção do Papa tranquilamente o mundo como se tratasse do seu quintal do qual se consideravam legítimo proprietário. Na versão atual de Cromwell, a República das Sete Províncias tornar-se-ia proprietário da Asia e da Africa, enquanto apoiaria a Inglaterra para afastar os Espanhóis da América. Mas os Estados Gerais não tem a minima vontade de iniciar novos conflitos com *Belgium Regia*, que continua sob domínio da Coroa Espanhola. Uma contraproposta para elaborar um tratado que regula o livro comercio de ambas as nações é rejeitada pelo parlamento Inglês que vê nisso o perigo de hegemonia comercial por parte de *Belgium Fœderatum*.

As palestras no *Athenaeum* e a mesada que recebe dos pais para o governo da casa dão Wolfgang o tempo e o dinheiro para continuar a pensar o que virá depois da viagem à procura de inspiração. Ele não quer ser editor, certamente não é artista e não lhe apetece estudar direito. Então, como já tinha dito, continuará a atividade familiar de magister. Afinal, durante o *Iter Allemannicum* e o *Iter Gallicum* visitou uma serie de Pequenas Escolas e de Escolas Latinas. Aí ele próprio pude constatar o recorrente baixo nível intelectual dos mestres-escolas e dos *lectores*. A *Petite École de Port-Royal* foi obviamente uma exceção agradável. E como é a escola hoje na República? Ele decide passar alguns meses em Groningen para visitar pequenas escolas. Em caminho, escreve aos pais:

"As estradas continuam a oferecer uma vista desoladora, sobretudo depois das chuvas de inverno. Enquanto os senhores edis de diferentes cidades não se põem de acordo acerca da largura dos eixos, as pistas deixadas pelas rodas não se tornarão uniformes. De momento só existem alguns acordos locais, o que não é o suficiente. Depois de quarenta anos, as províncias do Norte e as do Sul continuam a ter as suas próprias larguras de eixo. A cidade de Gouda sugeriu que os eixos fossem estendidos com bobinas, que poderiam ser retiradas ao chegar a vias com pistas mais estreitas. Já estou a ouvir os cocheiros a pedir apoio aos desavisados viajantes que assim se tornarão elevadores de carroça. E Belgium Regia tem as suas próprias distancias de eixo. No Império Germânico a confusão é a mesma.
Portanto, viva a barcaça e a navegação costeira, pelo menos quando há vento e este não se torna tempestade. Diz-se que nos próximos vinte anos as cidades e as províncias da República vão investir nos caminhos de sirga junto aos canais existentes e aos novos a cavar. Para esta viagem, decidi aceitar o empréstimo de um cavalo do meu amigo Wilhelmus. Assim posso viajar de barco quando possível e tenho cavalgadura a mão."

A visita a Groningen é reveladora. Um mestre-escola de aldeia recebe 1 florim por ano por criança pobre. Logo, procura ocupações secundárias. O que não é difícil porque as crianças frequentam a escola de forma muito irregular. Trata-se mais de um local de armazenamento de crianças, para os momentos do ano em que os pais não precisam da sua mão de obra em outras tarefas.
O *hornbook* continua muito usado porque não se estraga

facilmente nas mãos das crianças. Mas os mestres-escolas tem também outro livro a disposição. Sob indicação da edilidade o *Haneboek* é autorizado em diferentes partes da República. Wolfgang está ainda menos entusiasmado com a política dos livros do que com a política da largura dos eixos de roda. O *Haneboek* tem que ser barato. Logo é utilizado um papel reles e a impressão tem muito que se falar. Continua a ser um livro para decorar e não para ler. Além do alfabeto e do 'Pai Nosso' que também constam do *hornbook*, inclui um texto que enquadra a fé cristã, as orações diárias mais importantes e nalguns casos os dez mandamentos do Senhor.

Este abecedário barato será para muitas crianças mais pobres o único livro com o qual alguma vez irão contactar. E, pensando no único livro juvenil impresso a larga escala, talvez não é assim tão mau, considera Wolfgang com algum cinismo. O *Spiegel der Jeugd*[1] no qual Herman Koster tem mostrado desde 1614 o seu ódio feroz aos Espanhóis, o Papa e os católicos em geral, continua a causar furor em Amsterdão e gradualmente em toda a República. Tem neste momento dez re-edições e continua a ser ilustrado com xilogravuras com cenas horripilantes, nas quais os Espanhóis e os Inquisidores são os únicos diabos. Segundo Wolfgang o livro é um exemplo tipo da arrogante forma como o próprio pensamento é considerado de bom juízo em detrimento de todas as outras formas de pensar. Nem é possível dizer que o livro é a antítese da filosofia. É simplesmente vulgar e de uma baixeza extrema. A popularidade do livro entre *contraremonstranten* e a população

---

[1] Literalmente: Espelho da juventude

pouco letrada em geral, levanta para Wolfgang serias perguntas acerca da tão alardeada República tolerante por parte de estudiosos e eruditos.

Entretanto abriu a Escola Latina em Groningen, a semelhança com outras cidades das Províncias de República. A anuidade escolar fica em pelo menos dez florins. Em geral, as Escolas Latinas são conduzidas pelas universidades. Na República, a maior parte delas ficam sob orientação da Universidade de Leiden. Neste caso concreto, tem como efeito colateral que a editora e tipografia Elsevier obtém vantagem na produção e venda de livros e compêndios para um número considerável de Escolas Latinas. Contudo, só poucos jovens a frequentam. Como no resto da República, só sete em cem rapazes de mais de dez anos continuam na escola. Mesmo assim, os correspondentes de Wolfgang do Império Germânico e da França dizem que estes números são mais elevados do que nas cidades a partir de onde falam.
Wolfgang encontra-se repetidamente com mestres-escolas das aldeias, *lectores*, e mestres de aula da Escola Latina. Recorrentemente constata que os seus interlocutores não têm nenhum domínio da profissão. Alguns são mais bem instruídos, mas antes para ensinar a religião do que o meio físico e o conhecimento humano a este respeito. Ele sonha de uma formação em ciência de ensinar. Os jesuítas têm algo que vai neste sentido. Mas ele pensa mais nas ideias libertárias de François de La Mothe Le Vayer.

De regresso a Amsterdão, Wolfgang divide-se entre aulas privadas para jovens que se preparam para a universidade e a substituição de professores temporariamente ausentes no *Athenaeum Illustre*. Sobra-lhe tempo para organizar tertúlias entre amigos em casa. Estes encontros regulares não escapam à atenção de Laurens De Geer. Wolfgang é acolhido no círculo de intelectuais de pensamento livre que encontram na *Huis der Hoofden*, com a grande biblioteca que o pai de Laurens adquiriu e que ainda aumenta, um local de estudo e de encontro.
Uma noite, Wolfgang entretém o seu círculo de conversa acerca da recém formada *Academia Naturae Curiosorum* em Schweinfurt, relativamente perto de Frankfurt. É obra dos cirurgiões Johann Bausch, Johann Fehr, Georg Metzger e Georg Wohlfarth. Wolfgang discursa sobre a importância da instalação da *Academia* que não se limita às clássicas *artes liberais*. Afinal, começa a haver cada vez mais interesse em conhecer melhor a natureza. Para tal, observar e experimentar é tão, senão mais importante como o raciocínio e o discurso lógico, que au seu ver, na Escola Latina ainda é demasiado baseado na citação de autores clássicos.
Enquanto Wolfgang discursa, Hildegarde Lesmeister junta-se ao grupo de ouvintes. Hildegarde é frequentadora regular da *Huis der Hoofden*, onde toca música e as vezes também canta. Ainda há poucos dias fez um recital de baladas de François de Montcorbier, mais conhecido como François Villon. Deu asa a muitas gargalhadas bem-humoradas, mas também a uma discussão acerca do espírito independente que procura libertar-se do dogma. Desde algum tempo, os encontros são

ocasião para Wolfgang e Hildegarde passar tempo juntos.

Hoje, ao fim da noite, Wolfgang pergunta Hildegarde se ele pode acompanhá-la até casa.
"Já há algum tempo que esperava o momento em que ias ganhar coragem para me fazer esta pergunta", ri-se Hildegarde. Ela oferece-lhe o braço e os dois passeiam junto ao canal em direção à casa patrícia que pertence à família de Hildegarde. Falam dos *Iter* de Wolfgang. Hildegarde está sobretudo interessada nos encontros com Jacobus e com François de La Mothe. Depois surpreende Wolfgang quando fala da sua correspondência com Anna Maria Van Schurman.
"Estas a falar da Anna Maria que conseguiu estudar na universidade de Utrecht enquanto mulher? A minha mãe também troca cartas com ela."
"A mesma. Procuro alargar a minha correspondência com mulheres em várias partes do mundo. Elisabeth que atualmente vive em Heidelberg faz parte deste círculo."
"Elisabeth?"
"Elisabeth de Palts. Visitei-a com a minha mãe quando ela vivia em Den Haag. Contei-lhe as minhas tentativas frustradas para me inscrever no *Athenaeum* e ela ofereceu-me um exemplar da tese da Anna Maria, escrito em Latim, acerca dos direitos que a mulher deveria ter à formação em ciências. Entretanto consegui ensino doméstico o que me permitiu de me formar. Quero continuar a procurar o papel de mulheres eruditas na História."
"E eu procuro como contribuir para que todos os jovens, raparigas e rapazes se possam apropriar da história, do

desenvolvimento e do conhecimento. Quando observo o que se passa fora do restrito meio intelectual das cidades, penso que ainda há muito *Sens Commun* a resolver."

Depois do primeiro passeio nocturno, muitos seguem, também diurnos. Torna-se mais frequente os jovens não falarem só dos seus sonhos para o ser humano, mas também da sua vontade de passar o resto da vida juntos. E assim acontece que, enquanto quem governa a República se mostra preocupado com o desastroso resultado da batalha naval de Nieuwpoort, o ambiente é de festa na casa dos Magister e Lesmeister. Wolfgang teve a permissão dos pais de Hildegarde para a pedir em casamento. Durante as preparações para o casamento, a família de Wolfgang vem de Frankfurt para Amsterdão. Os seus pais ficarão até depois da assinatura do tratado de Westminster, em 15 de abril de 1654.

Apesar de raramente ser dito em voz alto, ninguém se convence que este novo tratado signifique uma paz duradoura. Há muito em jogo, agora que as casas reais europeias pressentem o fim da hegemonia mundial dos Habsburgos espanhóis.
Na França, Luís é uma estrela em ascensão. Agora que atingiu a maioridade, é coroado como Luís XIV. Na mesma altura abre em Marselha um estabelecimento onde é possível comprar e beber café. O *qahwa* árabe que já era conhecido em Veneza espalha-se lentamente. Wolfgang sabe da notícia que lhe é contada por uma família judaica que primeiro migrou do norte de Espanha para Marselha e agora vive em casa de primos que

voltaram desapontados de Recife.
“Mas porque é que foram para Recife?” lhes pergunta Wolfgang uma noite.
“Oportunidades de comércio. Eras ainda criança quando Johan Maurits se tornou governador do território conquistado sobre os portugueses. Na altura eram tutelados pelos espanhóis. Johan Maurits garantiu liberdade religiosa para os portugueses católicos e dava também as boas vindas à comunidade judaica. Nós fazíamos parte de *Zur Israel*, em Recife. Tínhamos contactos com o grupo *Maguen Abraham* que se constituiu em Mauritsstad. Mas em 1644, a maré já virou.”
“Portugal retomou o controlo? Informaram-me que a casa de Bragança quer forçar a independência de Portugal em relação aos Habsburgos, mas até agora não foram bem sucedidos, pois não?”
“Não foram não. Mas tudo mudou, principalmente porque Johan Maurits foi chamado para a capital. E a liberdade religiosa para os judeus desapareceu paulatinamente.”
“Recife continua a ser posse da República?”
“Sim, Recife ainda é governado por *Belgium Fœderatum*, mas pensamos que já não por muito tempo. O tratado de Westminster terá como efeito que a nossa navegação sobre a India Ocidental irá diminuir. Aliás, nunca fomos tão independentes como inicialmente prometido no que toca aos bens comercializáveis. Apesar de Johan Maurits sempre ter assegurado o livre comercio, importante para a nossa atividade enquanto Novo-Neerlandeses, alguns bens sempre ficaram na exclusividade da *Geoctroyeerde West-Indische Compagnie*.

Nunca conseguimos o comércio de escravos, por exemplo.”
“Percebi bem, NÃO conseguiram o comércio de escravos? Mas isto não é positivo?”
“És um idealista, Wolfgang. De onde é que pensas que vem parte do lucro? Já pensaste porque é que, por exemplo, Amsterdão consegue pagar salários anuais elevados a quem traba-lha no *Athenaeum*?”
É mais uma preocupação para Wolfgang. Por mais que vive com a vontade e o objetivo para melhorar o acesso de todos ao conhecimento, por mais que gostava que todos se possam aperfeiçoar na sua erudição, o mundo continua a estar sujeito ao poder e ao dinheiro. E ele depende deste mundo, quer queira, quer não.

***

Os tempos não são favoráveis para os cosmopolitas e para quem anseia pela paz. No dia 27 de junho de 1655 o Habsburgo Leopoldo I é empossado como Imperador Germânico em Presburg e pouco mais do que um ano depois, é também coroado na catedral Sanct-Vitus de Praga. Em Espanha outro Habsburgo, Filipe IV ainda está bem seguro no trono. Na França Luís XIV afigura-se cada vez mais como um soberano absoluto. Estes três Senhores Todo Poderosos são Católico-romano. Apesar da tensão visível entre os três, eles conduzem e obedecem aos dirigentes da Igreja Católica de Roma.
Inglaterra é uma confusão política. Pode-se seguramente considerar Oliver Cromwell um ditador, ainda que se recusa a coroação como rei.

Zeeland e Holland continuam a recusar qualquer proposta da Casa de Oranje obter a função de Estatuder. Johan de Witt fala da verdadeira liberdade. Segundo Wolfgang e os seus amigos, esta liberdade é muito relativa. Na prática é a rica província de Holanda que manda e o governo está nas mãos da nobreza e dos mais ricos patrícios.

No meio de todas as jogadas políticas, Laurens de Geer tem uma grande notícia para os seus amigos intelectuais. O avanço de armadas Católico-romanas voltam a provocar banhos de sangue nas zonas do Império Germânico onde luteranos, calvinistas e reformados têm influência. Quem não se converte é assassinado ou mutilado. Boémia já se tinha tornado inacessível para os Irmãos Morávios. Agora que se intensifica a guerra entre Suécia e Polónia, Leszno, para onde o Bispo dos Irmãos, Comenius tinha voltado depois da sua curta estadia em terras Húngaras, é demasiado perigoso. A sua casa e quase todos os seu bens são destruídos pela segunda vez. Laurens decidiu oferecer asilo na *Huis der Hoofden*, até que Ian Amos e a sua família encontrem um novo lar.
Apesar das circunstâncias penosas, existe grande expectativa no circulo de mestres de aula e professores de Wolfgang e Hildegarde, agora que finalmente se irão encontrar com Ian Amos.

Outra notícia alegre, mais pessoal, vem do jovem casal. No verão de 1656 nasce o seu filho. Dão-lhe o nome de Pieter. Ambos leram acerca do trabalho de diplomata de Pieter Paul Rubens ao qual a escolha do nome não é estranha, dirá

Hildegarde mais tarde. A primeira vez que Hildegarde deixa o pequeno Pieter com a ama residente e regressa com Wolfgang à *Huis der Hoofden*, a sua presença é festejada com *qahwa*. Um dos frequentadores da casa ofereceu um fardo inteiro de bagos à família De Geer.

A presença de Comenius encaminha agora frequentemente o debate direção ensino e escolarização. Durante uma das conversas, Ian Amos fala de *Janua Linguarum*:
"Nunca me tinha passado pela cabeça que este livro bastante infantil teria a receção tão carinhosa que teve no mundo erudito. Percebi-lo quando comecei a registar as mostras pessoais de interesse de muitos, mas sobretudo quando comecei a ver em quantas línguas o livro entretanto foi traduzido: além de Latim e Grego, existem traduções em Boémio, Polaco, Alemão, Sueco, Inglês, Espanhol, Italiano, Francês e até em Árabe, Turco, Persa e Mongol, lingua que, pelo que me contam, é entendido em toda a India Oriental."
"O acolhimento deste livro tem sobretudo provado que as pessoas gostam imensamente de aprender, quando têm a oportunidade", diz Wolfgang.
"Muitos falam daquilo que aprenderam, mas poucos se preocupam perceber em como se entra em contacto com o Saber", considera outro.
"Onde traçamos a fronteira entre ensinar alguém e prescrever a alguém como aprender a pensar ou deve pensar?" pergunta Hildegarde.
"Ensino é dar suporte a alguém para o levar ao saber e a erudição. Um preceito pode ser útil, mas não quando é

subtraído o suporte. Que suporte fornece o *hornbook*?
“Existe algum método para aprender a pensar acerca das coisas?”
“Estamos cientes de que Descartes hesitou em dar preceitos.”
“Lembro-me de uma passagem na qual diz mais ou menos o seguinte: ‘*não é o meu objetivo de ensinar aqui o método que todos deverão seguir para realizar bem o seu raciocínio, mas unicamente de mostrar como eu tentei de conduzir o meu. Os que dão preceitos são obrigados de se considerar mais aptos dos a quem dão orientações; pela menor falha, têm eles a culpa. Mas como apresento a minha escrita como uma história, ou melhor, uma fábula, com alguns exemplos que podemos imitar, haverá provavelmente outras histórias que podem ser seguidas. Espero que podem ser úteis para alguns e para ninguém prejudiciais e que todos poderão apreciar a minha franqueza*’.”
Ian Amos sorri. “Sei que René Descartes não estava de acordo comigo quando eu apresentei a minha pansofia. Talvez viu nela o preceito que ele queria evitar.”
“Mas é o que quer? Deixar preceitos para a escolarização de jovens e adultos? Como o fazem os jesuítas? Propõe algum método?”
“Não vejo o meu trabalho como um preceito, mas como uma orientação. *Omnes Omnia Omnino*. É isso que quero conseguir. O meu método para a escola pansófica tem como orientação geral de transformar o labor escolar em jogo e prazer. Parece que ninguém quer ouvir isso. Continua-se a querer considerar escravo quem quer ser livre, mesmo entre os nobres. Mestres de aula baseiam a sua autoridade em rostos fechados, palavras

severas, até mesmo em punições corporais."
"Os abecedários sob forma de *Hornbook* que são utilizados em muitos locais tanto da Europa como do Novo Mundo certamente retiram qualquer prazer de aprender. Mesmo os *Haneboeken* que vi em Groningen limitam a aprendizagem das crianças à memorização de letras, silabas e algumas orações."
"Entre nós, no *Athenaeum Illustre*, falamos de vez em quando da sua orientação. Diz-se que é uma ideia perigosa. *Tudo a todos, totalmente*, ou, familiarizar todos totalmente com tudo, não é necessariamente o desejo de quem quer exercer poder sobre outros."
"Os meus patrocinadores dispõem de muito poder, contudo continuam a apoiar o meu trabalho. É verdade que as vezes mostram pouca paciência, exigindo resultados em prazos irrealistas. E, no entanto, eu próprio sou conhecido por nem sempre ter a devida paciência em relação a aprendizagem da ciência de ensinar."
"Estava a pensar em outros detentores de poder", diz Wolfgang. "Frequentemente encontramos detentores de poder ignorantes. Mestres de aula que confundem ensino com rostos severos ou sinistros fazem parte deste grupo. E muitos membros tanto da hierarquia secular, como religiosa, não apreciam súbditos totalmente familiarizados com tudo."
"Se não estou equivocado, a tua escola pansófica, lá na Hungria foi primeiro apoiada, mas depois contrariada, até pelos Reformadores, assim que a Igreja Católica voltou a ter mais influência na zona", observa Laurens.
"Falam de uma ideia perigosa", repara Ian Amos. "Sim, mas…

Como é que pode ser considerado uma ideia perigosa procurar explicar a criação de Deus? Não é essa a própria vontade de Deus? Vocês não estão a falar de governadores, estão a falar de misantropos. Só de quem odeia os seres humanos, podemos nos imaginar que querem sonegar conhecimento ao outro. Estou a preparar as provas de *Orbis Sensualium Pictus*. Naquele livro, as crianças e os jovens encontram uma descrição do mundo. Vai lhes dar prazer de ver as ilustrações, de associar palavras da sua própria língua e do latim. Vai lhes fornecer uma verdadeira imagem do universo conhecido."

"O livro tem como finalidade de apoiar os mestres-escolas ou as crianças?" pergunta Wolfgang.

"Certamente ajuda as crianças", responde Ian Amos. "Temos muitos exemplos de quem se instruiu a si próprio, e conseguiu aprender quase tudo, simplesmente por se apoiar na natureza. O intelecto e o emocional estão conectados. Natureza e didática estão ligadas. Natureza e matética estão ligadas."

"Então, as crianças que dispõem daquele livro já não precisam dos mestres-escolas?" insiste Wolfgang.

"Observar os objectos ou conhecê-los não é mais do que dispor de saber interior acerca deles. Para o conseguir, precisamos dos mesmos auxílios como para construir uma especulação ou uma ideia externa das coisas: o olho, o objecto e a luz. Estes três elementos juntos permitem-nos ter uma visão. Na visão interna, o olho é a mente ou a inteligência, o objeto todas as coisas colocadas dentro e fora da nossa mente e a luz a atenção dada ao objeto. Quando os mestres dispõem deste conhecimento, conseguem utilizá-lo para ajudar crianças para

se apropriar do mesmo conhecimento.”

Nos próximos dias Wolfgang tem a possibilidade de espreitar parte do plano de *Orbis Sensualium Pictus*. Compreende ainda melhor porque o autor se entusiasma com este livro. Tem todo o sentido de dizer que se trata de uma espécie de *Janua Linguarum* para crianças. Um livro infantil que não é somente um livro para a escola. É simplesmente um livro para aprender. A visão sobre a natureza das coisas é de uma pessoa amante da paz, longe do odioso *Spiegel der Jeugd*. E mesmo assim, Wolfgang tem algumas duvidas. O livro continua a apresentar uma determinada visão da natureza das coisas. Não abre para a dúvida. Copérnico e Galileu não fazem parte dele.

O que não será uma preocupação dos mestres-escolas. Não. Pensando bem nas pequenas escolas que visitou, o problema será que este livro inclui mais conhecimento e ciência de que um mestre de aldeia possui. Vai ser aceite ou vai novamente ser visto como um perigo que põe em causa a autoridade do mestre-escola? O problema destas escolas é mesmo que só prestam um trabalho muito superficial.

Entretanto, na Europa Católica, as escolas de elite estão na dependência da Igreja. Na Europa Reformada o controlo não é menor. Acerca disso, Patrícios e Nobreza não têm dúvida, já que estimulam este modo de funcionar. Wolfgang sabe que as classes dirigentes protegem os locais de estudo que permitirão os seus próprios descendentes chegar aos lugares de destaque neste mundo, compatíveis com a sua posição social. Só é dado a poucos descendentes de grandes lavradores ou da burguesia abastada a possibilidade de se elevar acima da sua posição

social inicial. E tem que acontecer de modo controlado. Nos países Católicos recorre-se de preferência aos colégios dos jesuítas. Mas em outros países as escolas de elite são destinadas ao mesmo tipo de público. O *Grammar School* de Saint Paul, em Londres, criado por John Colet, nisso aconselhado por Erasmo, é também um modelo elitista.

Para Wolfgang ficou claro como água que não existe uma relação direta entre Reforma e melhor acesso ao conhecimento e a ciência, como também não existe uma relação direta entre a Contra-reforma e a ignorância. De facto, independente do contexto religioso continua a ser uma ideia perigosa de querer familiarizar o mais que possível todos com tudo. Sobretudo se tem como resultado que tanto o dogma religioso como a hierarquia no poder secular se tornem objetos de questionamento.

Wolfgang tem uma conversa acerca destes pensamentos com Étienne de Courcelles, agora com setenta anos. Este fica contente de ver que Wolfgang, ainda mais do que o pai, procura como assegurar uma melhor preparação profissional de mestres-escolas e mestres de aula. Acerca da escolarização das pessoas em geral, observa Courcelles, ele só consegue afirmar que sujeição nunca leva à liberdade, nem à liberdade de quem submete o outro.

Wolfgang vê nessas palavras a confirmação para o seu próprio raciocínio que quem exerce poder esteja tão preso na sua própria sujeição que a considera natural. Partilha essa ideia com François de La Mothe que responde com alguns apontamentos recentes que ele próprio fez sobre *Liberté et*

Servitude.

Últimos anos em Amsterdam

A relação entre a República e a Inglaterra continua a ser tema de conversa. Carlos II de Inglaterra está agora exilado em Bruges. Na *Huis der Hoofden* especula-se quanto tempo mais durará até ele subir ao trono Inglês. A maioria pensa que será difícil isso acontecer antes de Cromwell morrer. E este homem que desde alguns anos é Lord Protector, ainda não tem sessenta anos…

Meu filho Wolfgang,
Folgo em saber que a vossa vida em Amsterdão está bem preenchida. Nos próprios sentimos alguma saudade dos encontros e das conversas na Huis der Hoofden. *Ian Amos ainda vive lá, ou a família já conseguiu encontrar habitação própria?*
É com alegria que te posso anunciar que dispomos agora de diferentes compendia para tornar o ensino das línguas mais eficaz e fácil nas Escolas Latinas. Continuamos a recorrer a exemplos de textos plurilingues.
De Leopold ouvimos uma notícia que nos deixa estupefactos. O teu primo está em contacto com o jesuíta Athanasius Kircher de Geisa. Este trabalha já mais do que vinte anos em Roma, mas continua a manter ligações com o Império Germânico. Leopold recebeu por correio um exemplar de Scrutinium Physico-Medicum Contagiosae Luis, Quae Pestis Dicitur. *Neste documento, Athanasius explica que constatou no seu 'microscopus' animálculos que se desenvolvem espontaneamente*

em carne apodrecida misturada com terra e água. Ele argumenta que, embora a peste possa ter muitas causas morais, das muitas pequenas fendas no chão podem surgir milhares de seres minúsculos que carregam podridão. Plantas, animais e pessoas são então infetados. Quando uma pessoa infetada perde o seu calor interior, a doença é também espalhada pelo hálito da vítima. Parece impossível. Os irmãos da sua ordem questionam muito as suas afirmações, sobretudo quando se trata da gestação espontânea da vida. Pessoalmente, considero tudo isso particularmente fascinante, porque, além de lembrar o clássico e insatisfatório "é a vontade de Deus", este jesuíta descreve as suas tentativas de estudar a natureza tal como ele entende que se apresenta aos seus olhos.
Como vão os nossos netos. Nunca os vimos, mas fazem parte dos pensamentos com os quais também vos abraçamos.

Queridos pais,
Começo por dizer que esperamos ler rapidamente o trabalho de Kircher. Hildegarde descobriu um outro trabalho de Johannes Goedaert de Middelburg, graças a Jan Swammerdam. Compramos alguns dos desenhos muito interessantes do ilustrador. Jan contou-nos que Goedaert tem um grande interesse para a metamorphosis *de que a natureza está repleta. Um dos seus companheiros de guilda procura convencê-lo de publicar as suas observações dos animalzinhos sem sangue. De muitos destes animalzinhos seguiu o desenvolvimento. Primeiro, pequenas sementes se transformam em pequenos vermes. Estes transformaram-se em chrysalis ou algo parecido. Iniciam um*

período de morte aparente e depois metamorfoseiam em borboleta ou mosquito ou outro animalzinho parecido. É deslumbrante. Jan avisar-nos-á certamente logo que o trabalho é publicado. Pensávamos nisso tudo, quando lemos a vossa notícia acerca dos animálculos de Kircher.

Aqui publicou-se finalmente Orbis Sensualium Pictus. *Laurens ofereceu-nos um exemplar, em reconhecimento de serviços prestados, disse. Penso que se refere ao modo como de vez em quando apoiamos crianças do seu vasto círculo de amigos para se preparar para a Escola Latina, o Athenaeum ou a Universidade. Enquanto mestre de aulas que ensina línguas, não posso não estar entusiasmado com Orbis Sensualium Pictus. Imaginem, um livro bilingue com imensas ilustrações, em que crianças e jovens pegam para fixar palavras e conceitos brincando, e isso simultaneamente em latim a na língua vernácula. Já usei o livro. Parece-me o livro de que precisávamos para iniciar o ensino da ciência e da filosofia na língua materna.*

A minha alegria por este instrumento só dificilmente disfarça a minha tristeza e o meu ressentimento em relação o estado das pequenas escolas. A correspondência que me chega de todo lado onde haja quem troca cartas a este sujeito bem como as cartas que chegam a amigos que correspondem com quem vive em locais mais afastados de nós, desenham-nos a seguinte imagem. A pequena escola pouco mais é do que uma escola de religião. Falam-nos de fases. As crianças são levadas à aprendizagem da leitura, depois à aprendizagem da escrita e por fim à aprendizagem das contas, em classes sucessivas. Mas, é nos dito, frequentemente as crianças na realidade nem passam à segunda

fase. E isto tem mais a ver com os mestres do que com as crianças. Ensinar a escrever é mais complexo do que ensinar a ler. É preciso mais material. Dizem-me que nas escolas de aldeia e nas pequenas escolas da cidade é raro encontrar mestres que sabem aguçar boas penas. Nas cidades franceses a situação parece um pouco melhor. Mas aí, dizem, os mestres-escribas fazem tudo para se reservar a atividade. E eles não chegam a todos.

Na Espanha e na Inglaterra, sim, também na Inglaterra, muitos não chegam à escrita porque para aí chegar têm que pagar taxas escolares adicionais. Em Espanha fala-se de dois reais por mês para aprender a ler, 4 para aprender a ler e escrever e 6 para também aprender a fazer contas. E os pobres não conseguem pagar tanto. E se já nos podemos interrogar como realizar o sonho de Omnes Omnia Omnino *entre nós, onde os pobres, ou não têm escolas, ou têm escolas miseráveis, o que dizer então das colónias inglesas? As próprias escolas não passam de cabanas feitas de ásperos troncos de árvore. As janelas são feitas de papel untado de banha o que o torne transparente e à prova de água. Bah! Os hornbook são por norma os únicos livros de que dispõem.*

Mudando de assunto. De Bruges, onde Carlos II ainda está exilado, chega-nos a notícia que Oliver Cromwell morreu. Há quem quer que seja sucedido pelo seu filho. Quanto tempo ainda, até que Carlos II mais uma vez atravessa o Britanicus Oceanus? Os regentes de Zeeland e Holland mostram sinais de estarem tensos. Esperemos que não vem aí outra vaga de violência bélica.

Os vossos dois netos crescem bem. Pieter é um pequeno homem

que algaravia o tempo todo. Graças a Deus o segundo também está de boa saúde. Esperamos e rezamos que assim continuem.

***

1665. A família Magister-Lesmeister acompanha a partir de Amsterdão o que acontece no seu mundo.
Depois dos sucessivos momentos de *La Fronde* e as intrigas que seguiram, Luís XIV reina como soberano absoluto. Anne Geneviève de Bourbon-Condé que era muito ativa durante o segundo *La Fronde* hoje vive bastante isolada. Ela apresenta-se como jansenista e protetora da abadia de Port-Royal des Champs, pelo que Hildegarde sabe. Contudo, não impede o anunciado fecho da *Petite École de Port-Royal* de que Wolfgang e ela própria são informados pouco antes de eles também deixar Amsterdão para se mudar para Frankfurt.
No início do ano nasceu Anne Stuart, segunda filha do irmão de Carlos II da Inglaterra. Alias, quem na *Huis der Hoofden* apostou no regresso da Casa Real na Inglaterra, pode reclamar os seus ganhos. Há pouco mais de cinco anos, Carlos II pôs pé em terra, em Dover. No mesmo ano, um grupo de eruditos e intelectuais de diversos colégios, universidades, círculos de letras criam, acompanhados de filósofos da natureza, *The Royal Society of London for Improving Natural Knowledge*. A sociedade recebe o nome de "the Royal Society" por decreto real. É assunto de homem e com pouca se debruça sobre a escolarização em geral. Contudo, comparando com a mais local *Academia Naturae Curiosorum,* Wolfgang e Hildegarde consideram já positivo haver agora uma instituição nacional,

sob auspícios de um rei, que desprende a ciência da teologia.
A confirmação de outra notícia atinge mais uma vez dolorosamente o casal. Hoje é do conhecimento geral que muitos patrícios de Amsterdão e também a *Geoctroyeerde West-Indische Compagnie* sempre comercializaram homens e mulheres, sobretudo na zona da África Ocidental conhecida como a Costa de Escravos. Na ilha de São Tomé e nas costas da baía na qual se situa a ilha, as feitorias são unicamente utilizadas para a compra de escravos, depois transportados para America. As sucessivas batalhas navais organizadas pelos dirigentes europeus têm como único objetivo proteger os seus interesses comerciais. Nunca houve uma clara missão, dada por parte da igreja ou dos reis, para terminar o inumano comércio de escravos.
Da Suécia, os comerciantes trazem mais uma novidade. Agora é possível trocar moedas de cobre ou de prata por papel bancário impresso. O banco guarda o metal e dá o papel em troca. Deve-se sobretudo ao peso cada vez maior das moedas de cobre. O preço do metal desceu e as moedas se tornem maiores e mais pesadas para manter o cambio relativo às moedas de prata. Pode dizer-se que copiaram na Suécia um habito milenar chinês. Lá o dinheiro de papel foi introduzido há muito, para poupar os comerciantes mais ricos de terem que transportar pesadas cargas de moedas.
Ian Amos Comenius começou uma pequena tipografia checa, não muito longe da *Huis der Hoofden* e da casa para a qual entretanto se mudou com a família. Desde 1662 é membro extraordinário da guilda dos tipógrafos.

Pouco tempo depois abre a primeira casa de café em Amsterdão. Agora aqui também passa a ser possível beber café em estabelecimentos públicas, em vez do que normalmente é servido nas tabernas. Os amantes de café pouco sabem que o cultivo e a produção do café envolve trabalho de escravos.
Desde alguns anos Spinoza vive e trabalha em Rijnsburg. Quando a primeira parte do seu manuscrito *Ethica* chega aos seus amigos de Amsterdão em 1663, é insinuado que sofre da mesma doença de Diágoras, Protágoras e François de La Mothe Le Vayer. Os moralistas cristãos levantam um dedo acusatório e chamam-no de ímpio.
A *Congregatio Romanae et Universalis Inquisitionis* decide colocar as obras de Descartes no *Index Librorum Prohibitorum*. Os livros são proibidos *donec corrigator*, até estarem certos. '*Certos*' significa '*escritos conforme o que pensa a hierarquia da Igreja*', observa asperamente um amigo de Wolfgang.

Durante a primeira metade do ano, Hildegarde e Wolfgang desfazem-se das posses imobiliárias em Amsterdão e compram a mansão em Frankfurt onde continuam a viver. Pieter acaba de fazer nove anos quando Wolfgang e Hildegarde deixam Amsterdão para sempre, acompanhados pelos três filhos e a fiel ama.

Frankfurt

Wolfgang e Hildegarde dão-se alguns meses para se instalar e habituar a sua nova cidade. Pieter começa as aulas na *Escola*

Latina. As duas crianças mais novas são deixadas aos cuidados da ama.
Leopold, Johannes e Martin propuseram uma sociedade de edição ao Wolfgang, com o intuito de melhorar a oferta de livros com novas ideias relativo à ciência e à ciência de ensinar. Wolfgang não se deve preocupar com a parte tipográfica mas unicamente com a procura de trabalhos interessantes e a eventual adaptação do texto aos leitores alemães. Convidam Hildegarde de fazer uma compilação de dados acerca das mulheres na história da arte e da ciência. Tudo é grandemente financiado pela edição dos almanaques em diferentes línguas de crescente popularidade.
A nova e ampla casa de família, com um jardim no pátio, fica perto da pequena casa onde os pais de Wolfgang se retiraram. Estes ficam radiantes agora que têm três netos por perto. Os outros netos nasceram em Frankfurt, mas nem o irmão nem a irmã de Wolfgang vivem atualmente na cidade. Com sorriso, a ama queixa-se que quase não resta tempo para ensinar os dois mais novos a ler e a escrever. Hildegarde está gravida do quarto filho e isto deverá desviar também as atenções dos avós, espera ela.
Da *Belgium Fœderatum*, a família trouxe uma versão adaptada do São Nicolau católico. Apesar de os reformadores tentar erradicar o culto de santos católicos, as crianças continuaram sempre a cantar *Sinter Klaas, o Heil'ge Man. Trek je beste Tabbaart an; En wilje me dan wat geven, Zo dien ik je al men*

leven[1]. Mas o santo amigo das crianças tornou-se pouco a pouco um bicho-papão. Muitas vezes é apresentado como homem negro com aspecto diabólico, com correntes e sinos de bobo. Embora o Nicolau negro não deixa de dar algo às crianças bem comportadas, o seu papel consiste em amedrontar as crianças que insistem em se portar mal com os pais ou com outros adultos.

A República está novamente em guerra com a Inglaterra, apesar dos laços familiares entre Carlos II e a Casa de Oranje. Mas Guilherme continua a não ser o Estatuder de todas as províncias. Além disso a guerra tem mais a ver com a proteção de interesses comerciais para assegurar a cobrança de impostos. O rei inglês acumula contratempos, incluindo uma epidemia de peste e um enorme incêndio que destrói uma parte de Londres em 1666. Ainda que o incêndio põe termo à epidemia, a cidade está praticamente destruída. Juntam-se as derrotas em batalhas navais e Carlos II vê-se forçado de assinar o tratado de Breda que favorece a marinha mercante de *Belgium Fœderatum* e do Império Germânico. A reorganização dos territórios ocupados além-mar continua. Nova-Neerlanda é ocupada pelos ingleses, Suriname pela República.
A epidemia de peste tem outro efeito colateral. O investigador Isaac Newton, que fugiu da epidemia, descobre no sossego do isolamento o que fica conhecido como a lei da gravidade.
E em Amsterdão, os herdeiros de Johannes Seidelius editam uma nova versão de *Janua Linguarum Reserata.* Esta reedição

[1] São Nicolau, homem sagrado, Veste o teu hábito mais bonito e se me queres dar alguma coisa, irei te servir a minha vida toda.

confirme o sucesso do livro de 1658 com o titulo *Ontslooote deure der taalen om te gelijck met de dingen selphe de Latijnse taal beknoptelijck te leeren*[1].

Da França vem a notícia que, tal como já fizeram os italianos, os alemães e os ingleses, Colbert toma a iniciativa para constituir uma Academia. A instituição ocupa-se da ciência e dos conselhos a dar acerca dela aos governantes. Oferece a filiação a matemáticos, astrónomos, físicos, botânicos, zoólogos, anatomistas e quem pratica a arte da transformação da matéria. Reune-se nas instalações da grande *Bibliothèque du Roi* referida como tendo mais de 4500 títulos.

E perto do Natal, Wolfgang recebe uma carta com notícias de Basileia.

Caro e estimado amigo,
Espero que a carta que agora envio te encontra de boa saúde, bem como Hildegarde e os teus filhos. Oiço falar dos vossos esforços para proporcionar uma sólida formação aos mestres e mestres-escolas, não só nos assuntos da religião, mas também no que os estudiosos da natureza nos trazem de novo conhecimento. Não posso pensar que não correspondem com membros das diferentes academias que se formaram os últimos dez anos nos mais diversos lugares.
Caros amigos, hoje escrevo-vos acerca de um documento da mão de um padre da entretanto proibida Companhia do Santo Sacramento. Conta-se que esta sociedade secreta foi, desde o

[1] A porta destrancada das línguas para junto com as próprias coisas aprender a língua Latina de modo sucinto.

Concílio de Trento, um dos instrumentos do Papa para iniciar a batalha contra os reformadores. Acontecia sob o lema de fazer todo o bem possível e de afastar todo o mal possível. Dizia-se que esta orientação incluía a de denunciar, condenar e executar quem faltava ao respeito pela verdadeira fé. Primeiro Mazarin e de seguido o próprio Rei, proibiram a companhia na França.

O padre de quem falo era membro ativo da Companhia. Ele chama-se Charles Démia e em Lyon começou a explicar a patrícios e outros afortunados como se tem que lidar com os pobres. O correto já não é simplesmente cuidar dos pobres. Chega de pena, de compaixão ou mesmo de admiração por quem associa a pobreza ao misticismo. Aparentemente, ser pobre já não é uma condição abençoado por Deus. A partir de agora, dizem certos representantes de Deus na terra, é preciso educar os pobres e corrigi-los, para que sejam bons servos e subordinados.

Tal como vocês, Charles Démia quer assegurar a formação de mestres-escolas e mestres de aula. Eis a argumentação dele na Remonstrances *aos senhores de Lyon. Conseguiu-se, disse ele, pôr o Clero e os Mosteiros na ordem, com escolas e formações a que damos o nome de Seminário e Noviciado. Agora devemos seguir este exemplo para chegar à plena tranquilidade cristã. As cidades e as províncias devem edificar Pequenas Escolas, onde as crianças do povo pobre podem ser educados no temor de Deus e na boa moral. Mestres capazes ensinam-lhes a ler, escrever e contar, o que fará que conseguirão trabalhar na maioria dos ofícios e das profissões. Assim, os mestres dos ofícios terão bons aprendizes que mais tarde poderão se tornar companheiro de guilda. Afinal a pequena escola ensina que todos devem trabalhar fiel- e duramente. Faz lhes*

perceber como é sagrado e frutífero o trabalho e como é terrível a ociosidade e o engano. As Pequenas Escolas são a terra fértil, onde as jovens plantas desabrocham. Assim os mestres devem inspirar a juventude pela aversão à ociosidade e o engano, eliminar o vício. Não se pretende que percorrem com profundidade a Sagrada Escritura e muito menos que se aprende Latim. Antes lhes é incutido o amor pelo trabalho como um dever sagrado, razão pela qual desde a tenra idade são dedicadas muitas horas para a abotoadura, o tricô, e a renda. As crianças ficarão na escola unicamente o tempo necessário até encontrar um trabalho que corresponde a sua natureza. Para Démia, estes argumentos deveriam ser suficientes para fazer desaparecer qualquer outro dirigido contra um empreendimento tão Sagrado.

Vê só, estimado Wolfgang. De repente, a Pequena Escola com aulas na língua vernácula que Comenius pretende para todos tem um aspecto completamente diferente. Aqui não encontramos Omnes Omnia Omnino. *Escola e ensino; ou leva ao conhecimento, ou leva à servidão. Quem exerce poder sobre os outros opta pela escola que leva esses outros à servidão. Também nas vossas terras, caro amigo, quando te leio acerca do pobre conteúdo dos livros escolares, do pobre conhecimento intelectual do mestre-escola e do vencimento que lhe é proposto quando trabalha com os pobres. O humanista por sua vez, bem trabalha para a melhoria das artes liberais, mas unicamente para as classes superiores. Quem pensa então ainda na Pequena Escola que proporciona saber e conhecimento para todos? Poucos, o meu amigo, muito poucos.*

Nas regiões que estão sob controlo da igreja católica e onde a Companhia de Jesus está no comando, pensa-se numa outra

pequena escola, só para meninas, sem mais. Mas da Escola Latina e da Escola Superior não são apenas banidas as mulheres. Em peças de teatro, papeis de mulher e roupa de mulher são proibidas. Fazer teatro em si é considerado um bom exercício para a memória. Mas, até do pensamento dos jovens, as mulheres têm que ser afastadas. Da para pensar que haja quem considera que a obra de Deus estava errada, quando Ele decidiu criar o homem E a mulher?

Da Escola Latina, contam-me que no verão ela inicia às sete e meia da manhã. No inverno o horário retarda meia hora. As aulas terminam às dez. Depois, os alunos assistem à missa e vão para a casa. À tarde há aulas da uma e meia às quatro. No início da aula, as tarefas e a lição são revistas. Depois segue uma hora de estudo de um autor clássico. Serve para treinar a gramática e para aumentar o vocabulário. Nas classes mais iniciais (a Rudimenta e a Figura) estuda-se prosódia. A partir de Gramática o estudo da prosódia é substituído pelo ensino do Grego.

Também me contam que os jovens são por parte responsáveis pela organização do ensino na sua classe. Em cada grupo há quem desempenha o papel de censor para assegurar a ordem e disciplina. Por norma, a classe tem dois campos, por exemplo o campo grego e o campo romano. Estes campos tem uma estrutura hierárquica. Os campos competem entre si sobre os exercícios dados pelo mestre. Os resultados influenciam a liderança de cada campo. Na província de Flandro-Bélgica porém não existe este aspecto competitivo. Não consegui perceber se é influência das gerações de mestres anteriores que não foram formados pelos jesuítas.

No Colégio todos falam Latim. Autoriza-se o pedido de explicação,

durante o qual a língua vernácula pode ser usada. Mas neste caso o aluno é inscrito no signum. É uma lista de nomes de quem, no Colégio, tem utilizado a língua vernácula. Quem é apanhado fica na lista, que guardará consigo enquanto não apanha outro.
Quem tem o signum consigo arisca em determinados momentos ser punido. Tenho dificuldade em perceber como signum e irmandade cristã podem ir de mão dados. Tudo isso parece-me antes um assunto de secular competição e inveja.
Meu caro amigo, talvez alonguei-me acerca dessas práticas escolares. A minha intenção é só de partilhar contigo o que ouvi acerca das escolas nas zonas católicas. Pergunto-me se algum dia o lavor escolar será transformado em jogo e prazer. Pode ser o desejo de Comenius, não é certamente a visão de Charles Démia.
E com isso termino o meu estimado amigo, na esperança de te ler em breve.
O teu dedicado Jacobus Schulthess.

***

Louvado Mestre e Amigo,
Vão agora três anos que a nossa correspondência aborda as ideias de Charles Démia para o seu seminário de mestres-escolas e as nossas próprias tentativas de promover uma sólida formação dos mestres das crianças e dos jovens.
Aqui, em Frankfurt fazemos modestos progressos. Tenho notícias de alguns experimentos na República e sim, até em Köln há preceptores que se colocam à disposição de quem trabalha na Pequena Escola.
De Hildegarde sei que a nossa amiga correspondente de longa

data, Anna Maria Van Schurman, integrou a seita mística de Jean de Labadie. De momento a seita fica em Amsterdão mas não sabe se lá permanecerá por muito mais tempo. Anna Maria escreve-nos que, devido a sua busca pela presença interior de Deus no Homem, os membros da seita dão menos ênfase às Sagradas Escrituras. O grupo vive em comunidade. Bens pessoais tornam-se bens partilhados pelo grupo. Assim os seus membros acreditam estar no encalço dos primeiros cristãos. Para eles, a Igreja agrupa os fieis que renasceram, livres de pecados. Não se sentem obrigados a certas regras humanas. Evocam raramente a ceia, não concordam com o batismo das crianças e não têm regras rígidas em relação ao descanso dominical. Anna Maria escreveu-nos acerca da sua vivência espiritual. Falámos de escolarização em geral e da escolarização de mulheres em particular. Segundo ela, no seu grupo a educação espiritual está completamente aberta às mulheres, sem restrições. Ainda não falámos da filosofia e ciência da natureza e se o seu ensino é permitido.

Na escola em geral, parece difícil de fazer florescer as ideias da Petite École de Port Royal. Os próprios científicos muitas vezes não colaboram.

De Londres pouco nos chega da Academia, a não ser que muito aí se briga. E, apesar do apoio assegurado pelo Rei, é difícil de avaliar até que ponto existe liberdade intelectual para os membros da Academia. Aliás, nem é muito claro qual é a orientação religiosa do próprio Carlos. Chegou-me que Henry Oldenburg, correspondente de Spinoza, esteve preso na Torre de Londres durante algum tempo. Ainda que não é dito

abertamente, muitos consideram que este encarceramento teve a ver com a correspondência com Spinoza.
Também na República a liberdade intelectual parece bastante limitada. Adriaen Koerbagh publicou o ano passado o livro Een Ligt schijnende in duystere Plaatsen[1]. *O meu primo conseguiu-me imediatamente um exemplar. Queremos avaliar a edição em Alemão ou Latim. O livro respira o espírito e a filosofia de Spinoza. E agora, há pouco, oiço que Koerbagh arrisca de ser condenado por blasfémia. Não sei se Jan van der Heijden o pode salvar. Este está a projetar uma melhor iluminação pública para Amsterdão e já foram colocados mais de 1800 candeeiros. Infelizmente não acredito que a iluminação das ruas dará um contributo para a iluminação das cabeças dos que teimam pensar que a mente de outrem lhes pertence.*
O seu dedicado amigo e servidor,
Wolfgang Magister

Querido e estimado amigo,
Notícias tristes chegam da República. Provavelmente também te chegaram. Koerbagh foi efectivamente condenado a dez anos de encarceramento na Rasphuis, por blasfémia. Não aguentou a escravidão à qual foi obrigada e faleceu no fim do ano passado.
E notícias tristes para a República. Aparentemente Carlos II ainda não se cansou da sua atitude beligerante. Firmou um acordo com Luís XIV contra Belgium Fœderatum, assim me informaram.
Não deixa de ser curioso, mas apesar de tudo surgem, naquela

[1] Uma luz que brilha em lugares sombrios

Inglaterra tumultuosa, mentes interessantes. Não há muito tempo, falaste-me do talento do jovem Isaac Newton. Eu recordo o outro jovem de que um dia te falei. Tem entretanto quase quarenta anos e todos os meus correspondentes antevêem nele um curioso filósofo. O seu nome é John Locke. Talvez te seja útil juntar alguma informação acerca dele.
Mas voltamos à França. Cirurgiões e físicos aí caminham para investigações estranhos. Ouvi que Emmeretz começou a experimentar com sangue. Tentou-se introduzir sangue de um carneiro num jovem homem. E agora experimentam de ligar um vaso sanguíneo pulsante de uma pessoa com o vaso sanguíneo não pulsante de outra pessoa. O médico pessoal do Rei está envolvido. Contudo parece que terão que parar as experiências. Há demasiados acidentes e houve mortos.
Wolfgang, sei como aprecias a leitura de François de La Mothe. Junto um exemplar das suas Solliloques Sceptiques que me fez chegar a Basileia, há pouco tempo.
O teu dedicado Jacobus Schulthess.

Louvado Mestre e Amigo
Mais uma triste notícia nos chegou este outono. Mestre Ian Amos Comenius faleceu em Amsterdão. Ainda que irá continuar a viver nos nossos corações e nas nossas mentes e ainda que as suas obras continuem a ser re-impressas, a sua morte origina em nós um certo vazio.
Só há pouco tempo, conheci os dez mandamentos pessoais de Comenius. Não consigo evitar de os traduzir e enviar. Digo já que não me sinto inclinado seguir eu próprio todos os mandamentos. Contudo, penso que eles testemunham de uma pessoa pacífica e

piedosa. São mandamentos de quem é sensível aos sentimentos dos outros por quem se interessa profundamente.

Os dez mandamentos de Ian Amos Comenius

1

Não conta tudo que sabes; não acreditas tudo que ouves;
Não deseja tudo que vês; não faz tudo o que é possível,
mas somente o que deves fazer e fá-lo prudentemente.

2

Seja modesto, não indecente,
Seja taciturno, não palrador!
Quando alguém fala, fica calado; quando alguém conta, escuta;
Quando alguém te ordena algo, faz-lhe a vontade.

3

Seja agradável com todos, nunca violento,
mantém-te longe da lisonja!

4

De resto, sobretudo seja justo!
Não exiges nada de excepcional, não usurpas nada!

5

Tens que ser corajoso, diligente no teu trabalho,
deixa a ociosidade aos preguiçosos!

6

A prosperidade não está sempre presente,
o destino traz acontecimentos diversos, muitas vezes tristes.
Uma pessoa paciente aguenta-os,
mas quem é mimado suspira, chora e lamenta.

7

Seja também misericordioso!

Se alguém te pede algo que possuis, dá-lo;
ajuda os necessitados quando puderes.

8

Se alguém te ofende, perdoa-o!
Se magoaste alguém, consola-o!
É bom de suprimir a raiva, de perdoar os culpados e
de perdoar aquele que pede sê-lo.

9

Não tenha ciúmes, congratula-te com o que outrem tem.
Agindo assim, recebes a gratidão de todos
e serás amado por toda a boa gente.

10

Fala sempre a verdade, nunca mente!

O seu dedicado amigo e servidor,
Wolfgang Magister

Pieter

Köln

Os tempos turbulentos estão de volta, tanto para várias cidades do vale do Reno como para *Belgium Fœderatum*. De repente, a República é atacada de várias frentes. As casas reais inglesa e francesa, mas também os arcebispos de Münster e Köln unem-se contra as Províncias economicamente prósperas. E no entanto, no início do ano de 1672, Guilherme ainda tinha oferecido ao cunhado Carlos fazer da República um fiel aliado da Inglaterra. Em contrapartida Carlos romperia com a França e faria pressão para que Guilherme recebesse a nomeação de Estatuder. Mas Carlos quer distribuir as cartas de outra forma. Ele sonha de uma grande vitória militar, com o apoio dos seus aliados. Assim estaria em condições de ditar o acordo de paz que lhe convém. Assim, 1672 torna-se um ano negro para a população da República das Sete Províncias. Bancos e escolas, comércio e tribunais, fecham. Muitos comerciantes de obras de decoração e de arte não sobrevivem a crise financeira. As armadas que surgem de todo lado provocam o pânico. A casa de Oranje aproveita-se desta situação de descontrolo e Guilherme recebe finalmente a função de Estatuder de Holland e Zeeland há tanto tempo cobiçado. Logo, as restantes casas reais governantes moderam a sua atitude em relação a *Belgium Fœderatum*. Deixam transparecer que o que não querem é um regime de regentes autónomos. E no fim do mesmo ano, com o apoio da casa de Oranje, os poderosos regentes Jan e Cornelis de Witt são assassinados. Habilmente

foi lhes atribuído a culpa do mau estado de guerra. A distribuição de panfletos provoca uma revolta popular, seguido do linchamento dos dois irmãos. Pouco tempo depois, o Imperador Germânico e o Rei de Espanha tornam-se aliados da República.
Entretanto d'Artagnan, primeiro mosqueteiro na corte Francesa, perde a vida durante a captura de Maastricht, no dia 25 de junho quando Luis XIV decide atacar *Belgium Regia* simultaneamente a partir dessa cidade e da fronteira sul. As armadas do Rei francês provocam muitos estragos até Guilherme se juntar à armada de Flandres, sob o comando do governador dos Países Baixos Espanhóis. Juntos conseguem parar as armadas de Luís XIV. Mas só no fim dos anos setenta voltará a haver alguma paz nos territórios junto ao Reno.

Apesar da política instável, Pieter que fez dezassete anos em 1673, quer sair algum tempo de casa. Mas uma viagem como aquela que a que o seu pai fez está fora de questão. As alianças voláteis de quem reina na Europa provocam um rasto de destruição em grandes partes do continente. Há constantes incertezas e perigos mesmo para abastados filhos de burgueses que querem viajar. Em jeito de alternativa, Wolfgang consulta o seu velho amigo Heinrich, em Köln para saber se este consegue acomodar o filho durante algum tempo. Pieter está encantado. Pouco depois da sua chegada em Köln, torna-se aluno de Claudius Cardinalis, agora com 33 anos, primeiro em *Artes* e depois na faculdade de teologia. Entre Claudius e Pieter desenvolve-se rapidamente um forte laço de amizade. Heinrich é frequentemente envolvido nas conversas dos novos amigos.

Uma noite discutem o acesso das mulheres aos estudos. Pieter fala da correspondência dos seus pais com mulheres dotadas de grande inteligência. Fala de Anna Maria Van Schurmann, e como Voetius a autorizou de seguir as aulas na universidade de Utrecht. Claudius deixa transparecer que mais mulheres conseguem presença nas escolas superiores e nas universidades: "Existem também", diz ele, "alunas femininas escondidas." E, parecendo brincar, olha para o seu pupilo e acrescenta: "Talvez ainda te apresento um dia a uma dessas alunas."

Escolarização e educação. São os dois assuntos que mais debatem o mestre, o anfitrião e o discípulo.
Claudius explica que tanto pastores como padres apontam o perigo de não saber ler, logo que eles próprios atingem uma bom nível de escolarização. Os pastores não distinguem nisso o mundo católico-romano do seu próprio mundo. Regra geral dizem que o conhecimento é o instrumento certo para a salvação das crianças. É o dever dos pais cuidar que os seus filhos lhe têm acesso. Claudius continua: "George Swinnock escreveu há uma dezena de anos em *The Christian man's calling*: '*Como podem saber da vontade de Deus se não sabem ler?*' E Richard Baxter hoje, diz com ainda mais clareza: '*Se já era bom ouvir a palavra de Deus, ainda melhor é de a ler*'. Contudo, não se pode dizer que todos os pastores ou puritanos defendem o ensino da leitura sem reservas. Ler sim, mas mais vale manter controlo sobre o que se lê. Os padres católicos estão ainda mais divididos. Não no aspecto de considerar o dever dos pais de educar os seus filhos 'na verdadeira fé' mas sim no que se refere à necessidade de aprender a ler. Por

norma dão importância ao ensino, mas sobretudo do moral e da doutrina.”
“Trata-se mesmo de uma continuada luta entre quem quer generalizar conhecimento e ciência e quem quer manter privilégios e propriedade?” pergunta Pieter.
“É o caso, embora com muitas nuances. Desde tempos imemoriais, o poder turva a visão de muita gente. Até hoje as histórias que fazem a História consistem sobretudo de façanhas no campo de batalha e de episódios de guerra dos vencedores e as suas armadas.”
“Devem então o anatomista, o botânico, o astrónomo, apresentar a natureza como um inimigo e contar histórias em que ‘vencem’ a natureza, em vez de explicar o seu raciocínio como fazem os filósofos?”
“Isto seria provavelmente uma catástrofe. Muitos dos povos com os quais armadas, aventureiros e missionários europeus contactaram e contactam, relacionam-se com a natureza, de modo diferente do que na base de ânsia de propriedade.”
“Natureza, Deus… Não é o modo como os Europeus divulgam a palavra de Deus exatamente a vontade de Deus?”
“Pode ser a vontade de Deus que a sua palavra seja espalhada com armas e castigos corporais? Podemos acreditar que é vontade de um Deus universal que um Rei local tome posse de territórios e povos, matando ou cativando outros Reis locais, em Seu nome?” interroga-se Heinrich.
“Outros interesses jogam aqui, meu ingénuo amigo. Mesmo em tempos de guerra, ou talvez sobretudo em tempos de guerra, o ponto de vista comercial está sempre presente. Olha

para o que aconteceu com a falida *Geoctroyeerde West-Indische Compagnie* na República das Sete Províncias Reunidas. Foi desmantelada, como convém quando um grupo perde todo o dinheiro. Mas no mesmo ano foi re-estabelecida. As patentes são menos, mas a Companhia continua a ter o monopólio do lucrativo transporte de escravos. Eu não consigo conceber onde está a vontade de um Deus universal na comercialização de humanos como se fossem animais. Só pela vontade do homem que se afirma poderoso é que o ato é justificado. Só pela vontade do homem todo poderoso é que o ato esgueirou-se nas Sagradas Escrituras", responde Claudius.
"Mas isto significaria que até a vontade de Deus seria afetada pela sede pelo poder", disse Pieter indignado.
"O que nos reconduz para a nossa conversa acerca da importância da escola, da escolarização e da liberdade de pensamento. Pieter, convinha falares com o teu pai acerca de Comenius de quem me dizes que ele o conheceu pessoalmente. Pergunta o teu pai também tudo que te pode disponibilizar acerca do trabalho de Démia. E Heinrich informou-me que a biblioteca da tua família de tipógrafos inclui escritos de François de La Mothe. Não te vai faltar leitura, quando voltarás para casa."

Aproximadamente dois anos depois desta conversa, Pieter passa, como já tinha feito antes, um curto período em casa dos seus pais. Hildegarde atualiza-o sobre o que as correspondentes dela informaram. Sabe de Anna Maria Van Schurman que Jean de Labadie morreu e que a comuna procura novo local para ficar. De Leopoldo recebeu há pouco tempo um exemplar de um

livro acerca da metamorfose das borboletas, maravilhosamente ilustrado. O trabalho foi editado em Neurenberg por um colega de Leopold e é da mão da esposa, Maria Sibylla Merian.
"Imagina a coincidência", diz Hildegarde, "no ano em que o teu pai visitou a primeira vez os primos, aqui em Frankfurt, Maria Sibylla nasceu escassos pés de onde estavam."
Hildegarde entusiasmou-se muito e contactou Maria Sibylla para falar do trabalho de Johannes Goedaert. Ela observa que o livro de Maria é mais notável, não só porque ela ilustra toda a metamorfose, mas também porque o ciclo inteiro é colocado em contexto: as plantas de que os animais se servem. Ela mostra Pieter a resposta que recebeu de Maria Sibylla que fala da surpresa que sentiu quando se realizou que Aristoteles estava errado acerca da gestação espontânea desses animais a partir da lama e da sujidade. Ela observou com os próprios olhos e desenhou a postura dos ovos. Até conseguiu criar lagartas saídas dos ovos postos por borboletas. No seu *Neues Blumenbuch*, que ela designa como livro de estudo, não só os pequenos animais, mas também as plantas são desenhadas com grande pormenor. Os desenhos servem de padrão para bordados.
Hildegarde teve também notícias de Elisabeth de Palts. Hoje, ela é abadessa da Abadia de Herford. Continua a ter muita correspondência com outras mulheres, bem como com filósofos e físicos da natureza que dizem apreciar o seu conhecimento e a sua inteligência.
Pieter procura convencer a mãe para terminar o trabalho de compilação acerca das mulheres na história das ideias e da

ciência.

Wolfgang fica entusiasmado com o interesse que Pieter mostra pela atividade de mestre de crianças e jovens e pela formação dos mestres-escolas que deveria favorecer a qualidade das pequenas escolas. Ele questiona Pieter continuadamente acerca do professor e amigo Claudius Cardinalis. É com muito agrado que disponibiliza os textos de que Claudius falou. Pieter admira-se que na biblioteca do pai existem tantos textos muito recentes. Wolfgang responde sorridente que é uma das vantagens da sociedade que mantém com Leopold, Martin e Johannes, agora que o velho tio parou por completo. Devido ao objetivo da sociedade, dedicam bastante tempo e dinheiro na pesquisa de publicações recentes candidatas à tradução. Dispõem de uma rede de contactos com colegas da Europa e de fora da Europa. A título de exemplo, ele mostra a resposta que Spinoza escreveu há dois meses a uma carta do franciscano Albert Burgh, onde este aponta o que considera serem desvios racionalistas e a descrença em Cristo. Na resposta o filósofo, entre outros argumentos, escreve que só utilizando a razão se pode demonstrar quão inverosímil soa que, segundo a fé católica-cristã, pessoas que foram enganadas pelo diabo seriam condenados para a eternidade, enquanto o diabo vai livre. Durante o almoço leve, que segue uma das conversas de biblioteca entre pai e filho, toda a família é servida de café. Apesar de continuar a ser um produto relativamente caro, Wolfgang e Hildegarde, nunca mais largaram o café, desde que o experimentaram na *Huis der Hoofden*. À mesa Leopold conta que ouviu que em *Belgium*

Regia a bebida foi servida oficialmente no castelo de Freyr, na ocasião da assinatura de um tratado entre Luís XIV e Carlos II de Espanha.

Pieter volta para Köln, pouco depois de fazer 20 anos. Heinrich ajuda-o para encontrar uma habitação. A sua integração oficial na vida intelectual de Köln faz com que regularmente tem visitas em casa. Obviamente, um visitante de toda hora é Claudius Cardinalis, que um dia, traz a sua protegida, para a apresentar a Pieter. Henriette Waldbaum tem mais seis anos do que Pieter. Assim que a ouve, Pieter está pendurado aos lábios dela. Aquela noite Henriette e Pieter partilham sobretudo pontos vista em como crianças podem ser levadas ao conhecimento e à ciência, enquanto, habilmente, Claudius vai introduzindo elementos na discussão.
Um mês mais tarde, Henriette e Pieter anunciam o casamento, o que não estranha os amigos. E alguns dias depois do casamento, Pieter e Henriette, encantados, anunciam a Claudius que um bebé está em caminho.
A gravidez de Henriette não altera em nada o habito de receber visitas em casa. Frequentemente Claudius e Heinrich ficam a fazer sarau à quatro, depois de uma tertúlia mais alargada.
Numa daquelas noites em que ficam a conversar, Pieter pergunta: "A verdade é aquilo que não foi esquecido? A verdade é aquilo que escapa ao esquecimento?"
"Ou a verdade é conhecimento e ciência, ou seja, a realidade?" pergunta Henriette.
"A verdade pode também ser aquilo que não ficou oculto", diz

Pieter.
“Claro que algo oculto pode mais tarde sempre ser desvendado pela ciência e o conhecimento”, observa Heinrich.
“Então verdade pode se tornar inverdade. Como com as borboletas de Maria Sibylla” constata Pieter.
“O que queres dizer com isso?”
“Primeiro a verdade parecia ser que lagartas e vermes se formavam de lama, terra e sujidade. E agora a verdade parece ser que esses pequenos vermes surgem de sementes ou ovos de borboletas e outros pequenos animais sem sangue”, esclarece Pieter.
“Argumentas então que a verdade decorre do conhecimento e da ciência. Algo não é oculto ou já não é oculto e portanto torna-se a verdade. Para quanto tempo?” pergunta Heinrich. “Enquanto não é esquecida?”
“Mas inverdades não são necessariamente esquecidas. A afirmação de Aristóteles que larvas e vermes se formam de lama e sujidade é uma inverdade segundo os metamorfistas de hoje, mas não foi esquecida. As duas afirmações são verdadeiras? Pode na natureza algo ser verdade para determinadas pessoas e inverdade para outras pessoas?” provoca Henriette.
“Para os antigos Gregos era aparentemente fácil. Alethea, deusa daquilo que é revelado, é por extensão a deusa da verdade. Mas algo só é revelado quando é visto e quando aceitamos que pode ter sido mal visto.” Com esta observação Claudius entra na conversa.
“O que queres dizer com isso, Claudius?”

“Estou a me lembrar de um pensamento que Galileu anotou, há mais de oitenta anos. Ele escreveu então ‘*muitos irão, depois de ter lido o meu trabalho, não procurar saber se o que digo é verdade mas somente procurar como, certo ou errado, podem minar os meus argumentos*’.”
“Sabem o respeito e a consideração que tenho para Comenius. Ele considera que a escola é o lugar de encontro entre a matética, a ciência de aprender, e a didática, a ciência do ensinar. Contudo, no seu trabalho fala sobretudo da ciência do ensinar. Não consegue, com a sabedoria que tem, desocultar mais a ciência de aprender?” retoma Pieter.
“Penso que percebo o que queres dizer. Quando Comenius diz que não é possível instruir a criança quando ainda é demasiado pequena, como também não é um bom conselho de instruir a pessoa adulta ou idosa, então fala da ciência de ensinar, não de aprender. Mas depois diz que o início da formação da pessoa deve começar durante a sua primavera, durante os anos em que é criança”, diz Henriette.
“E ao meu ver um argumento deste tipo esconde a realidade da ciência de aprender, sendo mais um argumento para tornar verdade o ponto de vista sobre a ciência do ensinar.”
“E ficas apreensivo relativo à *Didactica Opera Magna*?”
“Fico apreensivo relativo a muito daquilo que leio.”
“Também quando lês Descartes? *Res Cogitans* é sobretudo o resultado da disciplinarização educativa do aluno? Isto faria da escola uma espécie de “estaleiro de pessoas” o que me parece excessivamente determinista”, diz Claudius.
“E aprender a raciocinar é mais um processo de observação,

uma experimentação do que um processo determinado por regras? É isso que estás a dizer?" interroga Henriette.

"Um processo de observação é um processo de tomar decisões, mas no sentido que Claudius deu de Galileu. Sabes tão bem como eu que Comenius advoga o sistema de Ptolemeu em *Orbis Sensualium Pictus*. Ele recorre às representações feitas por Tycho Brahe, publicadas em 1588. Considero plausível que Comenius em relação a isso tenha falado com Picard, que viajou bastante pela Europa depois do ano de 1550."

"É possível de pensar um *Orbis Pictus* no qual os diferentes pontos de vista são postos lado ao lado? Não ***ou-ou***, mas ***e-e***, como um estímulo para continuar a procurar respostas. Provavelmente, não teria sido muito do agrado de Comenius, como alias da maioria dos bispos seja de qual for a sua assinatura cristã." Ao dizer isso, a Henriette manda um olhar atrevido para Claudius.

"Sim, e não só bispos", responde Claudius retribuindo o olhar a Henriette. "Pensem nas tomadas de posição de Voetius, por exemplo. Ele dizia ser incapaz de aceitar inovações na filosofia e na física natural que, ao seu ver levava para o ateísmo. Ele também rejeitava qualquer ensinamento que considera que a terra gira em torno do sol. Contestava René Descartes porque este rejeitava Aristóteles. Ainda na hora da morte, contestava também Espinoza e os seus seguidores, e não unicamente porque o seu entendimento de Deus divergia do deles."

"Penso que voltaremos frequentemente a esta conversa, meu querido", diz Henriette ao Pieter. "E penso que provavelmente teremos que clarificar nós próprios a relação entre didática e

matética, mas também a natureza da escolástica e da dialéctica que vejo como oponentes."

***

O imperador Leopold reconhece em 1677 a *Academia Naturae Curiosorum*. Agora é às vezes referida como '*a Leopoldina*'. O fenómeno Academia Real parece expandir-se.
Dos correspondentes de Amsterdão, Pieter recebe a notícia que Espinoza faleceu em Den Haag. Segundo os seus amigos, há muito que tinha contraído peste branca.
Na primavera do ano seguinte também morre Anne Maria van Schurman. Nos últimos anos vivia em Wieuwerd, no *stins*[1] onde parte da comunidade Labatista se tinha instalado.
Pouco depois nasce o segundo filho de Henriette e Pieter. Por sugestão de Claudius, recebe o nome de John.

Em 1680 Pieter decide mudar o seu nome de Magister para Lesmeister. As conversas acerca do uso da língua vernácula no ensino não são estranhas a esta decisão. Ele explica a sua intenção aos pais e a Henriette que não vêm problemas nesta mudança de nome mas para o qual também não vêm bem qual a utilidade. Mas se Pieter fique mais feliz…
Entretanto Claudius prepara-se para uma ausência prolongada de Köln. Ele foi chamado a Roma. Pouco antes da sua saída, Henriette e Pieter falam com ele acerca da viagem.
"Vai a Roma, portanto?"
"Fui chamado. Há assuntos da igreja na Renânia e territórios

[1] espécie de moinho

adjuntos que merecem a nossa atenção. Penso que é mais sensato raciocinar com a Curia Romana ao vivo do que de utilizar uma correspondência demorada e propícia a muita má interpretação."
"Mas não está a fazer muita falta aqui também? Muitos padres e mestres de aula cultivam ainda a ignorância. E as suas palestras são muito apreciadas. Cláudio dispõe da autoridade necessária e a sua abordagem amigável faz com que as pessoas passam mesmo a pensar acerca da função que exercem."
"Os meus caros e estimados amigos. Tenho que aproveitar o momento em que temos um piedoso Papa com um sóbrio estilo de vida para falar de escola e educação. De Innocentius XI existe a imagem de quem vive uma vida pura, sem pompa e circunstância. Mas, estranhamente, devido a este estilo de vida não só vive longe do povo, como coloca em perigo uma pessoa como o seu amigo Miguel de Molinos. O misticismo à parte, acerca do qual se pode manifestar alguma apreensão, a bondade e gentileza de Molinos contrastem fortemente com a arrogância daqueles que prefeririam condená-lo como herege. Os jesuítas parecem estar a fazer tudo que podem para denegrir a figura de Miguel de Molinos. Simultaneamente desenvolvem, com a casuística, um estilo de argumentação com o qual é possível deixar de lado toda a moral cristão, desde que se é suficientemente arrogante. Vejo tudo isso como sinais para um cada vez maior fosso entre a escola para os pobres e a escola para os abastados e nobres."
"Mas a grande diferença entre a escola do saber e a escola da instrução moral para a obediência não se vê só no mundo

católico-cristão", arrisca Henriette.
"Não. Temos suficientes exemplos que quem quer influenciar o povo e o forçar à obrigação, mistura frequentemente poder secular com poder espiritual. Vemo-lo quando um Príncipe impõe a Igreja Reformada, a Igreja Anglicana ou o Calvinismo. A pequena escola quase sempre limita à leitura de textos escolhidos. Em todos os contextos de poder. Os governantes muçulmanos fazem idêntico. Por um lado vê-se como a astronomia, a matemática, a anatomia e o conhecimento da natureza são abordados nas suas escolas superiores. Por outro lado conhecem a pequena escola de educação moral e para a obrigação, à qual dão o nome de madrassa e que é destinada ao povo em geral. Tal como aqui, a memorização de textos sagrados é frequentemente a única atividade."
"Mas quando seguia as tuas palestras, falavas da elegância do sifr e dos algoritmos, sobretudo quando comparado com as contas penosas feitas no ábaco. E falavas de Gerbert, ou Sylvestre II que estudou no califado de Cordoba."
"O meu caro amigo, isto foi há 600 anos. Certamente, as escolas não eram como hoje. Certamente, a erudição era reservado a uma parte ainda menor da população que hoje, lá e cá. Podemos falar dos sábios e dos eruditos dum Reino ou de uma 'Civilização', mas isto não significa que todo o povo era sábio ou erudita. Mesmo se os líderes de um povo dissessem que é assim, eles próprio sabem que não é. A narrativa da História pode nos assegurar que depois da perda da 'civilização Romana' que se apoiava nos sábios Gregos, foi o governo de Carlos Magno que promoveu um novo período alto para

ciências e arte, mas isto não significa que quem vivia dentro das fronteiras do reino se tornara repentinamente erudita.”

***

Estimado Claudius,

Não nos conhecemos pessoalmente, mas graças ao meu filho Pieter é como se já tivéssemos uma correspondência desde há muitos anos. Deixa-me para já dizer que o modo como dialogas com Pieter e Henriette acerca da formação dos mestres de crianças me agrada muito.

Há pouco tempo, Pieter escreveu-me da vossa conversa acerca da pequena escola. Penso que encontramos um padrão recorrente. Cada vez mais, os pais são quase obrigados a deixar os filhos percorrer a pequena escola, servindo-lhes assim a instrução moral e religiosa correspondendo às regras da zona onde vivem. Reis, clero e patrícios encontraram na escola o instrumento para garantir que os servos, por decreto donos do próprio corpo, por enquanto não se tornem donos do próprio espírito. Se for mesmo essa, a intenção da obrigatoriedade da escola, então a formação de mestres-escolas dotados de ciência e arte, para trabalhar nas pequenas escolas, será um sonho não realizável, assim temo. Grandes mentes, como Erasmo, Descartes e o demasiado novo falecido Pascal, descrevem a importância do raciocínio próprio. É justamente por isso que quem dispõe de poder quer privar o povo da arte do raciocínio?

A escolástica sustenta a pequena escola. Não é permitido o raciocínio que questiona. Apenas é permitido a formulação de perguntas para obter respostas já estabelecidas que foram consideradas dogmaticamente corretas. O próprio Comenius, na

prática, sujeita a matética à interpretação dogmaticamente correta do universo.

O muito fraco conhecimento do saber e da ciência por parte do mestre-escola tem efeitos colaterais perigosas. Certamente aumenta a agressividade relativamente a outros povos. Estou convencido que aprender a ler sem aprender a desenvolver capacidade própria de pensar acerca daquilo que se lê é um pavio num barril de pólvora. E os barrís de pólvora são as edições de impressão barata, como o exemplar de Poor Robins's Character of a Dutchman *que me chegou há pouco tempo e de que junto um exemplar. Pode-se ler aqui:*

'Those who have seen my observations and predictions which I made upon the blazing star of comet that appeared in December 1662, may there find what direful effects I presaged would ensue thereupon, especially to Zealand, Holland and the rest of the United Provinces whose tail tended directly towards them, for such warnings questionings come not in vain; and though we cannot excuse our selves from many and grievous sins, yet such monstrous ingratitude as the Hollanders have shown to the English, such bloody and inhumane butcheries committed by them against us at Amboyna, Pelaroon, and other places in the East Indies, such insolence at sea, and ingratitude by land must needs cry aloud for vengeance.'

Com este texto está dado o mote para pintar todos os habitantes da República com o mesmo pincel. Só pode promover sentimentos de superioridade e de ódio. Segundo o autor não se consegue fazer nada com os proverbiais bêbados holandeses.

‘To persuade a Dutch Man to thankfulness is almost as hard as to dissuade hum from his dearest delight, Brandy. This their so great inebriation doused as I conceive our English Proverb when they see a man sidled to say he is as drunk as a Dutch Man,' *continua o texto.*

De seguida o autor admite que tanto os ingleses como os habitantes das Sete Províncias têm comportamentos estranhos, mas os dos Ingleses são inocentes.

‘English go always to chimney corner even weather is hot; by hearing a clock he ask next to him what is a clock. As the other remains quit, the two do not know. Harmless.

But Dutch! Whatever you say, they forget, the first thing they ask for in the mornings is a Brandy. Dutch is like an otter. He drinks and offers up his devotions to a pickled herring, nineteen arguments to say it is the rarest dish in the world.’

Por fim é tornando claro que não se há de temer nada de pessoas como essas. Tornaram-se tão odiosos que o melhor que se pode fazer é de os combater corajosamente.

‘Dread not those men whose high ingratitude hath justly made them odious to all sorts of people who have but the least pretensions to honesty. Go on bravely, fight valiantly and never fear but to com off victoriously.’

Este tipo de imprensa barata que chega mais depressa às mãos de quem tiver poucos recursos financeiras do que as grandes obras filosóficas e cientificas, só pode ter consequências perigosas para quem não aprendeu a pensar acerca daquilo que lê e pouco ou nada viaja. Lembro-me as palavras de Descartes que viajar é como falar com quem é de outro século. Que é bom de saber um

pouco acerca dos costumes e da moral dos outros, para podermos fazer um melhor juízo dos nossos próprios costumes. Que é bom de não pensar que tudo que difere dos nossos hábitos seja ridículo, que é como normalmente alguém faz que nunca viu algo de diferente. Obviamente também recorda as palavras de François de la Mothe Le Vayer, quando trata o Sens Commun. *Temo que* Omnes Omnia Omnino *não resulta, se mestres-escolas não recebem uma formação para que possam evitar o pensamento estreito. E quem, caro Claudius, estará interessado para assegurar uma formação deste tipo. Não os jesuítas, parece-me. Mas quem, então? De momento, não estou a ver ninguém. Terei o maior prazer de te ouvir a este respeito. Sabe que em Frankfurt terás sempre uma cama a tua disposição na nossa habitação.*
Todo teu, Wolfgang Magister.

Nos anos seguintes, pouco há para contar acerca de Wolfgang, Hildegarde, Pieter e Henriette. As duas famílias ocupam-se com a pesquisa, a escrita e o ensino. Através de Wolfgang, Pieter é informado por Martin Scharff que nesta cidade a escola é agora obrigatória. Wolfgang junta um comentário que este tipo de escolaridade obrigatória é para ele uma confirmação da vontade dos governantes para obrigar todos os súbditos à moral oficial e à orientação religiosa imposta.

O inverno de 1683-1684 é, desde que há memória, o mais frio da Europa. O *Central England Temperature* registado desde

1658 mostra pela primeira vez para todo o inverno uma temperatura media abaixo do ponto de congelação da água.
Já seis semanas antes do natal começam a gelar todos os grandes rios e algumas semanas nenhum é navegável. Em janeiro, o Tamisa está completamente gelado, para atingir em meados de fevereiro uma espessura de gelo de 11 polegadas. Em Antuérpia o Escalda está sem água aberta. O Reno congelou. No dia 2 de janeiro, toda a costa de *Belgium Regia* está congelada duas milhas mar adentro. De Bruxelas chega a notícia que se fechou o comercio quando as pessoas começaram a cair mortes na rua devido ao frio.

No dia 6 de fevereiro de 1685 Jaime II é Rei da Inglaterra. Encaminha para uma monarquia absoluta, inspirando-se no primo Luís XIV de França. Tal como o primo, é católico-romano. Este deixo-se aconselhar de acabar com a relativa tolerância com os cristãos não católicos. Acaba de assinar o edito de Fonteainebleau que revoga o edito de Nantes. Não só os Huguenotes se tornem *persona non grata.* Exerce-se pressão sobre os jansenistas, e todos os grupos que não seguem com exatidão o Rei e a sua corte, para que entrem na linha. Enganou-se quem esperou com esta atitude um melhor entendimento entre o Rei e o Papa Innocentius XI. Entretanto, a emigração em massa dos visados não favorece a economia, a arte, a ciência e a cultura.
Entre os muitos exilados encontra-se Pierre Bayle, o filósofo que preconiza a tolerância religiosa. Não só porque defende os ateístas virtuosos, mas também porque advoga uma certa separação do Estado e da Igreja, ele é demitido como

professor. Apesar de não questionar o absolutismo propriamente dito, considera que toda pessoa possa ser fiel e bom súbdito, independentemente da religião que abraça. Ele é considerado uma ameaça para a autoridade. Foge e instala-se em Roterdão.

Entretanto, na Inglaterra, Jaime não permanece no poder durante muito tempo. Três anos depois da coroação, o seu genro Guilherme III de Nassau invade a Inglaterra. O invasor afasta o sogro e começa a governar o país, assistido pela mulher, Maria Stuart. Pouco depois, Guilherme e Maria não são só rei e rainha da Inglaterra, mas também da Escócia e da Irlanda. Comerciantes e banqueiros seguem. Deixam a República para se instalar em Londres.
No sudeste e nordeste da Europa algumas casas reais católicas agrupam-se a partir de 1684, reunindo na Liga Santa as suas armadas. Iniciam a guerra com o Império Otomano. O tratado de Karlowitz terminará esta guerra. O Império Otomano perde protagonismo, diz-se mais devido à incompetência dos seus governantes do que à competência de quem lidera a Liga.

O *Congregatio Romanae et Universalis Inquisitionis* emite em 1686 uma forte condenação do comércio transatlântico de escravos. É o resultado da impressão que causou o testemunho de Lourenço da Silva de Mendonça. Este neto do rei Ngola Hari do Reino de Ndongo foi deportado para o Brasil pelos portugueses em 1671 como represália quando o seu pai decidiu terminar a vassalagem em relação a Portugal. Com a ajuda dos missionários Capuchos, Lourenço convence os

cardeais do caráter inumano da escravatura que não termina com a conversão ao catolicismo, como os portugueses fazem transparecer.
Wolfgang e Pieter recebem estas informações de Claudius Cardinalis. Claudius acrescenta que a Igreja tem pouca influência direta sobre os comerciantes e exploradores de escravos espanhóis e portugueses e ainda menos sobre os que trabalham a partir da Inglaterra e da República. Apesar deste reparo, pai e filho entusiasmam-se. Wolfgang diz numa carta ao seu filho ver nisso o sinal que o espírito de Deus parece novamente vaguear na casa que alguns habitantes da Terra lhe ofereceram.
Na mesma carta Wolfgang exprime a sua satisfação acerca dos desenvolvimentos no mundo da ciência. A academia germânica sob proteção de Leopoldo passa a ser *Sacri Romani Imperii Academia Caesareo-Leopoldina Naturae Curiosorum* e abrange agora todo o Império.
Em Londres surge um trabalho original e inovador. Isaac Newton publica *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica,* livro no qual também inclui a prova para a Teoria da Gravidade de que o cientista começou a falar há quase duas décadas. Wolfgang observa que Newton conseguiu ver mais longe do que Galileu. Afinal este tinha afirmado, no seu trabalho *De Motu Antiquiora,* que não entendia porque um corpo em queda sofre aceleração. Talvez, pensa Wolfgang, Galileu nem aceitaria a explicação matemática de Newton. Este mostra que existe um princípio geral que os corpos caem uns para os outros na proporção do seu peso e na proporção inversa do quadrado da

distância que os separa. Provavelmente Galileu teria rejeitado esta argumentação por lhe lembrar demasiado a ideia de forças ocultas, algo pela qual tinha grande aversão.

Conversas à volta da mesa

"Nunca vi John tanto tempo sentado à mesa como na última semana", ri Henriette.
"Mas mãe, nunca nos contaram histórias tão excitantes, como as que agora contam aqui, em casa do avô e da avó", repara o rapaz. "Tiveram muitas aventuras e encontraram pessoas interessantes." Acrescenta logo: "Sinto-me muito honrado que entretanto já pude ficar sentado toda a semana frente a uma dessas pessoas interessantes."
Claudius, Pieter e Henriette dão uma gargalhada.
"Tens encanto, meu jovem amigo", diz Claudius.
"Não pode cada jovem ter encanto?", pergunta Pieter. "Não depende o desenvolvimento das crianças do exemplo dos adultos que os circundam?"
"Portanto", troça Henriette, "John tem encanto porque tu ou eu temos encanto."
Hildegarde ri. "O que aprendi com Wolfgang é que muito que os jovens têm dentro de si resulta de facto daquilo que vivem no seu ambiente imediato."
"Significaria que crianças da aldeia e dos pobres da cidade são vistas de modo depreciativo pelas crianças dos ricos, só porque os seus pais são tratados de modo depreciativo por quem tem poder sobre eles?" pergunta Pieter. "É quase um argumento de predestinação. Só falta a aprovação divina."

“A predestinação é um conceito perigoso, abusado facilmente por quem sente aversão às pessoas”, considera Claudius. “Felizmente nem todos olham de modo depreciativo para as crianças da população pobre. Mas frequentemente tem se um olhar seletivo. Nas classes ditas inferiores surgem pessoas notáveis. Pensem um momento naquele filósofo da natureza Isaac Newton. Pelo que se sabe, é filho de lavrador de uma pequena aldeia.”
“Mesmo assim de pais algo abastados”, refuta Wolfgang. “Não é filho de pobres servos que mal conseguem não morrer de fome.”
“Queria voltar um momento à predestinação”, diz Henriette. “Pieter e eu seguimos com atenção o que se passa na zona sul da França, desde que Claudius partilhou connosco as ideias de Charles Démia, que morreu o ano passado. Hoje existem em Lyon dezasseis escolas de caridade para rapazes ou raparigas. Os Lazaristas e os Irmãos das Escolas Cristãs multiplicam estes escolas para as famílias mais pobres de outras cidades. A primeira vista parece coisa boa levar os pobres à leitura. Mas nessas escolas, que podem só estar abertas aos domin-gos, muitas vezes só há educação moral e religião católica.”
“E isto é diferente em regiões onde a igreja católica não é seguida?” pergunta Hildegarde.
“Desde Hus, mas sobretudo desde Lutero, existe aquele ideia que foram os reformadores a incentivar as pessoas à leitura”, responde Claudius. “No meu ponto de vista essa atitude não foi universal entre reformadores. A orientação religiosa pode ter tido um papel, mas vê-se em todo lado que, mais do que o

contexto religioso, a descendência da criança define o ensino que irá receber. Nisso a família tem importância, mas também a tem o modo como nobreza e clero olham para o povo comum. Privilegiados em riqueza e descendência separam-se dos pobres. E a religião tem pouca influência nisso."
Wolfgang observa: "De qualquer forma, tudo que é ensinado na pequena escola em *Belgium Fœderatum* é definido pela igreja. Onde existiam escolas já era assim, quando toda a região era católica. Um padre ou um sacristão dava aulas de religião e iniciava as crianças nas letras, muito eventualmente na escrita. Nas Províncias onde a reforma se implementou, manteve-se as escolas e criaram-se mais. O conteúdo das aulas de religião mudou. Chegaram novos pequenos livros de escola e os mestres católicos são substituídos por mestres '*da verdadeira religião*'. Há zonas onde levou tempo, como em Utrecht por exemplo, mas também aí todas escolas são reformadas desde há meio século."
"O pai contou-me em tempos que durante as suas viagens viu grandes diferenças em possibilidades de ensino para as crianças e os jovens, não só devido à descendência mas também e simplesmente devido ao sítio onde nascem. Como é no mundo que, nós que estamos aqui na mesa, nunca visitámos? Sabemos como aí crianças e jovens são tratados?" pergunta Pieter.
"Há aquela ideia que uma criança que nasce ainda tem que aprender tudo. Oiço isso, vindo de muitos locais", diz Claudius. "Alguns dizem que o jogo faz aprender as crianças, tal como cachorros e gatinhos aprendem a caçar a presa brincando.

Outros dizem que é uma questão de imprimir o sentido no ser que, ainda pequeno, já contém tudo para quando será adulto. Mas por vezes oiço vozes que crianças têm um modo próprio de pensar e que por isso só deixar a impressão não chega."
"Mas todos fomos criança. Se tivéssemos um modo próprio de pensar enquanto criança, lembrávamos-nos disso", considera Hildegarde.
Claudius diz: "Para Descartes trata-se de uma fratura. Primeiro és criança. Tornas-te ser humano quando podes romper com os teus erros infantis, mal-interpretações e preconceitos. Vendo as coisas assim, a necessidade de educação moral e religiosa é lógica, mesmo por quem declara Descartes herege. A arrogância dogmática pode ter como único fim de substituir o preconceito infantil por um obrigatório preconceito de grupo. A escola dos pobres serve este fim. Para Comenius, o estado infantil é a verdade do ser humano. Vamos passar a ser humanos, diz, quando reconquistamos a pureza e a inocência da própria existência. Conseguimo-lo através da nossa libertação do mundo escuro da ignorância e da barbaridade. Se utilizamos este ponto de vista, então a divisão entre escolas para pobres e para ricos está errada. Só precisamos de uma escola que nos livra da ignorância e da barbaridade."
"Há menos de um século, Pierre de Bérulle disse que, depois da morte, a infância era o estado da natureza humano mais vil e desprezível", repara Wolfgang. "Por outro lado Comenius afirma que não há nada superior e mais adorável do que a criança, pois, não obstante o pecado original, ela é a imagem não distorcida de Deus."

"É uma pena que Pelagius não tenha sobrevivido a Augustinus. Teria significado provavelmente uma história muito diferente para as crianças. Mas também teria manchado a ideia da figura paternal e portanto toda a ideia da hierarquia no poder secular e no poder espiritual", considera Claudius.
"Podes explicar melhor?" pergunta Pieter.
"É arrogância do adulto de pôr o fardo do pecado original nas crianças. Até Comenius o faz. Pelagius foi, há mais de mil anos um monge erudito e respeitado, que considerava que o Homem tem livre arbitro completo. Algures na viragem do século três para quatro escreveu que não existe pecado original: as crianças nascem tão inocentes como Adão no paraíso. A partir do nascimento, o bom é premiado e o mal é punido. Significa que a única obrigação do ser humano é de viver uma vida virtuosa. E Deus ajuda os humanos, porque ofereceu a Lei no Velho Testamento e o exemplo de Jesus no Novo Testamento. Pelagius era então considerado a voz da igreja. Mas quando apontou as alterações no pensamento de Augustinus ao longo do tempo, recorrendo aos próprios escritos dele, foi praticamente condenado por heresia. O modo como Augustinus é hoje pilar, não só para a igreja católica, mas para praticamente todas as correntes cristãs, faz-nos refletir acerca do desejo colectivo dos adultos para abafar a criança em nos e a privar da palavra."
"Posso agora repetir a minha pergunta anterior? O que sabemos da escolarização das crianças de outras partes do mundo", pergunta Pieter.
"Deixa-me ainda dizer isso. Na Europa católica-romana, cada

vez mais, as crianças têm acesso à Pequena Escola. Não significa que são muitas as pessoas que escrevem. Durante a minha estadia em Roma, aprendi que naquela altura, na França, 29 em cada cem homens e 14 em cada cem mulheres assinavam no dia do seu casamento. E só o sabemos de quem fez registo de casamento, claro. O número é bastante mais baixo no Norte da França. Também em Espanha escrevem menos pessoas, e da Inglaterra a informação é parecida. Aí, só agora começam a surgir Pequenas Escolas em maior número, sob influência da Sociedade pela Promoção da Instrução Cristã."

Depois de se levantar da mesa, Henriette e Hildegarde retiram-se na biblioteca. Aproveitam o tempo que estão juntas para comparar as suas correspondências e sistematizar o que em conjunto sabem acerca do papel da mulher na religião e nas ciências. Wolfgang dirige-se à tipografia com o seu neto mais velho, acompanhados de Leopold. Este quer avaliar com Wolfgang o que do trabalho de Newton poderá ser traduzido e editado em alemão. Partem do princípio que não só os sábios têm direito em conhecer as ideias de Newton. Uma pequena edição do essencial, em alemão ou bilingue, poderia ser útil para quem, sabendo ler, domina melhor o vocabulário da sua própria língua do que o vocabulário latim. Agora que a edição de almanaques se mostra tão lucrativa, agrada a Leopold a proposta de Johannes de editar outros pequenos livros, mas com informação mais científica. Afinal, as publicações científicas continuam a se servir principalmente do Latim. Os

pequenos livros na própria língua dirigir-se-iam sobretudo aos leitores de almanaques.

Claudius, Pieter e John instalam-se no jardim do pátio para continuar a conversa acerca da educação das crianças.
"Como é nas colónias? Sabemos mais acerca disso?" pergunta Pieter. Ele sabe que Claudius mantém contactos não só com os seus pares católicos, mas também com alguns bispos não católicos. Circula o rumor que ele também corresponde com filósofos do oriente e até com teólogos do islão. Mas ninguém sabe ao certo se é verdade ou se são só boatos, difundidos por quem muito gostava que *Bispo in partibus infidelium* Claudius Cardinalis seja condenado por heresia…
"Sei ainda pouco acerca da India Ocidental e de Terra Americi. Na India Oriental existe, além da influência Católica mais antiga, agora também a influência de *Belgium Fœderatum* como resultado da expansão da *Verenigde OostIndische Compagnie*. Em todo lado o ensino da religião com a finalidade de evangelização me parece a principal preocupação."
A seguir, Claudius percorre a sua informação algo escassa. Na Batavia, no início, os Holandeses só dispunham de incapazes mestres de crianças, estragados pela bebida. A tarefa mais importante era de erguer um muro contra as outras religiões e contra as práticas do povo Chinês. O Conselho das Igrejas sabia que havia uma grande falta de livros escolares. Hoje, há, além do grande livro do abecedário, também o catecismo, *de Historiën van Tobias* e muitos pequenos livros de psalmos. Entretanto, um grupo mais selecto de alunos tem acesso a uma Escola Latina, onde se utiliza sobretudo o trabalho de Vossius.

O *Opera Didactica Omnia* também é conhecido.
Formosa teve um início tão duvidoso como Batavia. O governador da zona diz que em geral os mestres de crianças sabem ler, muitos também sabem escrever. Mas até 1650 havia imensas queixas acerca da vida indecente que viviam. Atualmente é exigido uma prova de religião aos mestres-escolas.
Mas pelo que Claudius pude apurar, parece que pouco mudou. Os catequistas locais são acusados de quase tudo, desde embriaguez até fornicação, passando por roubo. Também aqui parece só existir um enquadramento ligeiramente melhor para os privilegiados. A edição de Amsterdão de *Opera Didatica Omnia* é utilizada como referência nas escolas melhores. A Escola Latina de Sinckan refere *Vestibulum* e *Janua Linguarum Reserata* como livros escolares.
Em Ambon, nas ilhas Molucas, a República retomou a estrutura deixada pelos portugueses. Toda a informação vai no mesmo sentido: até o início dos anos 70 não houve nenhuma real alteração na educação religiosa. Segundo a informação do Conselho de Igrejas, os bairros de negros dispõem de mestres-escolas negros muito mal preparados. Uma espécie de inspector foi instalado para fazer a supervisão.
Para as ilhas Banda os governantes tiveram uma política estranha. Primeiro enviaram-se das Províncias europeus com "*práticas indecentes e má moral*" para complementar a população de escravos local. Trinta anos mais tarde, começa-se a enviar algum material escolar, quando há cada vez mais queixas acerca da "ralé" que ai vive.

Na costa do Malabar há uma Pequena Escola de boa qualidade, acoplada a uma espécie de Escola Latina. Esta escola serve em primeiro lugar os filhos dos soldados que aí estão instalados. A escola está igualmente aberta aos *Toepassen*, descendentes de portugueses com a população local, com o intuito de os converter. Pontualmente existem problemas com um ou outro mestre-escola mas hoje a escola tem mais de sessenta crianças.
De Ceilão apareceram primeiro histórias tão entusiastas que até os regentes tiveram dúvidas. Contava-se em 1671 que na região de Colombo 14.000 crianças estavam na escola, enquanto a totalidade da população cristão seria de 20.000 indivíduos. Na região Tamil estes números pareciam ainda mas elevados. Fez observar alguém que provavelmente as pessoas eram baptizadas mal conheciam o 'Pai Nosso'. Contudo, os números do Conselho de Igrejas comprovam a existência de 3800 alunos. No entanto, os primeiros números tão optimistas garantiram o sucesso de esforços para aí instalar uma Escola Latina para as crianças pobres e os órfãos neerlandeses mas também para algumas crianças do próprio Ceilão. Os dois livros principais são uma versão ricamente ilustrada de *Janua Linguarum Reserata* com a tradução neerlandesa *Ontsloote deure der taalen,* e o *Januae Linguarum Vestibulum,* ambos de Comenius, claro.

E depois há o ponto sul da Africa. A Companhia das Índias encontra os Khoikhoi, que na República receberam o nome de *Hottentot*. Trata-se de um povo de criadores de gado. Muitos

entre eles tornam-se funcionários da Companhia ou de proprietários de estábulos.
A informação de Claudius relativo aos *Heren Zeventien*[1] fá-lo dizer que têm a típica atitude de Pôncio Pilatos. A população local não pode ser levada a escravatura, mas podem ser importados escravos de outros locais. Em 1658, Pieter van Stael abre uma escola para as crianças desses escravos. Rapidamente as crianças dos Khoi são igualmente admitidas e a partir de 1663 a escola abra-se inclusivamente à população branca. Ensina-se religião e a língua neerlandesa com a qual foi escrita a Bíblia Estadual. Quando Emestus Black sucede a Van Stael, rapidamente surgem mudanças. Os pais brancos mais ricos são obrigados a pagar uma taxa escolar. Crianças de escravos e crianças indígenas não pagam taxa. Resulta daí que a partir de 1685 as crianças de escravos vão para outra escola, seja de rapazes, seja de raparigas. Pouco tempo depois do relato de hoje, Claudius ira aprender que existe agora no Cabo também uma escola criada pela viúva Aagje Keyser, destinada exclusivamente a crianças de menos de sete anos.

"Em geral", termina Claudius o panorama de que dispõe, "a oferta escolar na India Oriental só é regulamentada desde uns cinco anos. As escolas devem agora dispor de uma licença emitida pela edilidade. Os mestres-escolas passam por um exame do Conselho de Igrejas: têm que saber ler, escrever com clareza, cantar os psalmos e saber fazer contas com alguma facilidade. As escolas devem receber uma inspeção todos os

[1] Os 17 governadores da companhia das índias orientais.

seis meses. As aulas têm que ser dadas em neerlandês. Por norma, os livros escolares são os abecedários, *Letterconsten*, *Kort Begrip*[1] e o catecismo de Heidelberg.

"Só falaste dos escravos quando falaste do Cabo", diz Pieter. "Sabes mais acerca do ensino aos escravos?"

"Sei pouco, e trata-se de informação indireta. Chegou ao meu conhecimento que o Conselho de Igrejas declara que a separação das crianças de escravos de outras crianças, em outros territórios controlados pela República, já era prática dos portugueses. Já em 1625 havia uma escola separada para crianças escravas de Malabar, ensinadas por Marigno Francisco. Segundo o escritor de serviço, tratava-se de crianças de não-cristãos que não mantinham laços de família estritos. Os mestres-escolas negros e de expressão portuguesa ganhavam normalmente um quinto do que ganhavam os mestres-escolas brancos. Em Batavia, o Conselho das Igrejas toma ele próprio a iniciativa da edificação de escolas separadas para os servos da companhia e para escravos doentes. Só são dadas aulas de religião. Três manhãs por semana são dedicadas ao aprender a recitar orações e à catequese. O *Haneboek* e *Kort Begrip* de Faukelius são os livros utilizados para o efeito. Do último até existe uma tradução em português especialmente para os escravos e servos. Outro livro popular é *De Historie van den ouden Tobias, ende van zijnen Sone den Jonghen Tobias, vol schone leeringen*[2]. E de momento mais não

---

[1] Literalmente *A arte das Letras* e *Sabedoria concisa*

[2] A história do velho Tobias e do seu filho, o jovem Tobias, cheio de bonitos ensinamentos.

sei”, termina Claudius.
Levantam-se os três e saem pelo portão, para um curto passeio pela cidade, antes de voltar para o jantar.

***

“*Alcachofra-de-Jerusalém* ou *papas peruanorum?*” *p*ergunta Hildegarde depois de a travessa com carne ter feito a volta a mesa. Todos os comensais querem provar de ambos os tubérculos. Entusiasmam se com a alcachofra-de-Jerusalém. As papas têm menos sabor, mas consegue-se embebê-los no molho da carne, melhor do que o mais duro pão de centeio.
“Acham que tubérculos com estes nomes alguma vez se vão tornar popular?” brinca John.
“Já há quem diz *bataat*”, responde Claudius.
“Os espanhóis em Roma costumam fala de *batata* e esta palavra é facilmente retomada em outras línguas. Mas quando em Roma pedes para receber batata no prato, nunca sabes se vais receber a versão doce ou a versão sem sabor”, acrescenta.
“Mas é fácil de ver a diferença. O tubérculo doce tem uma cor amarela escura ou laranja. O outro tubérculo tende mais para o branco ou o branco amarelado”, repara Pieter.
Todos se servem. A conversa estagna por momentos, enquanto Claudius conduz a curta oração de agradecimento. Depois Henriette diz: “Hildegarde e eu passamos a tarde a preparar cartas para Anna Maria Schurman, Elisabeth van Palts e Maria Sibylla Merian. Fomos rever aquela parte de *Opera Didactica Omnia* em que Comenius fala da educação das raparigas. Podemos estar de acordo que, de facto, Ian Amos defende a

escolarização das raparigas que não descendem da nobreza e de meios abastados. Mas a instrução que considera necessário serve em primeiro lugar a função de boa mãe que terão que desempenhar, dando a educação certa até as crianças irem para a Pequena Escola. Procuramos informação que mostra a concordância com a atividade intelectual da mulher outra do que no papel de mãe e isto é difícil de encontrar."
"Não será fácil encontrar no mundo cristão testemunhos que defendem equivalência intelectual entre homem e mulher", pensa Claudius. "Eu sugiro-vos de se documentar um pouco mais acerca da história das beguinas e talvez falar com algumas. Certamente vão se encontrar com artesãs e intelectuais interessantes."
"Mas não torna todo o mundo cristão a mulher dependente do homem", diz Henriette. "As beguinas escapam a essa dependência?"
"Há uma certa ambivalência, como com muitas coisas que fazem recuar os teólogos até a Genesis do Antigo Testamento. Não só entre judeus e cristãos encontras esta ambivalência, ela existe também entre os seguidores do profeta Maomé", responde Claudius.
"La Peyère não demostrou já que havia pessoas antes do Genesis, quando fala de *pre-adamitos*, os tribos que viviam antes de Adão? Não podia ser de outra forma, segundo ele. De onde provinham senão todos aqueles tribos que viviam na India Oriental e na India Ocidental, antes de lá chegarem os colonos? E as mulheres dos filhos de Adão, de onde vinham? Também de Adão? Ou eram irmãs convertidas de Lilith? E as

mulheres dos pre-adamitos? Também só existiam para fazer companhia aos homens?"
"Oho, meu amigo", responde Claudius. "Formulas aqui uma ideia bem mais perigosa que aquela de Comenius acerca da educação e da escola. Mas, apesar do teu escárnio ser venenoso e um pouco superficial, posso dizer-te que concordo que La Peyrère é, mesmo depois de falecer, um indivíduo difícil para qualquer igreja. Para manter universal a queda pelo pecado de todo ser humano, então ele tem que estar relacionada com o pecado original, então todas as pessoas devem descender de Adão. Mas cada vez mais filósofos da natureza estão de acordo com La Peyrère num aspecto: a história dos humanos é mais antiga do que se pode deduzir da Bíblia, contando as gerações até a origem.
"E onde ficamos quanto às mulheres?" pergunta Hildegarde.
"Penso que opõe-se à vontade de Deus, a palavra do homem", suspira Claudius. "De momento estou a juntar tudo que consigo encontrar dos escritos do filósofo *Zera* ou *Zara* Yacob de Abissínia. Considero que ele tem uma visão muito interessante acerca da fé e da religião. O mode de escrever de Yacob acerca da mulher diverge de outros teólogos e filósofos cristãos. Ele considera a mulher uma parceira intelectual do filósofo. Da sua própria parceira, Hirut, ele escreve que fisicamente não é particularmente bonita, mas que é uma boa pessoa, inteligente e paciente. Ele valoriza a inteligência dela e valoriza-se a si próprio através dela."
"Posso interpretar o teu suspiro", pergunta Henriette. "Penso que tens razão quando dizes que são os homens que afastam

as mulheres, e não Deus. Ouvi de um dos nossos correspondentes ingleses que na Inglaterra apesar de uma rapariga ter o direito de se inscrever no *Grammar School*, muitas escolas recusam de de as aceitar. E falamos de poucas pessoas. Em Rivington, que as aceita, estudavam 13 raparigas em 1681. Mas isto também tem a ver com o facto que os pais consideram que o ensino misto coloca em perigo a castidade das suas filhas. Com a castidade dos seus filhos não existe tanto esta preocupação. Há cem anos, não se via problemas na convivência entre rapazes e raparigas, embora sempre houve mestres que se opuseram contra o ensino misto. E os colegas de ofício franceses do nosso querido e crítico amigo aqui, levam, em nome da moral, uma luta aberta contra o ensino misto na Pequena Escola. Em concreto significa quase sempre a expulsão das meninas da Pequena Escola, uma vez que em muitos lugares não existe uma escola feminina."
"Daí que nos parece acertado o teu conselho para falar com beguinas", conclui Hildegarde, olhando para Claudius.

Quando Claudius era criança, o irmão mais velho costumava ser preparado para a vida secular e a gestão das propriedades e das terras que passariam todas para a sua mão. Para o irmão mais novo ficava a incumbência de procurar subir o mais alto que podia na hierarquia da igreja. Depois da primeira carta que Wolfgang trocou com Claudius, o primeiro lembrou-se do pequeno Claus que tinha visto curvado sobre uma gramática latina difícil, na *Escola Latina*. Claus optou definitivamente pelo nome de Claudius Cardinalis quando foi ordenado *Bispo in partibus infidelium*. Sob este nome viveu e estudou quase

dez anos em Roma. Pode-se considerar talvez irónico ser exatamente a sua ordenação como bispo na igreja romana que o levou a gradualmente se afastar dessa mesma igreja. Afinal, a ordenação deu-lhe mais possibilidades de leitura e de fazer viagens. Claudius costuma dizer que Roma é o lugar de eleição para contactar com ideias perigosas. Além da ideia de Coménius, há muitas outras. É provavelmente a razão pela qual atualmente ele também cultiva ideias perigosas. Não consegue evitar referir-se cada vez mais a ideias de quem é suspeito de heresia pela hierarquia eclesiástica. Tem clara consciência que sempre que vai parar ao trabalho inscrito na lista dos livros proibidos, logo o quer ler. Gradualmente considera a religião um fenómeno local e não universal. Para Claudius, Deus é universal e omnipresente, mas é-lhe impossível imaginar a sua adoração através de uma só igreja universal. A ilusão do serviço universal é a de dirigentes arrogantes que consideram o seu próprio serviço, e portanto a sua própria vivência de Deus como mais importante e - *O! Palavra perigosa* - mais *certa* que a de todos os outros. Claudius pensa que quem circula com este tipo de raciocínio humano arrogante está muito longe do conceito da união na diversidade, típico para o próprio universo e a própria criação.
Claudius leu com muito interesse o livro do pastor Abraham Rogerius *De Open Deure Tot het Verborgen Heydendom Ofte Waerachtigh vertoogh van het Leven ende Zeden, mitsgaders de Religie ende Godsdienst der Bramines op de Cust Chormandel*

ende der Landen daar omtrent[1]. Com este testemunho, Rogerius publicou em 1651, a ética, a moral e a vivência de Deus da população indígena de territórios ocupados primeiro pelos Portugueses e agora pelos Neerlandeses. O livro foi rapidamente traduzido em alemão e em francês. A leitura reforçou o raciocínio de Claudius que, na abordagem do relacionamento entre Deus e o homem, a diversidade só é negada e destruída por pessoas arrogantes, ignorantes ou desonestas, que colocam o próprio poder e o próprio lucro em primeiro lugar.

Claudius considera que o principal mérito de Rogerius é que interagia com os Brâmanes em português, língua que entretanto eles dominavam, e que se limitava mais a ouvir. Até parece uma aplicação prática de um dos mandamentos de Comenius. Claudius encontra no livro mais apoio para a afirmação de Spinoza que a presença de Deus não se prova através de milagres, mas através da ordem que existe na natureza. Natureza aqui é diversidade. Claudius concorda com Spinoza que milagres são um indicador da ignorância das pessoas. Contudo, para Claudius, o conceito de livre árbitro representa mais do que unicamente um propósito para uma ação não explicada devido à ignorância. Um dos seus sonhos é o de conseguir alargar o cristianismo universal dos Colegiantes para uma vivência espiritual universal do divino. Aprecia muito o modo como os Colegiantes relativizam os dogmas e a teologia e encorajam a livre expressão nas palestres proferidas

[1] A porta aberta para o paganismo oculto ou o verdadeiro discurso da vida e da moral, por meio da religião e da religião dos Brâmanes na costa de Chormandel e nas terras em redor.

nos seus encontros mensais.

***

"Então é verdade que Descartes foi colocado no *Index Librorum Prohibitorum* durante o papado de Clemens X e que Innocentius XI e Alexandre VIII não fizeram nada para alterar a situação", diz Pieter.

"Parece me mais correto dizer que a manutenção da lista de livros proibidos é o trabalho da Santa Congregação do Índice. Mas sim, a maior parte dos escritos de Descartes são desde há 25 anos leitura proibida. Estão no índice *donec corrigator*."

"*Corrigator*… Tornar certo é, na prática, um convite para a falsificação", opina Hildegarde. "É uma exigência unilateral para tornar qualquer escrito de seja quem for em consonância com aquilo que o Poder Eclesiástico considera estar certo, mesmo quando aquele certo está errado."

"Poderias formulá-lo assim, sim" concorda Claudius.

"Mas aquela lista não se limita às questões da fé?" pergunta John.

"Claro que a disputa religiosa é, desde Trento, uma circunstância decisiva para colocar livros na lista proibida. Mas não é a única razão. Não se pode acusar René Descartes de alguma vez ter sido Luterano ou Calvinista."

"Se não estou em erro, penso que as obras de Descartes só foram posto no *Index* depois da sua morte", observa Wolfgang.

"Na lista de de 1681 encontrei com a menção '*até que esteja certo*' as obras *Meditationes de prima philosophia, in quibus Dei existentia et anima humana a corpore distinctio demonstrantur; In Belgio editum cum hoc titulo: Explicatio mentis humana sive*

anima rationalis e *Opera philosophica*. Também encontrei a versão latina de *Les passions de l'âme (Passiones anima. Gallice ab auctore conscripta, nunc autem latina civitate donata*) e mais duas cartas: uma dirigida ao governador da província dos Jesuítas na França e uma dirigida a Gisbert Voetius, na qual Descartes aborda dois livros de Voetius."

" 'Até que esteja certo' ?" pergunta John.

"Sim, como a tua avó já disse, muitos dos textos que estão no *Index* devem lá permanecer até que, na opinião da Santa Congregação o conteúdo estiver certo, ou até que partes dos textos ou livros sejam apagados. *Donec corrigator* é frequentemente completado por *Donec expurgentur*. Neste caso mutila-se os livros. Adenda ou capítulos inteiros devem desaparecer para que um livro saia do índice. Assim terá que se tornar certo *De algemene academische Leuvense studies*[1] de Fasti , mas as obras em que Erasmo trata a religião devem ser parcialmente apagadas."

"Porque foram escritos em flamengo?" pergunta Henriette.

"Não, estes dois títulos são em Latim. Mas é verdade que alguns livros foram proibidos por terem sido escritos em língua vernácula ou por quem é considerado herege. Assim encontras por exemplo *Christelycke Leeringhen gedeelt in diversche liedekens, seer dienstigh voor de ouders ende haarlieder kinderen. Uytgegeven door eenen liefliebber van den Catechismus, om in de selve gebruickt te worden*[2] e *Comparaison de l'Évangile du pape*

[1] Estudos Académicos Gerais de Leuven

[2] Christiana doctrina plures in cantiones divisa, valde utilis pro parentibus, eorumque filiis, edita per amatorem catechismi, ut illis sit usui

avec l'Évangile de Jésus touchant la rémission des péchéz et la consécution de la vie étemelle", continua Claudius. "Quem, segundo a Santa Congregação, defende quem é considerado crítico ou renegado da Igreja vai parar obviamente no *Index*. Pensem por exemplo no texto de Blanc-Mont, que argumentou em favor de Jean de Labadie em *Première apologie pour Jean de Labadie et pour la justice de sa déclaration*. Um texto como *Réflexions sur la cruelle persécution que souffre l'église réformée de France, et sur la conduite et les actes de la dernière assemblée du clergé de ce royaume* também é claramente inaceitável. E quem estuda as regras do próprio *Index* fica nele. Penso no trabalho de Daniel Fancus *Disquisitio academica de papistarum indicibus librorum prohibitorum et expurgandorum* que pode ser traduzido como *Pesquisa académica relativo a indicações papais para livros a serem proibidos ou apagados*."
"Não existem nessa lista também livros repreensíveis em geral?" pergunta Hildegarde.
"Aqui abres uma discussão acerca da fronteira entre o que é eticamente repreensível e o que é ironia e zombaria. Pensa num título como *Discorso piacevole che le donne non siano della specie degli Uomini, tradotto da Horatio Plato romano*[1]. Não li o livro pessoalmente", acrescenta Claudius rapidamente, quando vê os olhares flamejantes de Henriette e Hildegarde.
"Frequentemente, os tipógrafos são avisados. Para os pensadores e sábios que apresentam outra argumentação do que aquela que teólogos deduzem da bíblia, a condenação é quase

[1] Belo discurso de que as mulheres não pertencem a espécie humano, traduzido por Roman Horatio Plato

certa. Pensa em *Entretiens sur la pluralité des mondes* de Fontenelle of *Brevis anatomia hominis*, de Fromondus Libertus. Johannes Schollius também está na lista, com a sua *Praxis logica, sive schole et exercitationes dialecticae*[1]. A quase totalidade da obra de Snellius e a totalidade dos escritos de Vossius estão na lista", acrescenta Wolfgang.

"Acontece igualmente com frequência na historiografia", retoma Claudius. "Tanto o *Histoire des papes et souverains chefs de l'église depuis S. Pierre jusqu'à Paul,* como a *Histoire ecclésiastique des églises réformées* de Gilles Pierre foram desaprovados. Obviamente é também o caso para *Examen bulle papalis qua Innocentius X abrogare nititur pacem Germanea* de Johannes Hoornbeeck, porque critica o papa. O historiógrafo independente Johannes Pontanus Isacius não é bem-vindo com *Reruni et urbis Amstelodamensium. Tractatus de regio patronatu ac aliis non-nullis regaliis, regibus catholicis in Indiarum occidentalium imperio pertinentibus*[2] de Frassus Petrus é claramente inaceitável. Na lista aparece também o historiógrafo Louis Maimbourg que descreve a queda do Sagrado Império Romano-Germânico apesar de, na sua história utilizar o mesmo olhar crítico em relação ao Calvinismo. Aparentemente melhor vale não falar de algo com o qual não se concorda do que virar a atenção para ela para poder formular a sua crítica.

Obviamente nada que relata a inquisição ou fala de

---

[1] A prática da lógica, ou escola com exercícios em dialéctica

[2] Um tratado sobre o patrocínio real e de outros monarcas católicos não-reais em relação ao governo das Índias Ocidentais

indulgências pode ser tornado público. É o caso de epístolas como *Lettre d'un avocat au parlement à un de ses amis, touchant l'Inquisition qu'on veut établir en France, à l'occasion de la nouvelle bulle du pape Alex. VII.* E *Lettre écrite de Rome à un docteur de Louvain, au sujet du nouveau décret et du bref de N. S. Père le pape Innocent XII, aux évêques des Païs-Bas, touchant le formulaire contre Jansénius*. Também as *Lettres des fidèles du marquisat de Saluces envoyées à Messieurs les pasteurs de l'église de Genève, contenantes l'histoire de leur persécution* e *Lettres historiques contenant ce qui se passe de plus important en Europe et les réflexions nécessaires sur ce sujet* não são desejadas."

"No entanto, ao optar por não tornar público essas discussões, a hierarquia não faz senão empobrecer as discussões teológica e filosófica", observa Henriette.

"Ou podemos deduzir algo de diferente", acha Wolfgang. "À partida, será que a hierarquia quer a discussão? Se o que se quer é confirmar um dogma, então a escolástica é suficiente. A discussão e dialéctica são elementos perturbadores. É revelador saber que não só filósofos mas também um filólogo como Martinius Mathias integra a lista proibida. O seu *Lexicon philologicum, precipue etymologicum et sacrum* não é aprovado. As ligações que o autor mantinha com a Igreja dos Irmãos Morávios talvez não sejam estranhas a esta rejeição. Contudo Martinius é autor de outros trabalhos filológicos como a muito reeditada *Graecae linguae fundamenta*. Martinius teve uma importante influência na formação espiritual do jovem Ian Comenius, através do seu aluno Johann Heinrich Alsted."

"As *colloquia familiaria* de Erasmo continuam a ser livros

proibidos. A lista inclui *Moria encomium; Lingua, sive de lingua usu, atque abusu; Christiani matrimonii institutio; De interdicto esu carnium; Adagia.* Existe uma edição autorizada da mão de Paul Manutius, mas as partes consideradas suspeitas foram retiradas*; Parafrasi sopra S. Matteo tradotte da Bernardino Tomitano* e todas as obras nas quais fala de religião são leitura proibida", diz Claudius. "Podemo-nos perguntar em que medida o *Index* não veio a calhar para quem é ainda mais arrogante do que a própria Igreja. Em vez de autorizar a leitura das disputas, os textos são escondidas. Toda a polémica entre Laurentius Jacobus e Hugo Grotius é ofuscada. E depois há textos que repentinamente ganham valor, meramente devido à sua proibição e por isso são realçados, devido a sua inacessibilidade", acrescenta Claudius. "A própria Santa Congregação do Índice tem mais crítica nuns textos do que noutros. Parece me evidente que colocaram Narciso de Peralta com *De la potestad secular en los eclesiásticos por la economia, y politica*[1] na lista de livros proibidos. Também a crítica dirigida à ordem dos jesuítas é recorrentemente leitura proibida. Basta lembrar *La Morale pratique des Jésuites, représentée en plusieurs histoires arrivées dans toutes les parties du monde*. Alias, a ordem dos jesuítas manifesta-se rapidamente quando se trata de se proteger a si própria. Assim o Papa dá lhes a satisfação e vêem proibido Magnus Valerianos, da ordem dos Capuchos, defensor de Descartes e opositor às ideias erradas de Aristóteles. A razão da proibição tem tudo a ver com a revolta do Capucho contra a moral corrupta de alguns teólogos da

---

[1] Do poder secular entre o clero em relação à economia e política

Companhia de Jesus. Primeiro é lhe proibido a escrita. Quando ignora a proibição e publica *Apologia contra imposturas jesuitarum*, é preso. É libertado só muitos anos depois, após intervenção do Imperador ao seu favor."

"Toda a ideia do *Index* parece concebida para tornar impossível qualquer crítica pública", observa John.

"Por parte sim. Dei-vos uma pequena visão geral, a título de exemplo, de tudo que foi proibido por Roma nos últimos 80 anos", conclui Claudius. "Também existem livros localmente proibidos, como os de Bartolomeu de las Casas. Apesar da bula papal que condena a escravatura, las Casas é uma figura não desejada que fala da atitude pouco cristã dos conquistadores espanhóis e por isso proibido em Espanha."

"Não há um episódio no qual Bartolomeu descreve o afundamento de um transporte de ouro, durante a qual não só muitos homens perdem a vida, como também afunda uma enorme barra de ouro e que aponta como prova da ira de Deus?"

"Sim, e obviamente podemos refletir acerca desta descrição do Deus vingador. Las Casas apresenta os nativos como um povo pacífico e acolhedor, considerado primitivo pelos espanhóis. Rapidamente o seu rei foi pago com ingratidão e fugiu para o interior. Pouco depois Las Casas ouviu de um monge e padre uma história arrepiante. Este monge entretinha-se com um Cacique condenado a morte pelos espanhóis acerca do Eterno Descanso e da Eterna Glória que teria caso se convertesse antes de ser executado. O homem pensou um bom bocado e perguntou depois se os espanhóis também eram admitidos no

Céu. Quando o monge respondeu que o Céu está aberto para todos as pessoas boas e tementes de Deus, o condenado respondeu logo que então prefere o inferno, com o receio de ter que conviver eternamente com um povo tão sanguinário e sangrento. Eis o modo como Deus e a Sagrada Fé Católica são venerados pelos espanhóis, conclui Las Casas."

"Mas pensas que a Igreja tem responsabilidade nisso?" pergunta Wolfgang.

"A igreja é feita por pessoas e nela não acontece necessariamente aquilo que Deus pretende", responde Claudius. "Mas já que as pessoas da Igreja dizem utilizar as palavras de Deus, então estas palavras deveriam ter sido colocadas em ação mais vezes. Mas não. Inabalável, continuou o assassínio de Índios e depois de negros, devido a razões seculares, por fulanos de moral duvidosa. Muitos dos assassínios continuaram integrados na comunidade da igreja."

***

"Hoje recebi uma carta do meu amigo abade Claude Fleury. Ele mantém-me informado em relação a questões da evangelização. Ele relata-me a correspondência dele com o Bispo de Métellopolis. Fala do lento processo que foi a conversão nos Países Baixos e no Império Carolíngio para depois se debruçar sobre a população de Siam."

"Porquê esta comparação?" estranha Pieter.

"Ele compara os hábitos brutos e selvagens dos povos aqui com o povo doce e educado ali. Contudo, pensa, é exatamente esta doçura que os faz preguiçosos e indiferentes a tudo. Mas escuta o que ele escreve: '*Ouvimos falar acerca do orgulho dos*

chineses e a opinião que eles têm sobre seus conhecimentos. Os bárbaros, aqui no ocidente, pelo menos reconheciam a sua ignorância e respeitavam os Romanos. O que é sempre complicado com nações longe de nós é que têm hábitos e opiniões que dificilmente consigamos vencer. O que vem do outro lado do mundo parece-nos pouco sério. O Rei de Siam, e mesmo o Rei de China parecem-nos reis provenientes do teatro. A nossa primeira reação é de nos rirmos quando vemos homens daquela outra cor e estatura. Devemos ter uma aparência tão estranha nos olhos dos Indianos como eles têm para nós. Homens com longos hábitos, de quem só se vê um pálido rosto… devem ter tido a aparência de fantasmas e não me espanta que a primeira reação dos Siameses é de fugir quando se deparem com um missionário'."

"Mas isto significa que o teu amigo presume que os Siameses só não se convertem para o cristianismo por medo?" pergunta Wolfgang.

"Penso que não", responde Claudius. "Pelo que sei acerca dele, penso que antes recomenda de agir com cautela e ponderação. Não copiar cegamente mas observar primeiro e agir depois."

"Porque é que estás a dizer isso?" pergunta Henriette.

"Digo-o por causa de algo que ele me escreveu algum tempo atrás quando discursava acerca do conhecimento da natureza. Ele dizia que este conhecimento normalmente se baseia sobre a autoridade de Aristoteles, os seus seguidores e comentaristas, frequentemente com raciocínios surdos fechados. Ao invés, o conhecimento pode ser baseado em pesquisa e experiência. Dever-se-ia começar por se certificar da natureza das coisas. Ele

reconhece que, até há pouco tempo, sábios e estudiosos não tinham muito espaço para experimentar. Tratava-se sobretudo de monges ou clero pobre, fechados em abadias ou colégios, seja devido a sua função, seja devido à falta de fortuna. Isto explica, segundo ele, que se continua a acreditar numa infinidade de fábulas que continuam a infestar o mundo; tantas características imaginárias de plantas e animais; tantas versões ocultas, tanta simpatia e antipatia depositada. Todas as crenças juntas ainda aumentaram a atenção pela magia e a astrologia, que já era grande. Fez-se da doutrina que somos influenciados por outros uma verdade absoluta. Mas Claude Fleury considera que a natureza está lá para nos ajudar a perceber como ela própria se constitui. E para aprender a perceber, não precisamos de explicações sobrenaturais, mesmo se Deus autoriza os mágicos de vez em quando de confundir a mente das pessoas e de vender ilusões."

O teu amigo critica portanto o agir doutrinário", observa Pieter. "Já entendo porque é o teu amigo."

Claudius ri. "Algumas das suas observações não são bem acolhidas, nem pela Cúria, nem sequer por outros membros da Companhia de Jesus. Ele avança que o poder sobre os reis, a promiscuidade entre o eterno spiritual e a temporária finitude, o grande número de excomunhões, a riqueza da hierarquia eclesiástica, o negócio de relíquias, a intolerância armada, as cruzadas, as ordens militares na igreja, a inquisição, as fogueiras e o *Index* constituem as principais razões da decadência da cristandade."

"E não é considerado herege?"

"Até hoje nunca foi condenado, mas vários dos seus trabalhos estão na lista de textos proibidos", suspira Claudius.
"Uma história recorrente durante as nossas refeições, aquele *Index*", repara Henriette. "Hildegarde, temo que as nossas conversas à volta da mesa são sérias candidatas para também ficar na tal lista."

***

Quando de aqui alguns anos, Claudius será questionado porque finalmente decidiu deixar a Igreja, irá responder que essas conversas à mesa, combinadas com a leitura de Zera Yacob certamente tiveram influência. Confidenciou ao Pieter que a carta que escreveu a Claude Fleury naquele outono de 1690 terá sido uma espécie de ponto de inflexão.

Meu caro e apreciado amigo,
Como sempre, a tua última missiva fez me mais uma vez pensar longamente acerca do lugar que ocupamos no Universo. Leio as tuas sábias observações a respeito do encontro com povos de locais longínquos. Há pouco tempo chegou-me um curioso livro com os pensamentos de Zera Yacob de Abissínia. Parece-me um espírito refrescante que, no seu pensamento, vai além dos humanistas, reformistas e remonstranten europeus.
Tento de me explicar. Li num relatório dos Heren Zeventien e do Conselho de Igrejas que o trabalho de conversão da Companhia das Índias em Formosa enfrenta alguns problemas. As autoridades japoneses em particular levam a mal este trabalho. 'Men beschuldight ons, d'inhabitanten van Formosa Christenen

(te) maecken en tselve met de Portugees gemeen hebben'[1], *lê-se no relatório. Segundo o relator de servir, os japoneses não ficam pela repreensão. Faz saber que* 'Ons onrecht en gewelt wert aen-gedaen'[2]. *Fez-se entender posteriormente aos pastores neerlandeses na ilha que pregassem o cristianismo sem semear confusão.*

Mas tu falaste-me frequentemente do poder da contemplação. Sabias que muitas das ideias de Yacob chegaram à maturidade na altura que vivia como solitário, numa gruta, só mantendo contato com alguma população local? Ele propõe-nos a supremacia da razão. Para ele, todas as mulheres e todos os homens foram criados iguais. Por isso opõe-se contra a escravatura. E nesse aspecto critica todas as religiões: a criação é superior ao conteúdo de qualquer religião.

Zera tem um olhar mais suave sobre os não-cristãos do que qualquer um dos humanistas. Aceita melhor os ateístas do que Thomas Morus em Utopia. Lembras-te que Descartes dizia dos 'infieis' e dos não-crentes que eram antes arrogante do que sábio. Mesmo assim, lembras-te caro amigo, eu fiquei encantado quando li pela primeira vez a abordagem racional de Descartes. Achei refrescante as suas Meditationes *nas quais considerou a existência de Deus comprovada unicamente por meio da fé e que a alma humana não morre com o corpo. Mas o que me encanta ainda mais ao ler Zera Yacob é que ele usa a sua mente inquiridora para abordar a Criação Universal de um modo muito*

[1] Somos inculpados de querer fazer Cristãos dos habitantes de Formosa, tal como o tentaram fazer os Portugueses

[2] Foram nos feitos violência e injustiças

aberto. À simples pergunta ‘Tudo que está nas Sagradas Escrituras é verdade?’ *ele responde que toda religião se considera verdadeira. Assim, continua Yacob, todos afirmam que, já que a sua religião é a verdadeira, então todos os outros, com uma religião diferente, são inimigo de Deus. Isto significaria por sua vez, que todos os grupos de crentes pelos olhos de todos os grupos de crentes sejam inimigos de Deus. Chegando a este ponto, caro amigo, só posso pensar que Deus não pode fazer senão lamentar essa leviandade ciumenta dos humanos. Por isso, não acredito que existe algo como a predestinação. Faria de Deus uma espécie de arrogante dirigente de Igreja. Não, leio as palavras de Yacob, que diz que o seu criador lhe deu o ouvido para escutar, a razão para raciocinar. São essas dádivas que nos permitem de nos perguntar de onde viemos, se a vida pode ser entendida sem criação, e se assim for, seria parecida com a vida como a conhecemos.*

Yacob mantém o mesmo raciocínio quando pensa nas leis religiosas. São leis do Criador, ou são leis humanas? Ele argumenta por exemplo que o Criador, com a sua sabedoria, faz com que escorre sangue do ventre das mulheres todos os meses como indicação que elas ainda podem dar à luz. A lei de Moisés que essas mu-lheres são impuras é portanto contra-natura e contra o Criador. Uma lei assim acaba por estragar o casamento, o apoio mútuo e o amor conjunto no ato de elevar crianças.

Escravatura não pode ter a sua origem em Deus, diz Yacob. Não pode ser de Deus o que se escreveu nos Evangelhos acerca dela. Mas quando os Maometanos dizem que pode ser certo o ato de comprar um homem também não podem estar a ser inspirados

por Deus. Com a nossa inteligência sabemos que leis e pronúncias deste tipo não provêm do Criador. Este criou-nos todos por igual, como irmãos e irmãs e pediu-nos a todos de o chamar Pai.
Meu querido amigo. Depois de ler Yacob, voltei aos escritos de Descartes. Não foi em 1637 que ele disse: 'Je révérois notre théologie, et prétendois autant qu'aucun autre à gagner le ciel: mais ayant appris, comme chose très assurée, que le chemin n'en est pas moins ouvert aux plus ignorants qu'aux plus doctes.' *Não posso deixar de pensar que testemunha de uma certa arrogância ser a teologia nossa a deixar aberto o caminho para o céu, mesmo para aqueles que não são como nós e são rotulados de ignorantes. Esta arrogância não é talvez mortal, mas não deixa de ser condescendente.*
Por isso chamei o raciocínio de Yacob uma lufada de ar fresco. O modo como ele separa a Criação das leis dos seres humanos é para mim outro alívio. Não será a Lei unicamente do ser humano e a Criação não submetida a nenhuma lei mas consistindo num todo auto-regulada? Que (ainda?) não dispomos das palavras para descrever este todo? Numa certa altura Descartes recorre ao argumento de 'a verdadeira religião' na qual só Deus regula tudo. Dá como equivalente humano a organização de Esparta: 'Comme il est bien certain que l'état de la vraie religion, dont Dieu seul a fait les ordonnances, doit être incomparablement mieux réglé que tous les autres. Et, pour parler des choses humaines, je crois que si Sparte a été autrefois très florissante, ce n'a pas été à cause de la bonté de chacune de ses lois en particulier, vu que plusieurs étoient fort étranges, et même contraires aux bonnes moeurs; mais à cause

que, n'ayant été inventées que par un seul, elles tendoient toutes à même fin'. *As regras da Criação não são leis. Parece-me extremamente redutor de comparar as leis de Lycurgus de Esparta com as regras da Criação do Universo. Em que medida é que um argumento deste tipo não serve a manutenção de uma hierarquia severa? Medito acerca da irmandade. Como é que irmandade se pode conjugar com o seguimento de leis de quem se apresenta como dirigente. Deus é humanizado e apresentado como um dirigente mais capaz do que Lycurgus. Não é um dirigente ao qual se tem que obedecer cegamente, um ditador?*
Não consigo senão mostrar uma certa concordância com o meu amigo Wolfgang em relação às propostas de Comenius. Existe uma clara diferença entre as suas propostas para a organização das escolas para a população pobre e humilde e a generalizada prática existente de soletração de histórias edificantes. Nem o dogma alguma vez é ciência, nem a instrução moral é uma introdução ao conhecimento e à compreensão. E as propostas de Comenius são nem sequer de introdução geral ao conhecimento.
A escola tem como tarefa de ensinar para a dúvida ou para a ausência de dúvida? Falamos da pluralidade dos mundos ou não falamos dela? Reformadores da religião como Lutero ou Calvino condenam qualquer referência ao movimento do nosso planeta Terra e baseiam se para isso em Eclesiastes, capítulo 1, versículos 4 e 5: "Gerações vêm e gerações vão, mas a terra permanece para sempre. O sol se levanta e o sol se põe, e depressa volta ao lugar de onde se levanta". *Referem também o livro de Josué, capítulo 10, versículo 13:* "O sol parou, e a lua se deteve, até a nação vingar-se dos seus inimigos". *Comenius, diz-me*

Wolfgang, era antes evasivo. Ele disse que Deus criou o Sol não só para o ver e para ser cegado por ele, mas também porque, com a luz do Sol nos é possível vislumbrar a restante obra de Deus. Conhecimento, disse ele, começa com os nossos sentidos para depois ser introduzido no intelecto. Podemos portanto ir para dois lados: ser cegado pelo falso saber e ser iluminado para encontrar o verdadeiro saber. Mas não pode, para os dogmáticos, o falso ser a verdade e a verdade ser o falso?
O que te posso dizer mais, meu amigo? Só posso concordar com Ian Amos, quando ele disse que o ser humano foi criado para cuidar da Criação. Quando todos serão ensinados para manter isso em mente, escreve, então será possível libertar o mundo de muitos abusos abomináveis e repugnantes. Os que actualmente reinam o mundo e a Igreja conseguem pensar desta forma?
Com esta profunda dúvida que dói o meu coração, despeço-me hoje.
O teu afectuoso amigo Claudius

***

São os últimos dias da família Lesmeister na casa de Wolfgang en Hildegarde. Pieter e Henriette acabam por aceitar a proposta de Claudius para voltar para Köln com ele. Não acreditam muito quando ele diz que o *Berline* é quase tão confortável como o barco, mas encurta bastante a duração da viagem. E isto permite prolongar a estadia em casa dos pais de Pieter de mais alguns dias.

"Será que só vamos conseguir avançar com os nossos planos de ensino quando iremos retirar as escolas ao controlo de governantes dogmáticos?" pergunta Pieter.

“Quem são os governantes dogmáticos? As autoridades eclesiásticas? As autoridades seculares? Os mestres de aula e os mestres-escolas?”, são as contra-perguntas de Henriette.
“Parece paradoxal, mas poderias dizer que é exatamente quem obtém poder e o quer conservar que está persuadido da importância da educação e do ensino. Os escribas sabiam-no, o clero emergente, a nobreza e os patrícios iluminados sabiam-no também. Mas essa iluminação afasta ao mesmo tempo quem não ou ainda não dispõe de poder”, pensa Claudius. “*Ergo*. Para que não ganhem poder, a obediência e a submissão é-lhes caceteado”
“Caceteado”, estranha John.
“Sim. Velhos hábitos. Escuta o que Erasmo escreveu há mais de 150 anos, quando falava dos seminários para o clero e as escolas nas cidades para os pobres. Naquelas escolas de cidade, os próprios *literatores* frequentemente mal sabiam ler. Erasmo constatava: ‘*Não parecíamos estar numa escola, mas numa câmara de tortura; não se ouve que não sejam canas sibilantes, gemidos, soluços e rudes ameaças*’.”
“Mas ele pretende que todos possam aprender, não é?” pergunta Wolfgang.
“Com certeza. Ele fala da necessidade de *fingere*, que pode ser traduzido como *modelar* ou *moldar*. E isso tem que começar cedo. Para ele, as crianças têm que aprender a estudar. Começam com a aprendizagem de uma linguagem falada bem apurada. ‘*Para aprender uma língua bem apurada, o contacto diário com pessoas que a falam corretamente e a constante leitura de autores que dominam bem a sua língua representam*

uma verdadeira oportunidade', disse Erasmo. Preceptores e mestres-escolas podem se encarregar da tarefa, mas então têm que estar bem preparados, para o fazer de forma cativante. Uma boa supervisão fará bons alunos, afirma Erasmo. A este respeito observa que crianças jovens antes se deixam levar pela intuição do que pela ponderação, algo que os filósofos pagãos, como a eles se refere, já tinham notado. Segundo Erasmo, eles não conseguiam descobrir o porquê. Para o fazer, precisamos do pensamento cristão, continua. Devido a este pensamento, sabemos que a tendência para o mal está enraizado em nós, desde Adão, o primeiro homem. Acerca disso, Erasmo não tinha dúvidas. Contudo, continuava, a maior fatia deste mal decorre de companhias erradas e de educação ruim nos primeiros anos de vida."

"Comenius também falava sempre da importância dos primeiros seis anos de educação maternal", lembra-se Pieter.

"Devemos, de certa maneira, quando formamos mestres, fazê-los refletir acerca dos pecados e das virtudes. Abordar moral e ética com crianças torna-se provavelmente possível com *Prudentia, Justitia, Temperantia, Fortitudo, Fides, Spes* e *Caritas* por um lado e *Superbia, Avaritia, Luxuria, Invidia, Gula, Ira* e *Acedia* por outro."

"Penso, meu bom amigo, que reagiste rápido demais enquanto bispo", ri Wolfgang, "mas entendo o teu raciocínio. Já seria um grande avanço se podíamos fazer pensar os mestres acerca das suas próprias virtudes e dos seus próprios pecados. Se podíamos lhes dar os meios para se comportar de modo equilibrado e certamente evitar *ira, invidia* e *acedia* no seu

próprio trabalho com os seus pupilos e alunos. Se ao mesmo tempo pudessem mostrar *prudentia, justitia, temperantia* e *fortitudo* então já termos avançado imenso."
Claudius ri por sua vez. "Entretanto escamoteaste habilmente *Fides, Spes* e *Caritas*, que provavelmente consideres demasiado romano. Mas entendo o que me estas a dizer. A obsessão pela moral e a religião correta mais provoca o mal do que o bem. Talvez as autoridades eclesiásticas devem ter menos controlo das escolas. Posso mais uma vez recorrer ao nosso velho Erasmo? Ele afirmou, cem anos antes de Comenius, que a razão faz o ser humano. Temos que o contextualizar no seu tempo. Ele refere-se sobretudo à educação de aristocratas, contudo com uma certa atenção pela educação do povo em geral: '*Fingere*'. Crianças são matéria de modelar, logo à nascença. E aprendem sobretudo por imitação, assim constatou. Logo é de grande importância que os seus educadores tenham um bom conhecimento da sua própria língua. Logo é importante que as crianças aprendam o mais cedo que possível Grego e Latim."
Wolfgang acrescenta: "Mas Erasmo argumentava de organizar as aulas de maneira sensata. *Nec multa sed optima,* era esse o seu lema quando se trata de dar informação. De preferência recorrendo a imagens. E a qualidade do mestre é um dado adquirido. Erasmo defendia de resto o carater universal do ensino na escola. *Oportet scholam aut nullam esse aut publicam*, uma escola que não se dirige a todos não é uma escola."
Claudius observa: "Mas enquanto Erasmo pensava acerca da escola ideal e do bom mestre, o poder da igreja estava

presente. Durante a contra-reforma, foram organizados processos de inquisição contra mestres, só porque não representavam a 'verdadeira fé'. Encontrei em Roma o relatório da condenação de Pieter Mol, mestre de aulas na cidade de Ypres, atualmente em *Belgium Regia*, em 1527. A suposição que os mestres-escolas das aldeias poderiam ser novos cristãos originava muitos outros processos. O que é claro, é que a inquisição só se preocupa com aspectos religiosos. É descrita a má preparação dos mestres, mas não é essa a maior preocupação. A situação é semelhante para quase todos os mestres, independente da sua relação com a fé católica-romana. Num relatório proveniente da zona ibérica, li: '*Em termos de formação, Tomás Leal de Sousa esclareceu — não sabe mais que ler, e escreuer, nem estudou sciencia algũa. João Gonçalves disse algo de muito semelhante: — sabe ler e escreuer e não sabe outra sciencia alguma. João Gonçalves acumulava o ensino com a produção de mantas, Pedro Cabral —viuia de negociar a fasenda de seu pay e Teotónio do Bom Sucesso era quadrilheiro da freguesia de São Paulo (Lisboa).'* Claramente esses homens não eram bons mestres. Mas, como já referi, isso não preocupava a inquisição mas antes os autores dos relatórios, aqui João de Barros em 1539."

"Quando a autoridade eclesiástica intervém, não é portanto necessariamente por estar preocupada com o bem estar das crianças", constata Henriette. "E quanto à intervenção das autoridades seculares, como é?"

"Só podemos especular que durante muito tempo as autoridades seculares preferem que os mestres-escolas só

sabem o estrito necessário. Imaginem que se ouvia em todas as escolas depois da morte da Rainha Isabella em 1504, que os conquistadores passaram a se portar bem pior nos territórios ocupados, agora que o seu comportamento já não podia chegar aos ouvidos da Rainha. Imagina que as crianças pudessem ler o que Bartolomeu de Las Casas escreveu. Que havia quem punha na boca de Jesus, filho de Deus que se encarregou do sofrimento de toda a humanidade, as seguintes palavras: *'Vai, e ensina a todos os povos que os não crentes, que vivem em paz e tranquilidade no seu próprio ambiente, devem ser convertidos à força, sob pena de lhes ser confiscado todos os seus bens e todas as suas terras e de lhes roubar a liberdade.'* Imaginem que as crianças do mundo cristão aprendessem das histórias de Las Casas que entre 1518 e 1530 assassinos provenientes de Espanha exterminaram com lanças, fogo, espadas e doenças os povos de um continente inteiro. Que os conquistadores naqueles doze anos aniquilaram mais de quatro milhões de homens, mulheres, jovens e crianças com as suas conquistas (porque é com essa palavra que escamoteiam os seus cruéis atos, explica Las Casas). Segundo Las Casas eram mais cruel do que se pode dizer dos Turcos, de quem foi reportado que afundem o Interesse Católico, com as suas invasões e guerras injustas, condenadas pelas leis de deus e dos homens. Os invasores chacinaram os Indios por mera ganância, porque possuíam ouro, ou porque não o possuíam deixando os intrusos desapontados. Ser morto por não ter ouro, foi o que aconteceu em Guatemala, segundo Las Casas."

"Significa então que patrícios e comerciantes poderão preferir

decidir a que informação os mestres têm acesso. Claro que é uma ideia pérfida de falar mal dos outros e falar bem de si próprio na escola, como nos panfletos", pensa Pieter.
"Só isso é o suficiente para manter de pé o drama de que Erasmo falava em 1517 quando descrevia em *Querela Pacis* a animosidade entre povos: '*Os ingleses desprezam os franceses por não outra razão do que por serem franceses. Odeiam-se os escoceses por serem da Escócia. O germânico está em constante desacordo com o francês e juntos guerreiam com o espanhol. O que pode ser pior do que povos que lutam entre eles, só porque têm nomes diferentes? Há tanta coisa que os poderia unir. Porque não são, como seres humanos, bem intencionados com outros seres humanos? Porque não estão, como cristãos, de bom coração para os outros cristãos?*'", refere Claudius.
"Jacobus falava-me sobre isso há quarenta anos", diz Wolfgang. "Parece não haver esperança que possamos levar as pessoas à compreensão mútua. Muito menos se a escola a isso não se dedica."
"Há vozes que se levantam para desenhar o caminho nessa direção. Mas nem sempre gosta-se ouvir essas vozes. Conhecimento e discernimento são uma base para melhorar a compreensão mútua. Segundo Spinoza, existem outras condições associadas. Como filósofo da natureza, rejeita radicalmente todas as formas de revelação ou profecia. Segundo ele, os profetas não falam em nome de Deus. São simplesmente pessoas com grande poder de imaginação. Para ele, Deus e a Natureza equivalem-se, como substancia infinita. Assim, melhor entendimento da Natureza significa melhor entendimento do

Divino."
"Aqui temos uma explicação para as tuas observações acerca do *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu*", diz Henriette rindo.
"É difícil pensar tratar-se de uma abordagem não dogmática do ensino, quando olhamos para as suas regras", responde Claudius. "A minha crítica tem sobretudo a ver com o modo como constringem o currículo. Tenho uma certa admiração pelos *Reducciones* que os jesuítas mantêm nas ocupações espanholes e portugueses de Brasilia, Chile e Patagonia. Assim protegem a população local contra os piores excessos da escravatura e dos trabalhos forçados. Continuam a limitar só ligeiramente o mal que entrou. Porque não devolvem à população local a sua autodeterminação quanto à religião e cultura. Quem já vivia lá continua ao serviço de quem lhe ocupou as terras e as mentes, de modo menos severo.
Mas para voltar a Europa e o ensino na Europa. Aqui, a principal referência para definir as regras para os mestres em teologia é Thomas de Aquino. As Escrituras Sagradas, o Hebraico, a teologia dogmática, a história da Igreja, o direito canónico e a moral fazem parte do currículo administrado. Para os mestres em filosofia, física e matemática, o autor prescrito é Aristóteles. No *Studia Inferiora* o currículo consiste em Latim e Grego, gramática e sintaxe, retórica e humanidades. Disciplinas adicionais são história, geografia e arqueologia."
"A História é disciplina adicional", repara Hildegarde.
"Sim, e não se trata dos contributos das mulheres na História.

Trata-se de frases interpretadas."
"Pode-nos dar um exemplo", pergunta John.
"No *Ratio* encontras um modelo de comentário para *dulce ac decorum est pro patria mori* de Cicero. Pode ser utilizado para falar de costumes e hábitos, mas também do tributo prestado aos soldados mortos em batalha, como era o caso em Atenas, Esparta ou Roma. Assim o estudo de Cicero é reduzido ao estudo de expressões em Latim. Nem necessariamente colocando-as em contexto. Explica-se que *uno aspectu intueri* escrito por Cicero muito antes do nascimento de Jesus, pode ser adaptado à cruz. A expressão significaria então que num só olhar podemos ver todos que eram caros a Deus — *Hoc accommodari posset ad Crucem, apud quam possumus uno aspectu intueri eos, qui Deo erant longe carissimi*", termina Claudius.
"Podemos lembrar-nos do *Ratio Studiorum*, mas sem perder de vista Ratke, Comenius, Erasmo e Spinoza", diz Wolfgang.
"E para o fazer, poderemos consultar em breve a obra do meu precioso amigo", observa Claudius. "Se não estou em erro, Johannes Magister deu ordem para iniciar a composição."
"O meu contributo é mínimo", responde Wolfgang. "Se vos posso dar um conselho seria de vos inteirar no que podemos esperar de John Locke, nos anos a vir."

O século termina

Pieter, Henriette e os seus filhos estão de volta em Köln. Pieter alterna o seu trabalho no *Artistenfakultät* com debates nos grupos de estudo privados, em casa. Estes grupos de estudo

servem futuros mestres de pequena escola e de escola latina e são organizados e acompanhados por Henriette. O casal mantém conversas e correspondência com Claudius e Wolfgang acerca de ensino e educação. Pieter continua a juntar informações em relação à escolarização em diferentes pontos do globo.
Da França recebe a notícia que os nobres têm uma opção de escola que pode ser vista como concorrente da universidade: a academia equestre. A pequena nobreza considera o currículo oferecido mais útil do que o da universidade. Aprende-se a arte de andar de cavalo, do esgrime, da elaboração de fortificações e da dança. Na mesma linha de academia que Pluvenil criou há cem anos, existe agora o Colégio das Quatro Nações, de Mazarin, além de outros do mesmo tipo em Saumur, Orléans e Angers.
Entretanto em Amsterdão, o pastor Balthasar Bekker procura quebrar uma lança em defesa do conhecimento e contra a superstição. No livro *De betoverde wereld*[1] combate veemente a crença em diabos e bruxas. Não é apreciado por certos ignorantes com poder que conseguem removê-lo do seu posto. Contudo o livro contribui para a diminuição da prática de caça às bruxas.

Hildegarde faz saber a Henriette que Maria Sibylla Merian muda de Wieuwerd para Amsterdão. A comunidade Labadista está com falta de dinheiro. A reedição da sua obra sobre lagartas e borboletas fornece-lhe os meios necessários para

[1] O mundo enfeitiçado.

viver e põe-na em contato com outros investigadores da natureza.

Em Roma, Innocentius XII segue a Alexandre VIII. Este papa encomendado por Luís XIV ignorou no seu curto papado de dois anos as decisões de Innocentius XI. Claudius tinha observado com consternação aquele papa abertamente nepotista. Agora exprime a sua esperança que Innocentius XII consiga com a sua bula papal o que os seus predecessores não puderem ou quiseram fazer. Mas ele pensa que vai demorar ainda muito tempo até que a Igreja reune em si dirigentes não arrogantes. E, por enquanto, a sua política em relação à escravatura continua muito tímida.

Queridos pais,

Hoje, 18 de outubro de 1692 continuamos a remover escombros, depois do grande terramoto, faz agora um mês. Está tudo bem connosco, mas os dois rapazes continuam com pesadelos. Sabemos que até onde vocês estão se sentiu o tremer da terra. Na Belgium Regia *algumas aldeias desapareceram por completo. Aqui a torre da Igreja Agostiniana ruiu por completo e muitas famílias viram moveis e loiças destruídos.*
Não só a terra treme e choca. Aqui na universidade há também acontecimentos chocantes. À medida que os Católicos-romanos se mostram cada vez menos tolerantes em relação aos seus irmãos cristãos que pensam de maneira diferente, cada vez mais mestres e professores, de quem existem suspeitas de terem 'simpatias hereges', são compulsivamente convidados a abandonar o seu posto. É claro que há muitos esquemas para facadas nas costas,

especialmente por aqueles que veem nisso uma oportunidade de subir na hierarquia.

Claudius vai se retirar de Köln, para já provisoriamente, diz ele. Os seus amigos de Amsterdão procuram-lhe um ganha pão, em Amsterdão, Leiden ou Utrecht. Nós vamos ter que abdicar das minhas atribuições no Artistenfakultät, agora que fomos identificados como amigos de Claudius. Mas as formações que organizamos a partir de casa correm muito bem. Contudo, para futuros publicações teremos que recorrer aos vossos serviços em Frankfurt ou de um editor em Amsterdão.

O vosso muito dedicado filho Pieter.

Queridos filhos e netos,

Estamos muito contentes de saber que passaram incólumes o tremor de terra. Claro que não podemos estar felizes com as calamidades que decorrem da intolerância e da arrogância. Também aqui sentimos que a contra-reforma se tornou pesada. Cada vez mais temos livros que recebem o rótulo de impróprio, porque teriam uma assinatura reformista. Torna a praça de livros de Frankfurt menos interessante para comerciantes de Amsterdão e para as pessoas eruditas em geral, apesar da longa tradição de procurar aqui na feira do comércio dos livros os contactos com editores e com tipógrafos. Quem hoje procura ler ou publicar novas ideias que surgem no Império Germânico dirige-se para Leipzig, como bem sabem. Nós continuamos a tirar o nosso lucro com a impressão de almanaques e pequenos livros. Como muitos outros tipógrafos e editores, não queremos correr o risco de ficar com produtos que não se vendem na mão, porque de repente aparecem no index librorum prohibitorum. *Torna a*

profissão menos apetecível do ponto de vista intelectual. So podemos esperar que, tal como os Huguenotes Calvinistas antes, agora também os Católicos consideram que a cidade livre de Frankfurt é demasiado pequena e que procuram no Palts ou em outra região locais habitacionais que lhes parecem mais atractivos.

Ansiamos pelas próximas cartas de Claudius a partir de Amsterdão ou lá perto. Já não se irá cruzar com John Locke. Acerca dele ouvi que voltou para o seu país, acompanhando os Príncipes de Oranje. Espero que Claudius se encontrará bem no seu exílio voluntário, agora que decidiu abdicar do manto de bispo e de sair da Igreja Romana.

Abraçamo-vos e os vossos filhos em pensamento.

Wolfgang.

Pobres crianças pobres

São os últimos anos do século 17.

Em 1694 foi criado o banco da Inglaterra, um ano antes da morte de Maria Stuart. Em Florence, Bartolomeo Cristofori experimenta com o que irá substituir o clavecino: o piano-forte que também irá receber o nome de *hammerklavier*.

Num conjunto de nações que têm a Igreja Reformada ou a Igreja Luterana como igreja oficial, saltam-se dez dias no mês de Fevereiro do ano 1700, substituindo assim também aqui o calendário juliano pelo calendário gregoriano.

Em 1700 já são cinquenta mil os escravos transportados anualmente. É um reverso. Na própria Europa ao longo dos últimos séculos a escravatura tinha tido tendência a diminuir,

sobretudo porque a comercialização de pessoas foi considerado imoral e contra as normas e valores cristãs. Mas isso mudou rapidamente com o comércio transatlântico de escravos. Mais uma vez procurou se justificar este comercio com o auxílio da Bíblia. Em Genesis 9, os descendentes de Cham são amaldiçoados com a escravatura. Martin Lutero terá argumentado que Cham foi o ancestral de todas as pessoas não-brancas. Assim, os luteranos justificam a escravatura. Os lucros directos e indirectos que provêm da venda de homens e mulheres aumenta consideravelmente a prosperidade na Europa que equilibra a sua balança comercial com o Oriente. O comércio trigonal transatlântico beneficia a expansão europeia e o desenvolvimento do enriquecimento baseado em posses e transação de posses. Desde que por volta de 1450 governantes e aventureiros europeus começaram a expandir as suas posses de terra, a população indígena escravizada foi há muito substituída por escravos importados. Nove a dez milhões pessoas foram entretanto comercializados como escravo. Aproximadamente um milhão e meio morreram durante a viagem, mesmo antes de serem vendidos e continuar escravizados e maltratados. Durante a dinastia dos Avis e dos Habsburgos, mas também agora com os Bragança e os Bourbon, dominaram e dominam os comerciantes portugueses e espanhóis na compra e venda de pessoas maioritariamente negras. A esses comerciantes ibéricos juntam-se gradualmente comerciantes de quase todas as nações europeias, sob quase todas as casas reinantes. A busca do lucro cria uma concorrência feroz. Missionários contam Pieter que no outro

lado do oceano, nas grandes propriedades, se faz criação de escravos para venda, o que torna a aquisição da mão de obra mais barata. Os escravos sofrem geralmente de piores condições de vida do que os já miseráveis servos e trabalhadores agrícolas na Europa. Nobres, Clero e patrícios continuam cegos e surdos em relação às condições inumanos da gente pobre porque é esta gente que lhes assegura a sua prosperidade.
Humanistas, filósofos, mestres e outros intelectuais estão conscientemente ou inconscientemente presos numa rede de servitude que garante o seu próprio pagamento.

Pieter e Henriette continuam em Köln. Claudius estabeleceu-se definitivamente em Amsterdão e de Frankfurt chegam notícias que a saúde de Wolfgang se degrada. John tem 22 anos e está a viajar. Henriette brinca, dizendo que está a fazer o seu *Petit Tour*. Afinal, o *Grand Tour* está reservado a filhos de patrícios, nobres e burgueses abastados. De momento John está em Frankfurt, a pedido dos seus avós, depois de uma passagem no Leste do Império Germânico e uma viagem através da *Belgium Fœderatum*, organizado por Claudius.
Primeiro também visitou algumas cidades de *Belgium Regia*. Assim pude assistir no dia 1 de maio de 1698 como, em Bruxelas, uma pequena estatua, com o nome de Manneken Pis, recebeu um verdadeiro fato. Trata-se de um presente do governador Maximiliaan II. Além desta história alegre, também escreve acerca das suas visitas a Antuérpia, Gent e Bruges. Visita a pequena cidade de Oostende, situada a margem do Mare Germanicum, onde aprende que existem

planos para a fundação de uma companhia de navegação para o comércio com o Oriente.

O meu bom amigo e mestre Claudius,

Henriette e eu queremos expressar mais uma vez o nosso profundo agradecimento pela forma como acompanhaste John no seu 'Petit Tour', como Henriette costuma dizer. Escreve-nos que ficou muito admirado de constatar que a maior parte das escolas de aldeias que visitaram continuam a dispor só de tábuas com o alfabeto ou de 'hornbook' e nem sequer do Haneboek. Parece que estas pequenas escolas ficaram paradas no tempo. John está agora com os seus avós e podes imaginar como esta constatação foi uma notícia triste para Wolfgang que estava tão convencido que pelo menos na Belgium Fœderatum *a obra de Comenius seria integrada mais rapidamente. Consegues imaginar, querido amigo? Desde há muito Comenius é um nome mais conhecido em Batavia ou nas Ilhas Molucas do que em Gelderland ou Zeeland.*
Da Inglaterra chegou me a noticia que, por conselho de John Locke, estão a ser instaladas 'workhouses', para crianças dos três aos catorze anos. A intenção é conseguir que para os pobres a pobreza seja tão indesejável como para a população abastada. E, dizem, para tal acontecer as crianças têm que ser formadas à vontade de trabalhar o mais cedo que possível. Não sei o que o próprio Locke sabe da concretização prática da sua sugestão, mas a mim chegam-me relatos tristes. Por norma é considerado desnecessário qualquer formação para conhecimento ou ciência. Só é implementada a formação para o trabalho manual. Ouvido assim, parece me que se trata de uma edição ainda mais pobre do que as Petites Écoles *de Charles Démia de que falávamos há*

anos. Parece uma reedição menor de iniciativas como Gray Friars of Christ's Hospital e outras instituições para órfãos e pobres que hoje servem os artesãos um pouco mais desafogados.

E da França as notícias continuam a ser as mesmas. Só existe a preocupação para a educação religiosa e moral das crianças pobres para conseguir uma certa paz entre os diferentes grupos da população e limitar os danos que a pobreza e os pobres infligem aos ricos. Ainda vejo a epístola de Démia perante os meus olhos, na qual argumenta que seminários e colégios não servem os pobres. Logo precisam de outra escola. "Les pauvres n'ayant pas le moyen d'élever ainsi leurs enfants, ils les laissent dans l'ignorance de leurs obligations : le soin qu'ils ont de vivre fait qu'ils oublient celui de leur faire apprendre à bien vivre et eux-mêmes ayant été mal élevés, ils ne peuvent communiquer une bonne éducation qu'ils n'ont jamais eue. [...] Ils se soucient fort peu que leurs enfants apprennent les bonnes mœurs et les devoirs du christianisme qu'ils ignorent. [...] Ainsi l'on voit avec un sensible déplaisir que cette éducation des enfants du pauvre peuple est totalement négligée, quoiqu'elle soit la plus importante de l'état."

A caridade atende principalmente aqueles que exibem sua preocupação caritativa. Caridade ou preocupação religiosa. Ouvi de um missionário e botânico português que no reino de Portugal a preocupação com a educação das crianças pobres também se mantém inalterada desde há mais de cem anos. Assim, ouve-se a edilidade de Lisboa declarar: 'seria coisa muito necessária saber-se dos mestres que ensinam meninos, de que qualidades são, de sua vida e costumes; porque houve informação que em alguns

Reinos e Províncias começaram os hereges a semear a sua má doutrina em escolas de meninos'. Contudo, pensamos que se os hereges encaram o ensino da mesma forma como os que dizem pôr em prática as propostas de Locke, os edis não terão que ficar muito preocupados. Mas devo dizer que não conheço o suficiente as ideias de Locke. Se aquilo que ouvi e te descrevi acima estiver correto, então coloco algumas reservas. Talvez Jacobus e o meu pai, cada um à sua maneira ansioso pelo trabalho que lhes parecia esperançoso, estiveram errados.

Os teus dedicados Pieter e Henriette.

Queridos, muito queridos amigos,,

Peço-vos mil vezes perdão de vos ter deixado tanto tempo ser resposta. Queridos, queridos amigos. Que notícia tão triste nos chega de Frankfurt. Viram a hora chegar, mas continua a ser duro. Com o falecimento de Wolfgang, tu, Pieter, perdeste um amável pai e eu um fiel amigo. Ele falhou mesmo por pouco o novo século, como ele próprio tinha predito, faz agora dez anos, na altura das nossas conversas à volta da mesa. Mantenho-o nos meus pensamentos e nas minhas orações ao Todo Poderoso, com a certeza que o eterno descanso e a paz lhe são reservados.

Henriette introduziu então um novo conceito: o Petit Tour. *Espero que o Tour ensina mais a quem o pode viver do que a Petite École a quem a ela é obrigado.*

Fazes perguntas acerca das ideias de John Locke. Li Some Thoughts Concerning Education *que publicou em 1693. Há dois anos também surgiu uma tradução na língua flamenga com o título* Enige bedenkingen over de opvoeding der kinderen. *Envio-vos um exemplar desta tradução.*

É no seu trabalho mais recente Essay Concerning Human Understanding *que Locke retoma a ideia Aristotélica que a pessoa chega ao mundo sem conteúdo. Compara Tabula Rasa com uma folha de papel em branco, e fala da alma e da mente imaculada. Sabem como eu penso acerca de fenómenos ditos imaculados…*
*Seja como for, Locke argumenta que o desenvolvimento da criança depende diretamente dos pais, que assim decidirão se ela será boa ou má. Uma criança, diz Locke, tem que ser educada em quatro coisas: virtude, sabedoria, boa educação e erudição. O mestre médico vem ao de cima quando fala do corpo são e da vida sã. Natação, ar fresco e refeições sem carne fazem parte da ementa. O pecado da carne tem vários sabores… Locke explicita que se preocupa sobretudo com a educação dos rapazes dos círculos mais elevados: "*Ik gebruik hier het woord Hy, omdat het voornaamste oogwit van myne Redeneringh hier op ziet, hoe een jonge Zoon van aanzienelyke Ouders van zyne jonkheyt af moet opgebragt worden, 'twelk altijt niet overeen komt met de opvoeding der Dogters'[1]*, diz ele no §6. O filósofo define que é proibido de bater as crianças, porque não é uma forma eficaz de educar. As crianças devem aprender a obedecer e precisam de rédea curta, mas punições severas não adiantam. No §36, ele diz que as crianças devem ser tratadas com ternura, que devem brincar e ter brinquedos à sua disposição. É necessário evitar que elas gritam por algo e que lhes é dado tudo que desejam. Repete no §52 que bater ou outras punições corporais*

---

[1] Utilizo aqui a palavra ELE, porque o principal foco do meu raciocínio visa isso de como um jovem Filho de Pais Consideráveis tem que ser educado desde a sua juventude, o que não sempre coincide com a educação das Filhas

não levam a pessoas generosas. O que leva ao dilema, no §70, se é de manter os filhos em casa ou de os enviar para a escola. Manter os filhos em casa também os manterá infantis? É melhor mandar-lhes para a escola? Em casa ficam ignorantes acerca do mundo? Serão manchados por grosseria e vício por irem à escola? Um mestre ou preceptor em casa controla 2 ou 3 crianças, um mestre-escola controla 50 a 100 alunos. É uma tarefa impossível, mesmo para o mais astuto dos mestres. Seja como for, continua Locke em §71, não faz nada na presença de uma criança que não quer que imite. A mais pequena coisa que consideramos errado mas que nos escapa eles irão imediatamente imitar, defendendo-se depois dizendo que seguem um exemplo. Posso imaginar que Henriette enquanto mãe terá algo a dizer quanto a isso, estão a sentir a minha ironia?
Locke duvida que a física se poderá tornar ciência um dia. A natureza, diz, é criada de modo tão sábio que provavelmente nunca será escrutinada por completo. Será alguma vez possível separar a física da metafísica? Contudo, pode haver progresso, diz ele:
'Kijk maar naar het uitmuntende boek van de Heer Newton, die met de wiskunst van de natuur sommige dingen die ons duister waren kan verlichten. Hoewel Latijn en Geleertheid tegenwoordig de kroon spannen, zijn dat wellicht zaken die een braaf Heer in zijn beroep weinig zal nodig hebben. Daarentegen moet hij de kennis hebben 'om een yverigen werkzaam man te zijn, in een gedrag over een komende met zyne rang, als mede uitmuntend en nut te zijn voor zijn Land

na de staat daar hy in is'[1].

Mas o que fazer, pergunto-me, amigos, para não ter que deixar as crianças aprender Grego ou Latim? Fazer com que estas línguas se tornem desnecessárias para chegar à sabedoria e erudição? Então são necessários um abrangente ensino de línguas vernáculas e muitas traduções. Da primeira atividade Locke é grande defensor. Mas por favor, que não se utilize o argumento que o artesão perde tempo com a aprendizagem de línguas que o podem levar à erudição. Aprende línguas, também Latim se for necessário, antes falando-as e utilizando-as do que fazendo delas um objeto de estudo gramatical.

Seja como for, avisa Locke em §120, nunca se deve menosprezar uma pergunta de uma criança e também é preciso cuidar de não lhes dar respostas enganosas ou trocistas. E como tratar o discurso? Sente-se uma certa crítica a Seneca. Segundo Locke, este argumenta que não aprendemos a viver mas a discutir, e que a nossa educação serve melhor a escola superior do que o mundo. Os Indios, diz-nos Locke, dão nos um exemplo de discurso e raciocínio. Escutem alguém até este terminar de falar e não se interrompem constantemente. E nós? Mostramos recorrentemente uma educação não acabada, trazendo à luz do dia os restos da nossa barbaridade.

Locke pronuncia-se também acerca do mal. Para o evitar, o mestre de aulas ou da disciplina tem que dispor de modos civilizados de

---

[1] Olhem para o excelente livro do Senhor Newton, que com o saber matemático da natureza pude elucidar-nos de algumas coisas que nos eram escuras. Ainda que Latim e Erudição atualmente levam de vencida, trata-se de assuntos que um gentil Homem pouco precisa na sua profissão. Pelo contrário, tem que dispor do saber para ser um homem diligente e trabalhador, com um comportamento que corresponde ao seu estatuto e de ser excelente para a sua Terra na nação de que faz parte.

agir e de saber do mundo. Ele mesmo tem que ser proficiente nas ciências nas quais deseja que seus alunos se tornem proficientes. E tem que ser proficiente em educação. Desde do momento em que nascem, as crianças adoram a liberdade, mas elas também gostam dominar e de possuir objetos. Não dê portanto à criança aquilo pelo qual chora ou suplica. E esteja atento pelo continuado perigo que aprendam a fazer o mal. A história, diz Locke, está cheia de histórias que terminam em lutas e espancamentos. E os títulos honoríficos que seduzem a juventude são sobretudo atribuídos aos vencedores, frequentemente os maiores carrascos da espécie humana. Os jovens imaginam assim que a profissão mais louvável no mundo e o maior ato heróico seja o homicídio e o assassinato. Aqui, poderíamos dizer, surge o amor de Locke pelas pessoas. Contudo, às vezes ele se contradiz, sobretudo quando olhamos para o amor que ele próprio manifesta pela posse. O que pensar da justificação pela posse particular da terra baseado no seu cultivo? Locke considera que todos podem tomar posse de uma parte da abundante terra não cultivada, laborando-a ou fazendo com que lavradores a trabalham. Como investidor, está envolvido na colonização da América. Oportunista, agora Locke não mais considera os habitantes originais como exemplos de oradores, mas como caçadores-coletores. Podem ser expropriados porque haverá terra suficiente deixada para eles. Aparentemente pouco sabe acerca do massacre dos índios. E integra labor adquirido ou alugado quando fala de labor para trabalhar a natureza. Tudo isso pode servir de explicação para a sua contribuição à proposta de constituição para os estados de Carolina, que contempla o labor dos servos que beneficia os seus proprietários.

Queridos amigos, agora acabei por divagar e me afastar das nossas preocupações com a educação e a escola.
Aguardo ansiosamente as vossas notícias e asseguro-vos que Wolfgang habita o meu pensamento. Ainda hoje escrevo para Hildegarde.

O vosso dedicado Claudius.

Bom amigo e mestre Claudius,

A primeira conversa que Henriette e eu tivemos, depois de ler a tua missiva acerca de John Locke e o livro Enige bedenkingen over de opvoeding der kinderen *que incluíste, é que continua a ser muito difícil de interessar filósofos e eruditos pela escolarização das crianças de servos e escravos. No entanto, neste aspecto não podemos apontar desonestidade em Locke. Afinal, ele próprio explicita que fala da educação dos rapazes das famílias abastadas. Faz-nos pensar que da Inglaterra continua a nos chegar não outro vento acerca da escola e da educação das crianças pobres do que aquele que nos vem da França de Démia.*
Lembramo-nos muitas vezes de Wolfgang. Pode ser um magro consolo saber que não teve que sentir cá, em terra, a desilusão acerca dos textos de quem falava, desde o tempo em que conheceu Jacobus. Para a nossa própria orientação no trabalho com mestres de aula e mestres-escolas pensamos que o velho mestre Erasmo e o mais recente mestre Comenius nos são mais úteis. Diria até que Erasmo tinha uma visão um quanto menos dogmático sobre o ensino que Comenius. Mas posso estar enganado. Talvez John irá se formar uma ideia mais clara a este respeito. Desde a sua visita a Amsterdão, ele está a estudar

fervorosamente os textos de quem nos últimos duzentos anos se ocupou da educação e do ensino de todas as crianças, independente da sua proveniência.

Confessamos-te que, estamos um pouco desiludidos com a imagem da folha em branco para a alma da criança, que, concordamos, não é mais do que retomar o Tabula Rasa *de Aristóteles. Mesmo que Locke advoga que não pode deixar perguntas de crianças sem resposta, ele mantém a ideia de que tudo tem que ser impregnado na criança de uma determinada forma. Mais uma vez, parece-nos que se trata de didática e pouco de matética. Podemos então nos perguntar se as crianças, sem impregnação original, não fazem perguntas. Henriette afirma que mesmo recém-nascidos, antes de falar, conseguem fazer perguntas e que chorar ou gritar não tem necessariamente a ver com desejo de posse. Chorar pode ser perguntar algo, ou mostrar aos pais que a pergunta não foi entendida. Podemos concordar com Locke que o ensino em casa pode ter vantagens relativamente a perder-se entre 50 a 100 colegas. Mas nem todos conseguem pagar o ensino em casa. E o princípio de ensino em casa desvia-se da noção de accessibilidade pública a todo o conhecimento e a sabedoria. Ensino generalizada em casa para quem o pode pagar parece-nos uma má reação à deficiente qualidade da escola pública, que é, afinal de contas, como disse Erasmo, a única escola, mas só quando aberta a todo o público. Então, em vez de sucumbir aos argumentos dos nossos contemporâneos Locke e Fénelon, temos que mais uma vez escutar Erasmo, velho de mais de cem anos. Locke ocupa-se dos rapazes dos círculos abastados. De Fénelon podemos dizer que*

também se ocupa das raparigas dos mesmos círculos. Erasmo dá-nos a ideia de trabalhar para a formação de mestres de aula em geral, quando ele afirma 'Gostamos de aprender com mestres que estão no nosso coração. No entanto, alguns mestres são tão estúpidos e irritantes que nem mesmo suas esposas os amam' .

Parece-nos bastante claro que Locke não fala como médico-filósofo, mas como proprietário, quanto às crianças de servos e escravos. Apontavas, e com razão, que ele não condena a escravatura. Não só ele concorda com a tradicional explicação cristã que existem guerras justificáveis, durante as quais presos de guerra podem ser escravizados. Não. Aparentemente, para Locke as guerras entre povos africanos, eventualmente provocadas por comerciantes de escravos europeus também são justificáveis. Parece que faz uma espécie de separação entre humanos humanos e humanos animalescos. Terá ele a consciência que a Fundamental Constitutions *de Carolina decreta a total supremacia dos brancos sobre os escravos africanos, como se tratasse de cavalos ou outros animais? Ou talvez, como vemos com mais autores hoje, ele se deixou simplesmente enganar pela ideia comum de que a pobreza é uma condição predestinada que a educação não pode eliminar. Tabula rasa, sed non nimis*[1]*?*

Os teus dedicados Pieter e Henriette.

Meus queridos e estimados amigos,

Uma breve palavra antes de me ausentar de Amsterdão para um curto período de tempo. Temos a clara consciência que

[1] Tabula Rasa, mas não em demasia ou em todos os contextos?

observações irónicas acerca dos pensamentos de outros são sempre perigosas quando não sabemos contextualizar o que foi dito. Contudo, não posso deixar de pensar mais uma vez em Zera Yacob. Ainda se lembram que vos contei que ele pratica uma abordagem inquiridora acerca da verdade nas Escrituras Sagradas? Observa como cada um diz que a própria religião é a verdadeira, o que torna falsa a religião de todos os outros s e faz com que os outros se tornem imediatamente inimigos de Deus. Como já disse, esta dedução é para Yacob o suficiente para utilizar a máxima prudência no julgamento de que outros pensem.

Descartes não era tão cauteloso. Afinal, ele escreveu que infieis e ateístas são antes arrogantes do que eruditas. Locke argumenta na sua epístola acerca da tolerância que ateístas não devem, de todo, serem tolerados. Mendonça da Silva e Las Casas contam-nos que isto foi frequentemente o argumento para justificar a escravatura de ateístas ou infieis. Não consigo perceber se também é o caso de Locke.

Apressado, o vosso dedicado Claudius.

John

De Köln para Gent

John voltou para casa, depois do *Petit Tour* e da sua estadia em Frankfurt. Lembra-se bem dos dias muito emocionantes quando avô Wolfgang faleceu e de como se despediu da avó Hildegarde. Agora quer seguir os passos dos seu avô e dos seus pais e formar mestres de aula, enquanto ele também quer ganhar alguma experiência como mestre de crianças.

A Renânia está novamente sujeita a escaramuças e movimentos de tropas. Desta vez, porque Luís XIV e o ramo austríaco dos Habsburgos ambos querem incorporar Espanha e as terras por ela ocupadas, agora que o ramo espanhol dos Habsburgos se extinguiu. Uma consequência um pouco inesperada da crescente hostilidade entre as Casas Reais reinantes é que a família Thurn und Taxis deixa as suas propriedades em *Belgium Regia* para se estabelecer em Frankfurt.
Guilherme III de Oranje falece em Londres em março de 1702. Segue a coroação da sua cunhada Ana como rainha de Inglaterra, Escócia e Irlanda. Assim, Ana Stuart fica repentinamente submersa na guerra de sucessão espanhola.
Em maio de 1703, Pedro o Grande encomenda a construção de uma nova capital para a Russia que deverá ter o nome de Sankt-Piter-Boerch. Ele pretende assim aproximar Russia da Europa. A edificação da cidade significa anos de trabalhos forçados para Uigures, Quirguizes, Cazaques, Yakuts e

Tártaros.

John aceitou uma função de mestre de aulas em Mainz. Os seus primos sempre mantiveram o contacto com a família que acolheu Johannes no seu tempo de estudante. Como resultado, John alarga rapidamente o seu círculo de amigos em Mainz. A vantagem de viver aí é que John facilmente navega Meno acima até Frankfurt para visitar a avó. Consegue também navegar pelo Reno abaixo até Köln, durante os intervalos académicos, para visitar a sua família, desde que os constantes e ameaçadores movimentos de tropas e o inerente cerco às cidades fluviais não o impeçam.
Naquele 2 de dezembro, John terminou uma visita a Frankfurt. Foi falar com a avó acerca do papel das mulheres na educação das crianças. Falam do olhar principalmente masculina sobre o papel da mulher. Hildegarde compara comentários das suas correspondentes com o que se encontra nos escritos de Erasmo, Comenius e Locke. John reflete acerca dessa conversa e pergunta-se como irá obter mais informações em relação aos preconceitos relativos à educação das mulheres, enquanto prepara a viagem para Köln, onde planeia passar o Natal.
No dia 7 de dezembro embarca. Fica logo claro que a viagem será agitada, devido ao vento crescente. Como quase sempre acontece quando o barco baloiça fortemente, os viajantes começam a falar mais uns com os outros. John inicia conversa com Marianne Grünen, uma jovem mulher, que conta que acaba de fazer 20 anos e que viaja de Mainz para Köln para visitar uma tia. A conversa passa rapidamente dos tópicos comuns entre os viajantes para uma partilha de opiniões sobre

a ética e o possível papel a desempenhar por missionários amantes da paz, se forem instados a abrir o diálogo em vez de lhes encomendar a conversão de com quem contactam. Numa certa altura, John fala da correspondência da mãe dele com Maria Sybilla Merian. Marianne fica surpreendida ouvir John falar de Maria Sybilla. Ela conta o que leu da viagem de Maria Sybilla e a sua filha para Suriname. De acordo com Marianne, Maria Sybilla proferiu palavras duras acerca da escravidão, inclusive sexual, à qual os governantes brancos sujeitaram a população local do Suriname e que ela considera degradante. Maria terá aprendida com mulheres locais o uso de misturas de ervas para evitar terem filhos que mais tarde, como mestiços, sofreriam por baixo do jugo neerlandês. Fala também da relação entre Maria Sybilla e a indiana que ela trouxe consigo de Suriname para Amsterdão, provavelmente devido ao seu conhecimento de plantas e borboletas.

De repente, com um baque ensurdecedor, o barco sacode violentamente e derruba todos os viajantes para o chão. Enormes ramos de árvore abatem-se no convés, por baixo de uma chuva intensa. O timoneiro tenta libertar o barco de dois árvores que caíram mesmo frente à proa, mas não consegue. De seguida grita, pedindo ajuda para levar o barco o mais rápido que possível para a margem do rio. John e Marianne não tinham noção que as árvores que caíram romperam o arreio que ligava os cavalos no caminho de sirga ao barco. Agora convém não derivar para o centro do furioso e crescendo rio. Apesar de passar pouco do meio dia, nuvens de chumbo e a forte chuva tornam o céu tão escuro que parece já

ter anoitecido. Todos se unem com toda a força e não só com remos mas também com paus e bagagem, procura-se encaminhar o barco. Depois de longos momentos assustadores, a proa do barco prende-se finalmente na margem com um grande estalo. O caminho de sirga desapareceu por baixo da quantidade de ramos e lama vindo da colina e do lodo aguado subindo do rio. Marianne e John agarram-se firmemente enquanto tentem trepar até o que resta do trilho à margem do rio. De repente sentem mãos estendidas e são puxados. Encharcados seguram-se mutuamente por um braço antes de também estenderem a sua mão livre para ajudar outros viajantes que procuram se içar até a terra firme. Depois de vadear e deslizar na água e na lama durante perto de uma hora, o grupo de pessoas encharcadas e angustiadas chega a uma pequena aldeia. Os aldeões já estão à sua espera. Primeiro viram chegar os cavalos soltos e pouco depois os seus aturdidos condutores, que contaram o que tinha acontecido. John e Marianne são acolhidos na casa do ferreiro. Sem falsos pudores, marido e mulher ajudam-nos a se esfregar para secar e evitar que o frio lhes adoece o corpo. Depois, enrolados em mantas, sentam-se juntos frente ao braseiro de carvão, enquanto bebem uma bebida quente de ervas.
Alguns dias mais tarde chegam a Köln. Percorreram a pé a maior parte das dez milhas que separa a cidade do local onde o barco encalhou. A cidade mostra sinais de destruição. Casas e igrejas estão danificadas, telhados desapareceram e em todo lado, há ramos e mesmo árvores inteiros no chão. Tanto os pais de John como a tia de Marianne asseguram que sentiram

tremer a terra no sábado de manhã, como se tratasse de um terramoto. Obviamente, os acontecimentos levam John e Marianne a visitarem-se frequentemente. Henriette e Pieter propõem Marianne e a sua tia de passarem o Natal com eles.
Por volta desses dias, Pieter e Henriette recebem uma carta de Claudius. Ele ficou preocupado com a notícia no *Opregte Haarlemsche Courant*[1] e quer saber se eles estão bem. O jornal escreve que em Köln houve uma tempestade horrível com muitos danos provocados em casas, igrejas e outros edifícios e que havia indícios de um terramoto também.
Na mesma carta Claudius faz referência à intolerância que claramente não diminuiu nos países católicos em relação a mestres dissidentes. Conta ter ouvido de um novo-cristão português, que entretanto se mudou para Amsterdão, que a inquisição portuguesa examinou nos últimos anos 17 mestres de aldeia e que 9 entre eles foram condenados por judaísmo.

Dois anos depois do acontecimento entretanto conhecido como '*A grande tempestade de 1703*' chega de Delft a notícia que Nicolaus Cruquius começou a fazer observações regulares do tempo, medindo temperatura, pressão do ar, humidade e precipitação.
Pouco depois, John e Marianne casam em Köln. Vão passar duas semanas em casa de Hildegarde. O jovem casal mostra uma crescente vontade de se mudar para Flandres. Entendem que os patrícios das principais cidades dos Países Baixos do Sul estão a criar melhores condições para o comercio e a indústria

[1] Um dos jornais com publicação regular na Holanda, já com quase 50 anos de vida.

do que a edilidade das cidades de Renânia, a pesar da 'Pequena Guerra' ainda em curso entre as casas reais, por causa da Sucessão Espanhola. John sabe de amigos que quem está ligado ao *Collegium Medicum Gandavense* procura bons preceptores para os seus filhos. Mas também é o caso dos comerciantes de linho, tecidos e especiarias, que contactam frequentemente com colegas da República. Os mais esclarecidos entre eles preferem preceptores para preparar os seus filhos para os estudos superiores à rígida e dogmática escola dos Agostinhos ou dos Jesuítas, apesar do momentâneo revés nas relações comerciais. Afinal, desde 1701 o comercio com a Inglaterra e a República foi muito restringido pelos franceses. Entre os meses de setembro de 1703 e janeiro de 1704 houve mesmo uma proibição para os comerciantes dos Países Baixos do Sul de fazer negócio com Ingleses e Neerlandeses da República, salvo autorização expressa. Mas agora, mesmo se a tomada de Gent pela Grande Aliança não foi tão pacífica como se desejou, a economia está a retomar.

E assim John e Marianne iniciam no fim do verão de 1706 a aventura conjunta de se estabelecer em Gent. A batalha de Ramillies terminou e a frente de batalha junta à costa flamenga também parece menos turbulenta. Contudo, chega aos ouvidos de John que Oostende foi praticamente destruído pelas tropas da Aliança.
John e Marianne irão partilhar uma casa senhorial com um casal com quem John travou amizade durante o seu '*Petit Tour*'. Marianne está grávida do primeiro bebé que irá nascer em fevereiro do ano seguinte. Cheio de alegria, John, com 29

anos e Marianne, com 24, decidem dar o nome de Dieudonné ao filho. O nascimento foi assistido pelo conhecido médico e obstetra Jan Palfijn de quem se tornaram amigos. John é preceptor de alguns dos filhos de colegas de Jan. De Köln vem uma carta com muitas felicitações e com a observação de Henriette que então também podiam escolhido o nome de Jeandonné para o rapaz.

Marianne divide o tempo dela entre amamentar Dieudonné, brincar com ele, e sistematizar as muitas notas acerca de educação e escolarização que John e ela própria possuem. Num dos seus diários ela escreve: "*É agora finalmente claro que a escola para os mais jovens está a tornar-se cada vez mais comum. Em parte, isso deve-se ao conceito de infância que os filósofos e educadores desenvolveram ainda mais nos últimos cem anos. Fica também assente que a própria escola contribuiu para a clarificação da definição do pequeno e jovem ser humano. Na escola, os jovens não são filhos - ou, mais esporadicamente, filhas - dos seus pais, mas crianças de um determinado grupo etário. São jovens, reconhecidamente dependentes de adultos, mas aqui não têm responsabilidades domésticas e estão fora do circuito económico e laboral. Isso é mais o caso dos descendentes de nobres, patrícios e burgueses abastados. Outros jovens e crianças são mantidos no trabalho seja pelos pais por razões de sobrevivência, seja por quem pretende que tem direitos legais sobre eles, por descenderem dos seus servos.*
Como surge a integração da escola na vida de todos? Será que agora é dado às crianças - ou pelo menos a algumas - um outro estatuto que não de filho ou filha in fans? Trata-se de uma nobre

proposta de quem considera as crianças livres do pecado original e nelas vê jovens sedentes de aprender, que muito bem podem interagir uns com os outros, sob orientação de um ou mais adultos? Ou trata-se de uma obrigação arrogante de quem sente o seu poder e a sua autoridade ameaçado de uma ou outra forma? Neste caso, a escola pública da cidade só serviria para a promoção da dependência permanente dos trabalhadores, da pequena gente, dos servos e dos escravos. John mostrou me De ratione studiis puerilis *de Juan Luis Vives, humanista e estudioso de origem espanhol e contemporâneo de Erasmo. Ele critica a escolástica. Mas, simultaneamente, vê a pequena escola como instrumento de combate contra ociosidade e vagabundagem. A escola, diz ele, socializa melhor as crianças do que os pais ignorastes e ensina-lhes o respeito pela ordem. Ao neutralizar a má influência da família - afinal cada criança pobre é um vagabundo potencial e um fardo para a ordem pública - também se pode combater os aspectos negativas de pobreza: a mendicidade, a recusa de trabalhar, a rebelião. A escola pode contrariar o alastramento da vagabundagem. Parece-me ser a receita que posteriormente Démia desenvolveu mais.*
*No entanto Vives fala da necessidade de dispor de meios visuais para ensinar moral e religião às crianças e para ensiná-las a ler. Será a razão pela qual Comenius escreve, depois de citar Vives: '*a teoria é simples e concisa e só oferece prazer; pelo contrário a prática é pesada e consome muito tempo mas é muito útil.*'?*
Estamos a refletir acerca disso."

Naquela época John lê numa edição de sábado do jornal *Antwerpsche Posttijdinge* que Papin finalmente conseguiu

desenhar o modelo de um novo tipo de barco. Segundo esta notícia, Papin apresentou um barco com roda de pás, movido por um cilindro de vapor e força muscular, para unir Kassel com Bremen, através dos rios Fulda e Weser. Mas o projeto do barco com roda de pás foi interrompido pela *Guilda dos Barqueiros de Münden* numa disputa acerca de direitos de passagem e acabou por ser destruído. Segundo a mesma notícia, Papin e família mudaram-se para Londres à seguir a este episódio. John lembra a conversa com o pai e o irmão, feita há dezassete anos, quando subiram o Reno de Köln para Mainz. Ele escreve Pieter e pergunta se há mais informações na *Acta Eruditorum* sobre a invenção do cilindro a vapor, que aparentemente agora funciona de maneira eficaz.

Tempos agitados

Depois da Batalha de Ramillies, Gent passou a ser governado pela Grande Aliança. Mas Luís XIV não se quer dar por vencido sem mais e os habitantes de Gent irão percebê-lo rapidamente. O Rei francês encarregou o neto, o Duque de Bourgogne, para reconquistar Gent e Bruges, auxiliado pelo Duque de Vendôme e as tropas de ambos. Gent volta a ser ocupado pelos franceses em 5 de julho de 1708 o que traz grandes problemas para o Conde Marlborough. O abastecimento das suas tropas vem da Holanda e da Inglaterra. Os bens passam pelo Escalda, por Antuérpia, pelo mar por Oostende, ou por terra, por Bruxelas e Antuérpia. Uma vez que as tropas franceses se colocaram entre as tropas ingleses e tanto o mar (em Bruges) como o Escalda (em Gent) a provisão destas últimas está comprometida.

Mas a Aliança não está parada. O príncipe Eugène de Savoie, regressa de terras germânicas e junta-se ao Conde Marlborough. A nova coligação torna-se agora uma ameaça direta para as tropas de Bourgogne e Vendôme. O Conde de la Motte que comanda as tropas francesas estacionadas em Gent dá a ordem de deixar a cidade, devolvendo-a sem luta ao comando da Aliança.
Os Estados Gerais dos Países Baixos não têm palavras acerca da atitude dos habitantes de Gent, mais propriamente dito, da pouca resistência que houve durante a conquista francesa da cidade. E, embora os vereadores de Gent referem o "*fait de surprise*" para justificar a sua atitude, os neerlandeses prendem alguns dignitários da cidade em guiso de retaliação. Os ingleses vêem o episódio de uma forma mais descontraída. Sugerem não se alienar da população, por razões comerciais. Os Estados Gerais contudo, temem perder prestígio se revogarem a ordem anterior. O compromisso e uma amnistia geral, fazendo com que as pessoas em causa são reabilitadas.

Entretanto Conde Marlborough continua a sua caminhada para Sul e instala junto com Príncipe Eugène o cerco de Lille. Esta cidade dispõe de fortificações modernas e uma grande guarnição francesa. Assim, falta de munições ameaça pôr termo ao cerco. O único abastecimento possível será da Inglaterra pelo mar direção Oostende. Por isso, Marlborough ordena a vinda de um grande comboio a partir dessa cidade costeira. Significa a deslocação de 700 lentos carros ao longo de 16 milhas belgas, atravessando parte da Flandres. O transporte é acompanhado por 6000 soldados a pé e 1500 de

cavalo, sob comando do major geral inglês Webb. Conde de la Motte, que se instalou em Bruges depois de deixar Gent, toma conhecimento do transporte e leva perto de 24.000 soldados para Wijnendale, 5 milhas e meio de Oostende, para interceptar o comboio de carros. Na batalha que segue, ambos os lados perdem imensos soldados, mas a Aliança ganha. O comboio chega a Lille sem outros impedimentos e o cerco é continuado. Três semanas mais tarde, em 22 de outubro de 1708, a cidade cai. As manobras de guerra deslocam-se em direção a Paris. Discretamente as Casas Reais começam negociações para terminar as hostilidades. Por um lado, todos cansaram-se da guerra e, além disso, o custo de manutenção dos exércitos tornou-se demasiado elevado.

A perda financeira provocada pelos movimentos de tropas e os cercos às cidades é seguida por outra. O inverno de 1709 conhece um período de forte e continuado gelo durante três meses. Da Escandinávia até Itália, de França até Rússia, todos os rios e lagos congelem. Em janeiro, a temperatura média de certos locais do Império Germânico só mostra meio grau na escala de Rømer e nos Países Baixos é de 4,8 graus, ainda muito abaixo dos 7,5 graus com as quais o gelo derrete. Nos países baixos a terra congela até mais de três pés de profundidade. O gado morre nos estábulos, muitas árvores de folha caduca fendem devido ao gelo e os viajantes morrem de frio nas estradas. O vinho congela nas pipas nas caves, árvores frutíferas e até carvalhos morrem. E para piorar a situação, pouco antes de começar a gelar, a colheita do trigo foi em grande parte perdida.

Hildegarde já não irá viver o fim oficial da Guerra de Sucessão em 1713. Um ano depois do inverno frio, chega de Frankfurt e de Köln a notícia que ela faleceu no dia 14 de junho. Durante meses, John sente-se devastado, porque a mudança para Gent e os movimentos de tropas, tanto a partir da França como da Valónia e da Baviera, tornaram nos últimos anos as visitas familiares impossíveis.

Belgium Austriacum

Pouco antes do fim oficial das hostilidades entre as Casas Reais, chega a notícia da Inglaterra que Thomas Newcomen desenhou uma máquina a vapor que funciona.
Na Flandres arrastam-se os acordos relativos à liquidação de mútuos endividamentos e recíprocas indemnizações decorrente dos sucessivos cercos e acantonamentos. Gent tem novos problemas económicos, desta vez por causa das taxas de importação e exportação de produtos.
São Petersburgo é oficialmente inaugurado como nova capital da Russia, mesmo sem a sua construção ter sido concluído. Perto de 100.000 trabalhadores forçados perderam já a vida.
John pensa com algum cinismo que, da educação desses trabalhadores e dos seus filhos, nunca se deverá encontrar uma palavra. Escola provavelmente nunca houve, a não ser de quem mais tarde cometeu um crime que o condenou aos trabalhos forçados ou quem foi preso num conflito armado. Quando aborda isso com Marianne, ela observa com tristeza que o mundo continua a funcionar, dependendo de trabalho forçado, servidão ou pior. Nos últimos anos e com o apoio de

Claudius, ela conseguiu entender melhor como funcionam as patentes odiosas quando se trata de negar valores humanos. Uma das razões da falência da *Companhia das Índias Ocidentais* tem a ver com a perda das vantagens associadas ao *Asiento de Negros*, um contrato com a Coroa Espanhola que dá privilégios no que diz respeito ao comercio de escravos negros. Em 1686 decidiu-se em Espanha que este *Asiento* devia beneficiar católicos e não os hereges. Logo, os comerciantes portugueses receberam o monopólio, mesmo se secretamente ainda estava envolvida a Companhia das Índias Ocidentais. Mas em 1701 Jean du Casse conseguiu o *Asiento* para os franceses. Hoje, com a paz de Utrecht, o contrato passa aos britânicos. A última carta que Marianne recebeu de Claudius, pouco antes da sua morte em 1714, inclui um exemplar do *Asiento or contract for allowing the subjects of Great Britain the liberty of importing negroes into the Spanish America, signed by the Catholic King at Madrid*. Este novo *Asiento de Negros* é válido para 30 anos. Os britânicos vão fornecer as colónias espanhóis 4800 unidades por ano. Escravos homens são contados como uma unidade, mulheres e crianças representam uma fracção variável da unidade. A Grã-Bretanha é autorizada de abrir escritórios em Buenos Aires, Caracas, Cartagena, Havana, Panama, Portobello e Vera Cruz para regular o comercio de escravos atlântico. Todos os anos é também autorizado um navio com um máximo de 500 toneladas de mercadoria geral para qualquer um destes destinos. Um quarto do lucro reverte ao rei de Espanha. No início do contrato duas saídas adicionais são previstas. O *Aciento* foi atribuído à

Rainha Ana que não é católica. Marianne sabe que o comercio foi incorporado no *South Sea Company*. Devido a uma possível bancarrota da Grã-Bretanha, é sugerido aos credores da Marinha Britânica de aceitar converter as dividas em ações na nova companhia. Os seus gestores não estão muito animados com o comercio de escravos que, segundo eles, significa perda financeira. Na realidade, a *South Sea Company* desaparece em 1720, mas devido a uma bolha especulativa, baseada em valores fictícios das ações. O *Asiento* que estabelece o monopolio do comercio de escravos com a Espanha é retomado por outra companhia.
Cada vez mais John tem uma sensação de impotência ao ganhar consciência que Conhecimento e Erudição são sistematicamente negados a uma parte da população. O que choca o casal é que o poder e a posse de alguns determina a ignorância e a desinformação de muitos e que isto deve-se em grande parte ao teor da escolarização. Quanto tempo durará antes que a ignorância cultivada escapa ao controlo? E o que serão as consequência?

Meu querido, querido pai,
Que noticia terrível nos chega agora. Quando recebemos a tua mensagem por estafeta, todos começamos a tremer, mesmo antes de Marianne abrir a carta. Os meus dedos não me obedeciam. A mãe faleceu de repente. Setenta anos… De repente, vários dos meus pilares foram se. A avó, Claudius e agora a mãe.
E que terrível golpe para ti, querido pai. Três dos teus fieis parceiros de conversa perdeste, num curto espaço de tempo. Não temos palavras. O que nos consola um pouco é de saber que

retomaste o papel de avô para os filhos de Johannes e de Martin depois do falecimento de Leopold. Esperemos que isso te possa dar um novo sentido à vida.
E as tuas conversas. Sempre que queres debater educação e escolarização sabes que estamos disponíveis. Marianne e eu já reunimos muito material acerca das formas conflitantes com que se trata a educação das crianças. Hipócritas obrigam uns àquilo que eles próprios rejeitariam e rejeitam para si. Os missionários, que estiveram na América e com quem contactamos, contam nos que a população local tem uma expressão que podemos traduzir como 'falar com a língua bifurcada'. *Parece-nos a expressão apropriado para aqueles que aqui falam a partir da sua posição de poder ou com um sentimento de superioridade, quando abordam a educação para os valores cristãos. Infelizmente.*
Querido pai, abraçamos-te nos nossos pensamentos,
Os teus dedicados filho e nora.

Nos anos que seguem, os Países Baixos do Sul adaptam-se à nova realidade. *Belgium Regia* tornou-se *Belgium Austriacum.* As cidades e os ofícios querem em primeiro lugar salvaguardar os direitos e privilégios adquiridos ao longo do tempo. Eugenius van Savoye é oficialmente governador dos Países Baixos do Sul, mas todos os assuntos de governação são na verdade tratados pelo Marquês van Prié. Este exige novos impostos às cidades e questiona os privilégios. Por outro lado, as compensações para os atos de guerra das várias casas reais demoram a chegar. Faz com que muitas cidades entrem em dificuldades financeiras e que a pobreza alastra-se. Mas o poder Austríaco insiste nos novos impostos para construir

novas barragens contra atos de guerra dos vizinhos. Os ofícios e guildas têm poder suficiente para os impedir. E quando os dirigentes austríacos tomam uma posição de forças, as coisas vão para o torto. Marquês De Prié vê-se obrigado de prometer a reintrodução de privilégios antigos. Mas fica-se pelas palavras. A generalidade da população percebe o logro. Eclodem revoltas e tumultos nas ruas de Gent, Antuérpia, Mechelen e Bruxelas. O poderoso decano de guilda Frans Anneensens é preso. Muitos dos dirigentes dos ofícios em Bruxelas têm grandes dúvidas acerca do seu envolvimento nos motins. Mais do que provável, ele não foi o instigador. Porém, segue o seu julgamento num processo simulado e Anneensens é decapitado. Circula o rumor que se trata de um medir de forças, não entre o imperador e os Ofícios reinantes na cidade, mas sim, entre o arrogante Marquês De Prié e os tais Ofícios.

Na Grã-Bretanha, o Eleitor de Hannover sucede à Rainha Ana, sob o nome de Jorge I de Inglaterra. A Casa Real britânica passa para mãos germânicas sem guerras ou derrame de sangue…
E de Köthen, local de nascimento do avô de John, chegam notícias musicais. Aí, aos 31 anos de idade, Johann Sebastian Bach foi nomeado *Kapellmeister* na corte do monarca Leopold de Anhalt-Köthen, amante da música. O seu salário equivale o de marechal, o segundo mais alto funcionário da corte. John consegue apreciar o facto que quem compõe boa música é tão valorizado. Talvez os sábios, atirados pelas academias e, quem sabe, um dia também os mestres-escolas, serão mais bem pagos. Deverão certamente ter que aperfeiçoar a arte do

ensino, o que pode demorar.
Dos amigos do *Collegium Medicum Gandavense,* John e Marianne ouvem uma notícia esperançosa para o grande número de vítimas da varíola. A mulher do embaixador britânico em Constantinopla, Lady Mary Wortley Montagu tomou aí conhecimento que na China, desde há bastante tempo, são introduzidas crostas secas das pústulas da varíola no nariz das crianças. Na sequência do tratamento, ficam ligeiramente doentes, mas a maioria delas já não apanha a doença propriamente dita o resto da sua vida. Lady Montagu é sobrevivente da varíola, apesar de ter ficado cega num olho. Por isso, deixou aplicar no seu filho com sucesso a técnica, que agora tem o nome de va-riolação. Isso, por sua, vez levou a ensaios sobre condenados a morte. Uma comparação mostra que se, entre os que não receberam o tratamento, três em cada dez pessoas morrem, entre os que receberam o tratamento, a taxa de mortalidade baixa para três em cada cem.

Oostende

A família Lesmeister-Grünen continua a viver em Gent até 1723. Durante este tempo, Dieudonné, agora com 16 anos, viu nascer uma irmã e um irmão, agora com 12 e 10 anos.
Estamos no verão, quando a família vem ocupar uma ampla casa no *Kaaistraat*. Interrompendo a azafama da mudança e instalação, a família decide sair para um passeio de tarde. É um dia ensolarado e caminha-se em direção ao porto. Está a atracar um barco com carga proveniente da India Oriental. Para algumas famílias, o regresso do barco não é festivo. Entre

lagrimas e lamentos, mães, esposas e crianças são noticiadas da pouca sorte de dois homens que caíram bordo fora, ao contornar o Cabo das Tempestades. Antes que o resto da tripulação se junte às respectivas famílias, todos seguem em silêncio até a capela dedicada à Bem-Aventurada Virgem Maria do Loreto. O capelão do navio e um dos padres da Igreja dos Capuchos celebram uma missa de agradecimento pelo seguro retorno do navio e da maioria de sua tripulação, que foi poupada de piratas e naufrágio. Reza-se também pela alma dos dois homens que perderam a vida no mar. Alguns membros da tripulação apresentam feios sinais sangrentas na pele e na boca devido ao escorbuto. Porém o cirurgião-barbeiro presente assegura-lhes que deverão curar por completo, desde que, agora em terra, se alimentam com muito *pomodoro* e patata.
Depois da missa de agradecimento ninguém tem pressa para ir para casa. Há muito que contar. Do timoneiro, John aprende que na viagem de ida tiveram um encontro com um navio holandês. Da sua tripulação aprenderam que há pouco mais de um ano, no domingo de Páscoa, outro navio holandês, conduzido por Jacob Roggeveen acostou numa ilha no *Pacificum Mare*, onde, pelo seu conhecimento, ainda não tinham atracados navios holandeses, britânicos ou franceses. O local que recebeu o nome de Ilha da Páscoa parece estar habitado por pessoas que foram amáveis com a tripulação.

John e Marianne estão satisfeitos com a sua decisão de terem mudado de cidade para viver na costa. Esperam ter encontros frequentes com tripulações de navios que lhes

podem informar acerca dos seus encontros com outras culturas. Para Dieudonné, a mudança para Oostende não tem grande significado. Mal instalado, irá, como já estava decidido, algum tempo para Utrecht e depois para Leuven onde estudará principalmente filosofia. O seu irmão começa a *Escola Latina* no colégio dos Oratorianos. Para a sua irmã, nesta pequena cidade da católica *Belgium Austriacum*, o ensino domiciliário é a unica opção.
John já tinha em Gent seguido algum tempo as discussões acerca da reconstrução de Oostende e dos planos mais antigos para constituir uma companhia local para o comercio com a India. Entre 1718 e 1722 comerciantes de Antuérpia, Gent e Oostende iniciam sob o nome de *Oostendse Oost-Indiëvaarders*[1]. Organizam viagens para a India e para Mokka. De facto a atividade começou ainda mais cedo. A partir de 1715, imediatamente depois do definitivo fim da Guerra da Sucessão Espanhola e após a conclusão da paz de Utrecht, que colocou os Países Baixos do Sul sob a autoridade da casa real austríaca, empreendedores marítimas privados começaram a fretar navios para a Ásia. Foi o caso do *Prince Eugène*, do *Marquis de Prié* e do *Saint-Mathieu*. Os nomes dos capitães Gollet de la Merveille, De Winter, Bécu e Filips van Maastricht não são desconhecidos neste meio. Em 1715 dois navios saíram para a Índia, em 1716 um também rumou para a China. O manifesto do *Le Grand Dauphin,* que atraca em Oostende em outubro de 1717, fala de um grande carregamento de chá e seda e uma pequena quantidade de porcelana chinesa. O resto é identificado como

---

[1] Marinheiros de Oostende navegando para a India Oriental

chinoiserie. Trata-se de objectos em madeira lacada, madre-pérola, raízes mágicos e outros artigos sem grande utilidade. É o último grande navio a entrar em Oostende nesse ano, antes das tempestades de inverno que mesmo assim não afectaram o porto. A maré de Natal fez sobretudo estragos mais a Norte. Em 1718, um navio ruma para Suratte, outro para Bengala. Em 1719 sete navios rumam para a Índia, prevendo-se o crescimento da atividade.

Em 1723, chegou finalmente o momento para qualquer residente de *Bélgica Austriacum* poder comprar ações da *Generale Keizerlijke Indische Compagnie*[1]. O capital que se eleva a 6 milhões de florins é subscrito em dias. Quase todos os subscritores vivem nos Países Baixos Austríacos e dois terços são habitantes de Antuérpia. John subscreve duas ações indivisíveis de 1000 florins cada. Trata-se de um investimento relativamente grande. O preço dessa duas ações corresponde aproximadamente a dez salários anuais de um mestre-escola de aldeia na *Belgium Fœderatum*. Em pouco tempo as ações vão ter um rendimento anual 15 florins para cada 100. A subscrição vinda do estrangeiro é fraca, porque, logo em 1723, é decretado na França, na Grã-Bretanha, na Holanda e na Flandres Zeelandês, a proibição de servir, investir ou desenvolver atividades comerciais com a *Generale Keizerlijke Indische Compagnie,* ou seja com a Companhia de Oostende. Até nos meios académicos, nas faculdades de direito, existem disputas acerca da Companhia, quando se aborda o direito da

[1] Companhia Geral Imperial das Índias, popularizado sob o nome de Oostendse Compagnie ou companhia de Oostende.

livre circulação em águas abertas. John toma conhecimento dum episódio que Dieudonné presencia na faculdade de direito de Utrecht com o estudante Nicolas Hupka de Frankfurt-am-Main. Dieudonné escreve ao pai: ‘*depois da terceira ronda de perguntas ao Nicolas e antes que o presidente pude propor a votação, o promotor, o bem nascido Senhor Otto, levantou objeção. A seu ver, um dos ajustes que o candidato havia acrescentado à sua dissertação era inadequado, pois não parecia estar em consonância com a situação política vigente. O conteúdo desse ajuste era que, segundo o direito internacional, será para uma vez e sempre admissível e permitido a todos os povos, e portanto também aos povos da Bélgica Austríaca, celebrar um acordo marítimo com fins comerciais para as Índias distantes. Agora, a comissão sondada pelo presidente, pensa que esta questão irá antagonizar os Belgas das Províncias Unidas aos Belgas do Território Austríaco, pelo que este ajuste é inoportuno e intolerável, porque pode levar à suposição que nós, aqui, assumimos o direito de tomar uma decisão judicial nesta disputa. Assim, entendemos que o candidato não deverá promover a doutorado, caso essa revisão não for retirada na reimpressão das duas páginas que contêm os ajustes, e se o candidato não prometer que fará isso. Nicolas concordou em fazê-lo e foi promovido a doctor Juris utriusque*.’

Mas o problemas virá de outra frente, mais perto de casa. Na altura o Imperador Carlos VI prepara o que será conhecida como a sanção pragmática. Trata-se de uma construção jurídica em prol de interesse familiar próprio: Segundo o imperador, é legítimo que o trono Habsburgo seja herdado por uma mulher.

Ele quer assegurar assim a sua sucessão pela filha, para que o património Habsburgo fique indiviso na posse da família. Na negociação que segue, essa sucessão será só aceite pelas outras grandes casas reais europeus, contra o fim oficial da Companhia, exigido como moeda de troca. A companhia e o seu imediato sucesso comercial foi sempre mal visto pela Coroa Britânica e pelos Estados-Gerais que vêem agora a oportunidade de impor uma compensação pela regulação da sucessão imperial. O Imperador aceita, apesar de os governadores austríacos e o próprio imperador inicialmente terem apoiados a companhia.

John encontra nos arquivos da companhia um texto sobre toda a disputa:
Os Estados-Gerais querendo com toda força suportar as companhias das Índias Oriental e Occidental, aplacaram em 24 de junho de 1723 que se proíba a todos os seus súbditos de participar direta- ou indiretamente no comércio de Oostende e de aceitar serviço nos navios desta companhia. Todo recrutamento para a referida companhia é proibido sob pena de punição corporal e exílio eterno.
São proibidos de aluguer, comprar ou equipar barcos para a companhia; de possuir ações da companhia, sob pena de confisco de quatro vezes o valor da ação; de, na qualidade de corretor, se interessar pelo comércio de ações, sob pena de multa de 1000 florins.
O parlamento francês e o inglês subscreveram as exigências da Belgium Fœderatum. A pedido do Senhor Hope, o Rei da França publicou em Agosto de 1723 ordens parecidas para os seus

súbditos. E para provar que o Rei tomava o assunto a sério, ele deu a ordem ao magistrado de Dunquerque de fazer o processo de Balthazar Ronse, Cajaphas e Carpentier, três súbditos do Rei e habitantes da cidade que, ao serviço da companhia de Oostende tinham cada um zarpado para a Índia Oriental. Na Inglaterra a câmara baixa tomou uma decisão parecida e proibiu severamente sob confisco de bens e outras penas pesadas, excepto a morte, de participar na Companhia de Oostende.
Apesar de todas essas dificuldades e contratempos, o comércio não pára de crescer em Oostende e os armadores flamengos e brabantes insistem sem se cansar junto à corte de Viena que o Imperador autorize a criação de uma companhia de comércio. O seu pedido foi tão fortemente suportando pelo príncipe Engenius de Savoye e marquês De Prié, que o Imperador assinou as cartas abertas da patente, no dia 19 de dezembro de 1722 em Viena. Contudo, só no mês de junho do ano seguinte foram enviados para Bruxelas para entrarem em vigor.

Pouco antes da chegada de John e família, Oostende conta com pouco mais de 6800 habitantes.
A cidade conta com mais tavernas do que escolas. Perto da casa dos pescadores há o *Almirante de Flandres*, *A Rainhazinha* e o *Leão Dourado*. Frente à casa dos pescadores, na rua São Francisco, encontra-se a *Taverna O Anjo*, onde foi recrutado a tripulação para o navio para a Índia Oriental *A Imperatriz* com o capitão Jan Willemsen, para uma viagem para Mokka. Da Rua do Oeste até a Porta Oeste encontramos *A Águia Dourada*, *A Mão Dourada* e *A Cabeça Dourada*. Mais ouro encontra-se perto do hospital, com o *Dragão Dourado* e *O Coração*. Na Rua

Longa situam-se *A Refeição do Barqueiro* e *O Forno Escaldante*. Na Porta do Cais ficam *A Fonte* e *O Velo de Ouro*, na Rua do Cais *A Coroa*. No Oostmolenwal há *Os Três Peixinhos* e perto da Rua dos Capuchos encontramos o *Pastor Verde*. Na Praça Nova ainda há a *Maçã Dourada.* E nessa praça encontra-se também a unica iluminação nocturna de Oostende: dois candeeiros de óleo fumegam junto à Câmara Municipal.

Mas Oostende é um bom local de trabalho para John e Marianne. Não só organizam entre 1723 e 1730 as suas próprias cartas e notas, mas também todas as cartas e notas que receberam ao longo dos anos de Wolfgang, Hildegarde e Claudius. Também pedem ao pai de John de lhes fazer chegar o que considera ser útil para a *Opera Omnia* que estão a preparar sobre a educação das crianças. Marianne seguiu o conselho que Claudius fez em tempos a sua sogra e visita a *beguinage de Bruges*. Aí conhece a jovem Begga de Bruges. As mulheres iniciam uma frequente correspondência. Entretanto John continua a recolher histórias dos marinheiros que ouve nas tabernas. Ambos continuam também a corresponder com vários pontos da Europa. Marianne organiza tudo.

Livro de Notas IX de Marianne Grünen:
"Ouvi de Begga de Bruges
<u>Portugal</u>:
De 1668 até 1720, 13 mestres de crianças foram apresentados ao tribunal do Santo Ofício em Lisboa, Coimbra e Évora, com idades entre 20 e 58 anos. Só quatro eram cristãos velhos e de só um entre eles, o pai também era mestre de crianças. A maior parte

tem segundas ocupações.
França
Os jesuítas administram em 1619 36 escolas, em 1640 já são 93. Aproximadamente todo o Reino de França está coberto. Por outro lado, só existem 14 colégios protestantes, todos na crescente reformada. Os jesuítas lideram sobre os Oriatorianos e os Padres Seculares da Doutrina Cristã, com um terço das escolas franceses superiores e com 40.000 estudantes, ainda que as duas outros congregações têm algum sucesso.
Os Irmãos das Escolas Católicas abriram na França entre 1678 e 1719 22 escolas, sobretudo na zona Norte do Reino. Ao longo do século anterior quase todas as congregações católicas procuraram celebrar contratos com cidades para edificar ou retomar colégios.
Espanha
Em Madrid, o Estudio onde Cervantes foi aluno, tornou-se Colégio Imperial dos Jesuítas há cem anos. Naquela altura, a ordem já possuía 110 instituições, sobretudo em Castela."

Querido pai,

Marianne e eu estamos muito empenhados na preparação da nossa Opus Omnia *na qual queremos deixar a visão que temos acerca da educação e do ensino. Pensamos que ainda precisamos de dois a três anos de trabalho. Mas já decidimos que iremos dedicar o nosso trabalho a ti e à mãe e não a um ou outro dignitário local. Já temos contactos com editores de Amsterdão e de Leipzig, mas obviamente iremos também consultar a nossa família de Frankfurt. Pensamos que só poderemos publicar o nosso trabalho onde a igreja católica e o seu* Index Librorum Prohibitorum *não tem influência.*

No mês passado estivemos a analisar todo o Conduite des Écoles Chrétiennes *de La Salle. Trata-se de um documento esclarecedor. As escolas em questão impõem uma camisa de força intelectual às crianças e aos jovens, nem mais. Quanto ao ensino em si, é como se Erasmo e Comenius nunca tivessem existido. O que não é para nós uma grande surpresa. Não existe uma única referência ao ensino visualmente atrativo, nem a Vives. Só encontramos regras instrutivas precisas. Estas começam com uma imposição de um mínimo de comunicação oral. A ideia é que palavras só devem ser usadas para dar a lição.*

'Le premier maître ou Inspecteur des écoles aura soin de commettre un écolier des plus sages pour remarquer ceux qui feront du bruit pendant qu'ils s'assemblent, et cet écolier ne fera alors que remarquer sans parler, et dira ensuite au maître ce qui se sera passé sans que les autres s'en puissent apercevoir.*'*

A este propósito, há um capítulo com 41 regras em como usar sinais para evitar que o mestre tem que falar. Até as punições são preferencialmente administradas sem recorrer a palavras:

'Correction Par parole: Comme une des principales règles des Frères des Écoles Chrétiennes est de parler rarement dans leur école chrétienne, l'usage de la correction par parole y doit être très rare; il semble même qu'il est beaucoup mieux de ne point s'en servir du tout'.

Os tempos escolares são determinados com muita precisão e iniciados por sinais precisos. Para cada momento existem rituais próprios, como por exemplo para o início do dia: 'Les écoles se commenceront toujours à huit heures du matin précisément, et

après-midi à une heure et demie. Au dernier coup de l'heure de huit heures et au dernier timbre d'une heure et demie, un écolier sonnera la cloche des écoles, et, au premier coup de cloche, tous les écoliers se mettront à genoux, les bras croisés dans une posture et un extérieur très modestes.’

Nada é deixado ao acaso, nem mesmo as variações na recolha de pão para os pobres:

‘S'il y a plus ou moins de pain dans le panier que ceux qui sont pauvres n'en puissent manger raisonnablement, le maître s'informera du Frère Directeur, de ce qu'il devra faire dans ces occasions.’

Há nove tipos de lições, cada uma submetida a regras muito precisas. As lições são:

‘1ère leçon: La carte d'alphabet; 2ème La carte des syllabes; 3ème Le syllabaire; 4ème Le premier livre; 5ème Le second livre dans lequel ceux qui sauront parfaitement épeler commencent à lire; 6ème Le troisième livre qui sert à apprendre à lire par pauses; 7ème Le psautier; 8ème La Civilité; 9ème Les lettres écrites à la main.’

Os mestres não podem mudar nada às lições definidas.

‘Les maîtres ne changeront jamais ni de leçon, ni d'ordre de leçon, aucun écolier de leur classe; ils présenteront seulement à l'Inspecteur ceux qu'ils croiront en état d'être changés.’

‘Le maître prendra surtout garde de ne se point familiariser avec les écoliers, de ne leur point parler d'une manière molle et de ne pas souffrir que les écoliers lui parlent qu'avec un très grand respect.’

Os mestres também não determinam portanto quando uma

criança muda de lição. Propõem ao inspector ou Primeiro Mestre, que toma a decisão. Os desvios da regra padrão, para quando uma criança se mostra em dificuldades, obedecem a estritas regras gerais:

'Lorsque quelqu'un aura de la difficulté à retenir une lettre, il la lui faudra faire répéter plusieurs fois de suite, et on ne le changera pas de ligne, qu'il ne sache parfaitement cette lettre aussi bien que toutes les autres.'

A leitura começa com a memorização dos nomes das letras e para o fazer existem cinco regras precisas, nomeadamente para pronunciar corretamente as letras e não autorizar variações dialéticas. Até a quinta lição, as crianças não podem ler, mas só memorizar.

'Dans le syllabaire, les écoliers ne feront qu'épeler les syllabes et ne liront point; il sera nécessaire de leur faire connaître d'abord ces difficultés qui se rencontrent dans la prononciation des syllabes, et qui ne sont pas petites dans le français; il faudra pour cela que chaque maître sache parfaitement le traité de la prononciation.'

Como não é permitido aos alunos de ler antes de começar o segundo livro na quinta lição, as orações devem portanto ser memorizadas.

'Les écoliers qui apprennent les lettres ou syllabes dans les cartes ou dans le syllabaire, et qui épellent et lisent dans le second livre, répéteront les prières pendant le déjeuner et goûter, non seulement les deux premiers jours de la semaine, mais aussi les deux jours auxquels ont doit répéter le catéchisme.'

Antes da idade de 10 anos não se escreve.

'On fera en sorte que les écoliers n'apprennent pas à écrire qu'ils n'aient atteint l'âge de dix ans.'

Existem mais duas condições para aprender a escrever. Por um lado, as crianças devem trazer o seu próprio papel no qual farão os exercícios de escrita e, por outro lado, devem primeiro saber ler francês e latim.

'Lorsque les écoliers sauront parfaitement lire, tant dans le français que dans le latin, on leur apprendra à écrire, et dès qu'ils commenceront à écrire, on leur enseignera à lire dans le livre de la Civilité.'

As recompensas são estritamente regulamentadas e têm a ver principalmente com comportamento cristão ou bom. As recompensas têm três graus, iniciando com o mais alto:

'- des livres
- des images de vélin, des figures de plâtre, comme des vierges, des agnus et autres petits ouvrages faits à la main,
- des images de papier et des sentences en gros caractères.'

Acerca das punições e dos procedimentos para as punições existam não menos que 188 regras. A primeira estipula que tipo de punições existem: 'Par parole, par pénitence, par férule, par les verges, par le martinet, en chassant hors de l'école'

Já antes falei do uso da palavra. É a punição menos usada, uma vez que, em regra, se evite falar. Por outro lado, existem quinze regras sobre o uso da palmatória e mais do que trinta acerca do uso da verga e o chicote, do género:

'Le martinet est un bâton long de huit à neuf pouces, au bout duquel il doit y avoir quatre ou cinq cordes; au bout de

chacune desquelles il y aura trois nœuds. Il doit être fait en cette forme. On s'en servira pour donner le fouet aux écoliers.'
Só quando chegamos ao livro da Civilité é que se inicia a aritmética e que a literatura e a história são ensinadas. Naquela altura as crianças já têm pelo menos 10 anos, uma vez que a Civilité só é aberta quando se começa a escrever. E aqui não há Mouro na costa, mas Cristão hipócrita. Porque significa que a maioria das crianças do povo não iniciarão a escrita ou aritmética. Naquela idade, já frequentemente trabalham num ofício ou tornam-se empregadas e serventes. Assim também nem iniciam sequer a literatura escolhida e autorizada, para não falar de alguma forma de conhecimento ou de erudição. Os Irmãos das Escolas Cristãs, protegem eventualmente as crianças pobres de aventuras malignas com as Conduites *de Jean-Baptiste La Salle, mas, até aos dez anos, não lhes é ensinado muito mais do que memorizar letras e orações, possivelmente complementada pela leitura de provérbios edificantes e fragmentos de texto. E sofrem uma solida instrução acerca de punição e recompensa. Também se alega que uma das inovações das Escolas Cristãs é que as crianças agora aprendem a ler na sua própria língua. Não é verdade, não se trata de uma inovação. Tanto a Petite École de Port-Royal como Ratke e Comenius já o fizeram, os dois últimos obviamente não com o francês com a língua local. Avô Wolfgang falou-nos muitas vezes a este respeito. Continuamos a procurar informações acerca da aulas dirigidas a turmas, em vez de ensino individual.*
Querido pai, vês que, mesmo procurando manter a mente aberta quando identificamos modelos para a formação de mestres de

aulas e mestres-escolas, não podemos evitar de constatar que há cristãos que propõem modelos que prendem as pessoas e não as libertam, embora teólogos afirmam frequentemente o contrário quando discutem a iniciação a deus e a religião. Não sei se isto significa que demasiado poucos teólogos se ocupam da didática e da matética, ou se só é pretendida uma libertação metafísica da alma.

Outras novidades de Belgium Austriacum para terminar. Parece que pouco a pouco as cidades voltam a ganhar um certo equilíbrio financeiro. Os nossos amigos de Gent contam-nos que os elevados custos para a cidade, decorrentes da ocupação pela Aliança e pelos franceses foram estimados em aproximadamente 117.000 a 233.000 florins. Depois de muito pechinchar o governo francês conseguiu reduzir a verba para menos de 50.000 florins. Esta verba foi paga em prestações, até 1725. Mesmo assim, dizem os amigos, a metade das perdas sofridas sempre foram pagas. Claro que isto não compensa os sacrifícios pessoais que o povo teve que fazer durante as sucessivas ocupações. Aqui em Oostende a situação é outra. Como sabes, a cidade foi quase reconstruída por completo, depois da destruição de 1706. E graças a Companhia de Oostende não falta neste momento comércio nem atividade portuária. Mas continua a ser uma cidade pequena para os nossos filhos. Dieudonné acaba de chegar de Leuven e prepara-se para, de aqui uma semana, viajar para Paris. Johannes está em Leuven e Maria passa mais tempo com Begga em Bruges, do que cá em casa.

O teu dedicado filho John e dedicada nora Marianne.

Querido filho,

Parece-me claro que falta muito para conseguirmos realizar o sonho de Comenius. Não todos têm acesso a tudo que é sabido. E muitos que se apropriam o poder, seja qual for a sua natureza, contribuem para manter as desigualdades.

Talvez tens interesse em saber o que me disseram acerca da Russia. Aí foi elaborada o Tchin, a tabela de classificação, que define o grau de dignidade da nobreza baseada em funções hierarquizadas. Há 14 graus, dos quais os 8 mais elevados definem a nobreza hereditária. Pedro o Grande fez concessões aos nobres locais, que agora assumem o governo local. Em troca, recebe garantias de 7 anos de serviço militar, 10 anos de serviço civil ou 15 anos de serviço no comércio e na indústria. Entretanto vão surgindo escolas, mas a servidão e semi-escravidão existe em todo lado e aumenta. A pequena propriedade desaparece enquanto o latifúndio beneficia a posse e o poder de uma minoria.

Da Grã-Bretanha ouvi que o Asiento *não é afinal tão deficitário como os gestores da então desastrosa South Sea Company deixaram transparecer. Os caçadores de escravos continuam a comercializar pessoas como bens, não só para proprietários espanhóis, mas também para proprietários britânicas que ocuparam o que hipocritamente se chama o Novo Mundo.*

Uma pequena notícia de família para acabar. Martin comprou um piano-forte. O som do instrumento é bem mais agradável ao meu ouvido envelhecido do que o do clavecino. Fiquei muito contente de ter o prazer de regularmente ouvir tocar os filhos de Martin. Concentram-se sobretudo num livro com preludes e fugas em todas as 24 tonalidades que Johann Sebastiaan Bach

publicou, na nossa velha Köthen em 1722. Diz-se que Bach o fez para ter um manual para dar aulas de teclado. Aqui, na casa de Martin para já resulta bem.

O teu pai que te ama,

Pieter

Fim do Volume 02

Uma estranha carta

Querido Pascal

Aproveitámos uma pequena falha no continuum do espaço tempo para te fazer chegar uma saga dinástica de educadores, pedagogos e antropogogos que foi publicado pela primeira vez em 122.15 (calendário holoceno), o que corresponde ao ano 2215 segundo a contagem do calendário que vocês usem no vosso século XXI.

A dinastia percorre 20 gerações, desde 1630 até 2222 no vosso calendário.

Quando pesquisámos o teu século encontrámos o teu nome e sabemos do teu interesse pela aprendizagem dialogada, razão pela qual te solicitamos a disponibilização dos documentos à medida que te os conseguimos fazer chegar.

Fica descansado. A falha no continuum não irá provocar nenhuma alteração ao passado e ao futuro das pessoas. Só permite o envio de documentos.

Em nome da equipa de co-autores,

Maria Liber

Babitha Chakma é historiadora. Escolheu a relação opressor - oprimido como campo de estudos. Babitha estudou também a influência da arrogância dos governadores dos hectanos 117 e 118 da Zone 2 Oeste no sofrimento da população local das zonas colonizadas.
Delun Huang interessa-se pela história da palavra impressa e a interação dialogada. De momento recolha informação acerca de Claudius Cardinalis e outras figuras críticas em relação ao poder em matéria de fé e religião.

Neste segundo volume da saga Magister-Auctor conhecemos as primeiras três gerações desta dinastia de antropogogos. Seguimos as conversas de Wolfgang, Pieter e John, a sua família e os seus amigos, com as guerras religiosas, a crescente escravatura e servidão e a evolução das províncias do norte e do sul dos Países Baixos como pano de fundo. Também seguimos a implementação gradual da escola de 1630 AD até 1730 AD. Para humanistas e intelectuais é o lugar para tratar conhecimento e erudição como um bem comum, para quem tem poder é o meio para facilitar a submissão forçada do povo em geral.